

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
COLÉGIO TÉCNICO INDUSTRIAL DE SANTA MARIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E  
TECNOLÓGICA

Suzel Lima da Silva

**HISTÓRIA ORAL DE VIDA DE PROFESSORES DA ÁREA DA SAÚDE  
DE CURSOS PARTICULARES DE NÍVEL TÉCNICO DE SANTA  
MARIA/RS**

Santa Maria, RS  
2021

**Suzel Lima da Silva**

**HISTÓRIA ORAL DE VIDA DE PROFESSORES DA ÁREA DA SAÚDE DE CURSOS PARTICULARES DE NÍVEL TÉCNICO DE SANTA MARIA/RS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), para a obtenção do título de **Mestre em Educação Profissional e Tecnológica**.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Nilton Gomes de Oliveira

Santa Maria, RS  
2021

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor (a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Lima da Silva, Suzel  
HISTÓRIA ORAL DE VIDA DE PROFESSORES DA ÁREA DA SAÚDE  
DE CURSOS PARTICULARES DE NÍVEL TÉCNICO DE SANTA MARIA/RS  
/ Suzel Lima da Silva.- 2021.  
153 p.; 30 cm

Orientador: Francisco Nilton Gomes de Oliveira  
Coorientador: Amara Lúcia Holanda Tavares Battistel  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Colégio Técnico Industrial, Programa de Pós  
Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, RS, 2021

1. Formação profissional tecnológica 2. Formação docente  
3. Profissional da saúde 4. Rede de ensino privada I.  
Gomes de Oliveira, Francisco Nilton II. Holanda Tavares  
Battistel, Amara Lúcia III. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

---

© 2021

Todos os direitos autorais reservados a Suzel Lima da Silva. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

Endereço: Rua José de Souza Lima, n. 138, Bairro Parque Sarandi, Santa Maria, RS. CF 97095-340

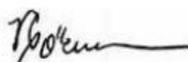
Fone: (55) 98113-1751; E-mail: [suzellima2@gmail.com](mailto:suzellima2@gmail.com)

Suzel Lima da Silva

**HISTÓRIA ORAL DE VIDA DE PROFESSORES DA ÁREA DA SAÚDE DE CURSOS PARTICULARES DE NÍVEL TÉCNICO DE SANTA MARIA/RS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), para obtenção do título de **Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.**

**Aprovada em 09 de setembro de 2021.**



---

**Francisco Nilton Gomes de Oliveira, Dr. (UFSM)**  
(Presidente/Orientador)



**Amara Lúcia Holanda Tavares Battistel, Dra. (UFSM)**  
(Coorientadora)



---

**Fabíola Holanda Barbosa Fernandez, Dra.**  
(Faculdade São Leopoldo Mandic)



---

**Vantoir Roberto Brancher, Dr. (IFFar)**

Santa Maria, RS  
2021

## AGRADECIMENTOS

A elaboração deste trabalho não teria sido possível sem a colaboração, estímulo e empenho de diversas pessoas. Assim, gostaria de expressar toda a minha gratidão e apreço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para que esta pesquisa se tornasse uma realidade. A todos quero manifestar os meus sinceros agradecimentos.

Em primeiro lugar, a **Deus**, pela saúde em um momento tão difícil de pandemia, em que senti a perda de pessoas queridas e me senti tocada pela dor de tantas outras famílias que se desestruturaram e que continuam a perder seus entes queridos.

Aos meus pais, **Sidnei e Carmen**, que me deram educação até a graduação, a qual proporcionou a continuidade nos estudos até à chegada a este mestrado, os meus eternos agradecimentos. Contemplo aqui, minha irmã gêmea **Suelem**, muito obrigada por estar comigo nas vitórias e derrotas!

Ao meu esposo **Giangrei**, meu grande amigo e companheiro de vida. Já há 15 anos juntos, vem me apoiando incondicionalmente, aguentando minhas ausências, revelando a cada gesto que eu fiz a escolha certa no amor. TE AMO, TE AMO!

A amiga e mestra **Amara Holanda**, eternamente honrada pela convivência. Como professora foi o expoente máximo, abriu-me horizontes, ensinou-me principalmente a pensar e me sensibilizar pelas histórias dos demais. Foi, e é fundamental na transmissão de experiências, na criação e solidificação de saberes, contribuindo muito nos meus pequenos sucessos. Como amiga é o que todos desejamos, está sempre ao nosso lado sem precisarmos pedir o que quer que seja.

Ao meu orientador, Professor **Francisco Nilton Gomes de Oliveira**, para quem não há agradecimentos que cheguem. As considerações nas orientações do trabalho e na vida foram ímpares. Estou grata também pela liberdade de ação que me permitiu, que foi decisiva para que este trabalho contribuísse para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Aos **colaboradores** desta pesquisa, cada um de vocês teve uma representatividade ímpar em minha construção como pesquisadora. Muito obrigada por aceitarem o meu desafio e serem verdadeiros em seus relatos. Vocês são pessoas e profissionais inspiradores!

Aos poucos amigos que tenho, especialmente, à **Josiane** que me escolheu como parceira de escrita, agradeço a amizade e o carinho que sempre me disponibilizou.

A **CAEd- Subdivisão de Acessibilidade**, meu *locus* de atuação no período do mestrado. Aprendi tanto, amadureci muito mais! Não farei distinção de nomes, pois todos que ali conheci

foram importantes. Muito além das questões de inclusão, aprendi que precisamos trabalhar em equipe para que os sujeitos que passam por nós consigam seguir sem nós!

Ao programa de mestrado **PPGEPT**, gratidão por ter me revelado a potência da EPT, e por me fazerem vislumbrar minhas contribuições para o contexto. A abordagem interdisciplinar fez ainda mais sentido nessa caminhada. Um carinho especial aos professores **Mariglei Severo**, **Claudemir de Quadros** e **Claúdia Barin**, grandes mestres sempre disponíveis, incentivadores de diálogos, difusores de novas abordagens de ensino-aprendizagem e inovadores.

Estendo meu afeto à **Gládis Borim**, exemplo de servidora da UFSM, secretária do PPGEPT, que está sempre disposta a ajudar! Graças às suas orientações, minha ansiedade foi amenizada nessa caminhada.

Aos **colegas** que ingressaram comigo no mestrado, minha gratidão pelas trocas, pelas amizades que ficam depois desse nosso encontro. Desejos de sucesso para cada um!

E por fim, à minha banca, professores ilustres e de grande sabedoria, **Vantoir Brancher** e **Fabiola Holanda**. A partir da nossa aproximação, meu olhar para a pesquisa ficou muito mais leve. Gratidão por fomentar a formação continuada como essencial a todos!

Sem mais, a todos obrigada por permitirem que esta dissertação seja uma realidade.

*Não sei como pareço aos olhos do mundo, mas eu mesmo vejo-me como uma simples menina que brincava na rua e se divertia em encontrar uma pedrinha mais lisa uma vez por outra, ou uma flor colorida na pracinha do bairro como de costume, enquanto o grande mundo de verdade se estendia totalmente inexplorado diante de mim.*

*(Autor desconhecido)*

## RESUMO

### HISTÓRIA ORAL DE VIDA DE PROFESSORES DA ÁREA DA SAÚDE DE CURSOS PARTICULARES DE NÍVEL TÉCNICO DE SANTA MARIA/RS

AUTORA: Suzel Lima da Silva

ORIENTADOR: Francisco Nilton Gomes de Oliveira Battistel

COORDINADORA: Amara Lúcia Holanda Tavares

Para esta pesquisa, levou-se em conta o atual cenário da educação no Brasil, em que convergem estudos frente a melhorias no ensino, voltadas para inovações nas práticas docentes. Algumas instituições começam a valorizar os saberes individuais do professor, e tais mudanças, por parte dos gestores da rede privada, apresentam reflexões e discussões somadas às práticas pedagógicas inovadoras. No contexto da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), fazem-se reflexões acerca das relações diretas que vivências e experiências adquiridas ao longo da vida profissional, podem definir a atual situação do sujeito que é professor, atuante em instituições com esse perfil. Partiu-se, então, da perspectiva frente à falta de formação para a docência na EPT, bem como a não obrigatoriedade da formação em licenciatura para exercer tal papel. Considerando o exposto, a pesquisa teve como objetivo investigar como ocorre a formação de professores de escolas técnicas privadas atuantes em cursos técnicos da área da saúde. E, por meio desse aprofundamento nas histórias de vida, foi possível discorrer a trajetória de formação dos professores, verificando o que eles identificam como realização profissional docente. Quanto aos aspectos metodológicos, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, fazendo uso do método História Oral de Vida (HOV) de Meihy e Holanda (2007) e, para análise dos dados, a Análise Textual Discursiva de Moraes e Galiazzi (2006). Os colaboradores da pesquisa, foram quatro professores que atuam em cursos da saúde na rede privada da EPT de Santa Maria/RS. Em virtude da pandemia Covid-19, as entrevistas ocorreram em meio virtual, nas quais os colaboradores narraram suas trajetórias formativas profissional e docente na EPT. Os achados da pesquisa reforçam as fragilidades dos processos formativos de profissionais da área da saúde para a carreira docente, pois todos os colaboradores narraram ter desenvolvida a prática pedagógica pelos erros e acertos em sala de aula. As formações adquiridas ao longo das trajetórias somam-se ao contexto de uma nova política na EPT, para a qual se exige formação pedagógica a todos os pertencentes do corpo docente das escolas técnicas. A partir de tais experiências, dentre as estratégias pedagógicas que reafirmam o importante papel de professores sem formação pedagógica inicial, está a exemplificação de vivências clínicas em prol de melhor exemplificar as teorias trabalhadas em sala de aula, justificando ao fato da manutenção da prática profissional concomitante à docência. Nesse limiar, está o desejo de qualificar o perfil profissional das classes profissionais de cada um dos colaboradores, pois para todos, foi recorrente o reconhecimento de falhas em seus processos formativos. Conclui-se que a pesquisa atingiu seu objetivo de gerar a autorreflexão, revelando a necessária investidura na formação continuada com foco no desenvolvimento de práticas pedagógicas na EPT.

**Palavras-chave:** Formação profissional tecnológica. Formação docente. Profissional da saúde. Rede de ensino privada.

## ABSTRACT

### ORAL HISTORY OF THE LIFE OF TEACHERS OF THE HEALTH AREA OF PRIVATE TECHNICAL LEVEL COURSES IN SANTA MARIA/RS

AUTHOR: Suzel Lima da Silva

ADVISOR: Francisco Nilton Gomes de Oliveira Battistel

CO-ADVISOR: Amara Lúcia Holanda Tavares

For this research, the current scenario of education in Brazil was taken into account, in which studies converge on improvements in teaching, aimed at innovations in teaching practices. Some institutions are beginning to value the teacher's individual knowledge, and such changes, by the managers of the private network, present reflections and discussions added to innovative pedagogical practices. In the context of Professional and Technological Education (EPT), reflections are made on the direct relationships that experiences and experiences acquired throughout professional life can define the current situation of the subject who is a teacher, working in institutions with this profile. It started, then, from the perspective facing the lack of training for teaching at EPT, as well as the non-obligation of graduation training to exercise this role. Considering the above, the research aimed to investigate how the training of teachers from private technical schools working in technical courses in the area of health occurs. And, through this deepening in life histories, it was possible to discuss the trajectory of teacher education, verifying what they identify as professional teacher achievement. As for the methodological aspects, a qualitative approach research was carried out, using the Oral History of Life (HOV) method by Meihy and Holanda (2007) and, for data analysis, the Textual Discursive Analysis of Moraes and Galiazzi (2006), was the adopted reference. The research collaborators were four professors who work in health courses in the private network of the EPT in Santa Maria/RS. Due to the Covid-19 pandemic, the interviews took place in a virtual environment, from where the collaborators narrated their professional and teacher training trajectories at the EPT. The research findings reinforce the weaknesses of the training processes of health professionals for the teaching career, from which all collaborators reported having developed the pedagogical practice through mistakes and successes in the classroom. The training acquired along the trajectories, are added to the context of a new policy in the EPT, from which pedagogical training is required for all members of the teaching staff of technical schools. From such experiences, among the pedagogical strategies that reaffirm the important role of teachers without initial pedagogical training, there is the example of clinical experiences in order to better exemplify the theories worked in the classroom, justifying the fact of maintaining the concomitant professional practice with teaching. In this threshold, there is the desire to qualify the professional profile of the professional classes of each one, because for all collaborators, the recognition of failures in their training processes was recurrent. It is concluded that the research achieved its objective of generating self-reflection, revealing the necessary investment in continuing education with a focus on the development of pedagogical practices in EPT.

**Keywords:** Professional technological formation. Educational formation. Health area professional. Private educational network.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Suzel e Amara.....	18
Figura 2: Localização geográfica de Cachoeira do Sul.....	20
Figura 3: Suzel e Nilton .....	22
Figura 4: Thesaurus Brased - Página de Busca.....	29
Figura 5: Nuvem de palavras-chave das dissertações BDTD (2013-2020) .....	30
Figura 6: Municípios atendidos no RS pelo Bolsa-Formação .....	41
Figura 7: Relações teóricas utilizadas no estudo .....	53
Figura 8: Narrativas: Memórias que montam uma imagem dos caminhos de formação docente na EPT .....	66

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Distribuição percentual de jovens de 18 a 29 anos de idade, por tipo de atividade na semana de referência e grupos de idade (2019).....	42
Gráfico 2- Comparativo de matrículas entre a Rede Pública e Rede Privada conforme Censo 2014-2019.....	44
Gráfico 3- Número de matrículas na Educação Profissional segundo dependência administrativa e localização da escola – Brasil – 2018 .....	45

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Oferta da Educação Profissional por dependência administrativa (2014) .....	43
Tabela 2: Quantidade de matrículas (por Tipo de Curso e Eixo Tecnológico).....	47

## LISTA DE SIGLAS

UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
EPT	Educação Profissional e Tecnológica
HO	História Oral
HOV	História Oral de Vida
RS	Rio Grande do Sul
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
SETEC	Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
SISTEC	Sistema Nacional de Informação da Educação Profissional e Tecnológica
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEC	Ministério da Educação
IPES	Instituições Privadas de Ensino Superior
FIC	Formação Inicial e Continuada
EJA	Educação de Jovens e Adultos
INED	Instituto Nacional de Educação a Distância
BDTD	Banco Digital de Dissertações e Teses
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
GAP	Gabinete de Projetos
CCS	Centro de Ciências da Saúde
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego

# SUMÁRIO

<b>1 PACIÊNCIA- PARO, PENSO, E (RE) SIGNIFICO: OS VÁRIOS INÍCIOS DE UM PROCESSO</b> ....	16
1.1 OS PRIMEIROS PASSOS: APRENDENDO A PESQUISAR .....	19
1.2 DEFININDO CAMINHOS PARA A PESQUISA: PROVOCAÇÕES INICIAIS DO ESTUDO.....	23
<b>2 CAMINHOS DEFINIDOS: APROFUNDANDO CONHECIMENTOS NA BUSCA POR CONEXÕES POSSÍVEIS</b> .....	28
2.1 DESCOBRINDO A EPT: UM CONTEXTO QUE SE ABRE PARA O FUTURO.....	39
2.2 ENCAIXANDO AS PEÇAS: A FORMAÇÃO DOCENTE NA EPT.....	47
2.3 BUSCANDO UM PANORAMA PARA AS DISCUSSÕES: HISTÓRIA, TEMPO E MEMÓRIA .....	49
<b>3 A DEFINIÇÃO DE UM MÉTODO: A HISTÓRIA ORAL DE VIDA E SUAS NARRATIVAS POTENTES</b> .....	56
3.1 DELINEAMENTO DO ESTUDO .....	58
3.2 CONTEXTO DA PESQUISA E COMPOSIÇÃO DA REDE DE COLABORADORES .....	59
3.3 PROCESSO DE ESCUTA DAS NARRATIVAS .....	61
3.4 ASPECTOS ÉTICOS .....	63
3.5 ANÁLISE DOS DADOS.....	64
3.6 LÓCUS DA PESQUISA .....	66
<b>4 NARRATIVAS DOS COLABORADORES</b> .....	69
4.1 APRESENTAÇÃO DO COLABORADOR 1 .....	71
4.2 APRESENTAÇÃO DA COLABORADORA 2 .....	77
4.3 APRESENTAÇÃO DO COLABORADOR 3 .....	82
4.4 APRESENTAÇÃO COLABORADORA 4.....	90
<b>5 NARRATIVAS: MEMÓRIAS QUE MONTAM UMA IMAGEM DOS CAMINHOS DE FORMAÇÃO DOCENTE NA EPT</b> .....	98
5.1 TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL: A DESCOBERTA DAS FRAGILIDADES DOS PROCESSOS FORMATIVOS E A BUSCA POR QUALIFICAÇÃO .....	100
5.2 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DOCENTE: UM INÍCIO QUE LEVOU À PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EPT .....	109
<b>6. RECOMEÇO</b> .....	124
<b>7 REFERÊNCIAS</b> .....	130
<b>8 ANEXOS</b> .....	137
ANEXO A .....	138
ANEXO B.....	139
ANEXO C.....	139
ANEXO D .....	141
ANEXO E.....	144
<b>9 APÊNDICES</b> .....	148
APÊNDICE A.....	149
APÊNDICE B.....	15
APÊNDICE C.....	151

## *PACIÊNCIA*

*Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma  
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma  
A vida não para  
Enquanto o tempo acelera e pede pressa  
Eu me recuso faço hora vou na valsa  
A vida é tão rara  
Enquanto todo mundo espera a cura do mal  
E a loucura finge que isso tudo é normal  
Eu finjo ter paciência  
E o mundo vai girando cada vez mais veloz  
A gente espera do mundo e o mundo espera de nós  
Um pouco mais de paciência  
Será que é o tempo que lhe falta pra perceber  
Será que temos esse tempo pra perder  
E quem quer saber  
A vida é tão rara, tão rara  
Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma  
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma  
Eu sei, a vida não para  
A vida não para não  
A vida não para não*

*(Lenine)*

# 1 PACIÊNCIA- PARO, PENSO, E (RE) SIGNIFICO: OS VÁRIOS INÍCIOS DE UM PROCESSO

(...) novas formas de organizações partem da destruição de ordens existentes, em um processo em que prender-se à ordem, embora pareça seguro, não produz avanços. Mover-se para o caos exige coragem e implica em insegurança; por outro lado, possibilita, como em uma tempestade de luz, os flashes que permitem enxergar as relações entre as partes e o todo de onde surge a auto-organização e, desse processo, emerge o novo (BATTISTEL, p.227, 2016).

A tal arte de sintetizar, de ser objetiva, ter clareza nos argumentos, nunca fez tanto sentido como agora. Resumir histórias e, ao mesmo tempo, contemplar a riqueza de cada sujeito e cada detalhe de sua trajetória de vida é algo que poderia discorrer lindamente sem a pressa que a vida impõe. Mas é preciso ter paciência, pois uma pandemia surpreendeu a todos nós, desacomodou os modos engessados de pensar, trazendo mudanças frente à dinâmica de se fazer pesquisa, forçando-nos a (re) significar a vida e os processos formativos. Fomos obrigados a rever quais as prioridades e a valorizar cada vez mais as vidas, que ainda lutam em busca de um ideal de satisfação pessoal e profissional.

A vida realmente não para, e essa imposição de “paciência a todos” me forçou a voltar no tempo e compreender como melhorar a cada dia. Se a vida é tão rara, porque todos nós não valorizamos nossos momentos de igual maneira, sejam as pessoas que cruzam nosso caminho, os erros cometidos, as lições aprendidas com eles, as perdas, tudo que vivemos. Tais reflexões iniciais fizeram-me buscar, com este estudo, escutar e ampliar as vozes de professores que atuam em um contexto em expansão, cursos técnicos do ensino privado, mas por ora, sem o merecido reconhecimento como foi revelado nos estudos levantados em nível nacional, realizados previamente a esta pesquisa, a serem professores atuantes em cursos técnicos da área da saúde em escolas da rede privada. Assim, um primeiro argumento válido surge para este estudo, na medida em que se questiona a atuação docente com formação em Bacharelado ou Tecnólogo, **como se tornar professor, sem ter formação pedagógica?**

Mas aprecio seguir refletindo, trazendo questões referentes ao mundo acadêmico, um contexto cheio de novas oportunidades, mas também de rupturas de processos de aprendizagem. A velocidade com que somos submetidos a pensar e a criar, entrando em um ritmo acelerado de produções científicas, a qualificação de currículos, embora necessária, desgasta. Assim, inquietações em alguns surgem e, para outros, surge o momento de rever e novas escolhas fazer. E cá chego em mais um momento de inquietude, baseada nas dicotomias explanadas em estudos sobre instituição de ensino pública e privada, no sentido de refletir nos modos de ser docente,

e com maior destaque, ser docente na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). **Será que o contexto pode influenciar significativamente a prática profissional docente?**

Mas, enfim... questionamentos diversos fizeram parte desse processo de escrita, bem como, o desejo de escrever sobre uma temática por ora pouco difundida, de ser compreendida no universo científico. Enfim, as pausas, as reflexões e divagações iniciaram em 2019 e agora é possível compartilhá-las neste estudo. Mas a vida pede um pouco mais de calma, o corpo pede um pouco mais de alma, e assim faço a escolha de narrar brevemente a história do processo de minha formação como pesquisadora.

Muitas dúvidas me fizeram chegar até aqui, por onde começar, uma inspiração necessária, uma profunda necessidade de ser criativa, inovadora...então surge a música “Paciência” da autoria de Lenine, como fonte motivadora para promover a reflexão sobre o ser professor e a correria da vida, que acomoda alguns, e movimenta outros. Para isso, também considero de extrema relevância inserir a EPT como um campo de atuação docente a ser explorado, a partir dos desafios que surgem para tornar a formação técnica, não tecnicista, mas politécnica<sup>1</sup>.

Assim, considero que parar para refletir, para alguns, já faz parte da rotina, mas para outros, apenas em momentos de fracasso as memórias são resgatadas e, posteriormente, revistas para seguir adiante. Parar, refletir e (re) significar não mais é perder tempo, mas ganhar um tempo único em prol de momentos significativos. Enfim, a necessidade de escrever de maneira poética, me remete aqui a uma característica sempre difundida por mim aos quatro ventos, como iniciante pesquisadora, a criatividade urgente para sensibilizar o outro, potencializar as habilidades e modificar conceitos. Aqui, por ora, também se faz presente o olhar de terapeuta ocupacional que os convido a partilhar, pois sempre, ao estar com o outro, me comprometo, me entrego ao momento, me permito trocar e ser tocado pela história, e depois, bom...sigo.

Mas considero digno de minha história resgatar, neste momento, o início de uma parceria de pesquisa, que começou durante a graduação em Terapia Ocupacional na Universidade Federal de Santa Maria- UFSM (Figura 1), mais precisamente, na Primeira Turma de Terapia Ocupacional da UFSM. Lembro-me com saudosismo os momentos vividos, as pessoas que passaram nessa etapa da minha vida, os aprendizados em prol de uma busca de identificação profissional, que hoje, me remetem a dizer, que definitivamente, fiz escolhas certas.

---

<sup>1</sup> Para melhor definir o conceito de politécnica, faço uso do discurso de Saviani (2007, p. 161), em que o termo está atrelado pelo saber e domínio dos “fundamentos científicos das diferentes técnicas utilizadas na produção moderna”, ou seja, uma junção entre teoria e prática que não adestrem os alunos para desenvolver uma técnica específica, mas sim dê o suporte para que se possa desenvolver conhecimentos técnicos múltiplos”.

Figura 1: Suzel e Amara



Fonte: Arquivo Pessoal

Nesse sentido, reforço a necessária delimitação da turma, pois aqui faz todo sentido, uma vez que, o orgulho por ter convivido e realizado trocas únicas em uma época de descobertas e desafios cotidianos, tornam legítimo tal argumento. Ou simplesmente discorrer sobre o fato de ser uma das primeiras alunas a ser bolsista no curso, uma conquista muito disputada, e o início de uma parceria de vida (também sendo um argumento legítimo).

Porém, não sendo o principal intuito enaltecer a minha história como pesquisadora a se narrar nesta dissertação, vou me deter em alguns momentos únicos em minha trajetória escolar, com maiores detalhes à vida acadêmica, que levaram ao interesse em pesquisar a formação de professores. Assim, reflito aqui uma história singular, com memórias que buscam conquistar ou, minimamente, sensibilizar aqueles que apreciam a educação e anseiam por qualificar o seu fazer na área da formação docente.

Enfim, as peças precisam começar a se encaixar, as interconexões precisam existir, para que os resultados possam ser compreendidos. Pois bem, tentarei resumir as leituras realizadas, na tentativa de que os recortes tenham sentido e potencializem a temática central do estudo. Assim, a escrita será apresentada por capítulos, em que no **capítulo 1**, “Paciência- paro, penso, e (re) significo: os vários inícios de um processo”, apresento os primeiros questionamentos do estudo, delimitando a temática central e os caminhos percorridos como pesquisadora, que me fizeram revelar o interesse pela presente pesquisa.

No **capítulo 2**, “Caminhos definidos: aprofundando conhecimentos na busca por conexões possíveis”, busco retratar os levantamentos bibliográficos que somaram nas construções das relações e permitiram (re) significar processos, a partir das valiosas discussões lidas e relidas, em que pude aprofundar as construções teóricas e refletir sobre o campo da EPT,

garantindo hoje seu espaço de potência em processos formativos. E assim, apresento o estado da arte, que irá embasar as discussões futuras do trabalho.

Na sequência, o **capítulo 3**, “A definição de um método: a história oral de vida, e suas narrativas potentes”, aborda tal método como prática de pesquisa com grande potencial de mudanças em estudos qualitativos. Sigo, então, da ideia de que se aproximar das histórias, conhecer os processos dos sujeitos e suas percepções são fundamentais para gerar aprofundamento de dados, e assim, gerar novos sentidos, se assemelhando muito com um dos grandes objetos de estudo da Terapia Ocupacional... as histórias de vida dos sujeitos. E assim, apresento os procedimentos metodológicos da pesquisa, nos quais buscamos esclarecer os caminhos percorridos para dar sentido aos objetivos traçados até então.

Para o **capítulo 4**, “Entre narrativas, vozes se apresentam e fazeres florescem” estarão expostos os resultados das narrativas dos colaboradores, contempladas pelas percepções pessoais de momentos únicos de trocas proporcionadas pela estratégia metodológica do presente estudo.

No **capítulo 5**, “ Narrativas: memórias que montam uma imagem dos caminhos de formação docente na EPT”, busco os entrelaçamentos a partir das narrativas dos colaboradores e as discussões com os aprofundamentos teóricos, das quais foi possível discorrer frente às histórias dos colaboradores e, então, definir os caminhos que poderão nos direcionar para as ressignificações dos processos de ser docente na EPT.

Sem mais, encerro minha escrita com as considerações finais apresentadas no **capítulo 6**, “Recomeço” em que procuro não buscar um fechamento para o trabalho exposto, e sim o fomento para mais pesquisas com a temática proposta.

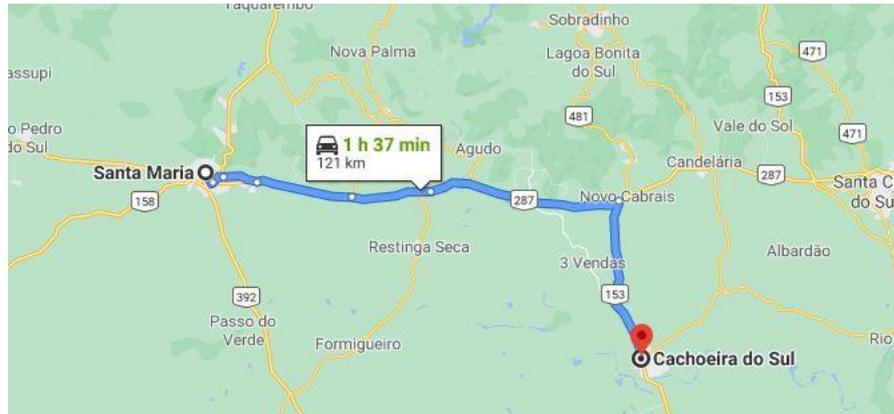
## 1.1 OS PRIMEIROS PASSOS: APRENDENDO A PESQUISAR

Conhecer o presente para delinear o futuro deve ser a meta de cada pessoa, mas o que se é o que se deseja ser também estão intimamente entremeados ao passado. Então, conhecer o passado favorece entender a atualidade e traçar uma perspectiva de futuro. Conhecer a si mesmo permite lidar melhor com as mudanças entre planos, desejos e realizações (SOARES, In. CAVALCANTI e GALVÃO, p.4, 2014).

A título de contextualização, descreverei nesta seção, de forma breve e introdutória, minha trajetória anterior à entrada na UFSM. Na sequência, informarei as linhas gerais do meu percurso acadêmico, bem como, tentarei explicar meu interesse pela temática que me disponho a discorrer.

Sou natural de Cachoeira do Sul, a “Capital Nacional do Arroz”, cidade-centro da 8ª Coordenadoria Regional de Saúde do Rio Grande do Sul, e distante de Santa Maria aproximadamente 120 Km (**Figura 2**).

Figura 2: Localização geográfica de Cachoeira do Sul.



Fonte: [https://www.google.com.br/maps/dir/Santa+Maria,+Rio+Grande+do+Sul/Cachoeira+do+Sul,+Rio+Grande+do+Sul/data=!4m8!4m7!1m2!1m1!1s0x9503cb5d0da567bf:0xa44d9c1e7f7f7297!1m2!1m1!1s0x9504a7b8b66c9ffd:0x6ce901c2777e4cce!3e0?sa=X&ved=2ahUKEwj594\\_wk7nsAhXfHLkGHRqaC9wQ-A96BAgDEA0](https://www.google.com.br/maps/dir/Santa+Maria,+Rio+Grande+do+Sul/Cachoeira+do+Sul,+Rio+Grande+do+Sul/data=!4m8!4m7!1m2!1m1!1s0x9503cb5d0da567bf:0xa44d9c1e7f7f7297!1m2!1m1!1s0x9504a7b8b66c9ffd:0x6ce901c2777e4cce!3e0?sa=X&ved=2ahUKEwj594_wk7nsAhXfHLkGHRqaC9wQ-A96BAgDEA0)

Toda minha formação básica foi realizada na cidade de origem, sendo sempre na rede pública. Na adolescência, minha família passa a residir em Santa Maria, onde as oportunidades de estudo aumentam as chances de um futuro promissor. O Ensino Médio ocorreu também em escola pública e, nesse período, o interesse profissional passa a ser pela Fisioterapia. Não obtendo sucesso na aprovação, iniciei um curso Técnico em Secretariado, mas não houve a identificação com a profissão. Com a possibilidade de bolsa de estudos em cursinho preparatório de vestibular, priorizei na época a nova oportunidade. A persistência pela Fisioterapia ainda se fez presente, e sem a aprovação, ingresso em um novo curso técnico, agora Agroindústria, no colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria.

Nessa etapa, em 2006, conheci meu companheiro atual, e já são quinze anos juntos até hoje. Desde lá, novos sonhos começaram a ser planejados; entretanto, não houve a sensação de pertencimento no campo da produção de alimentos, e assim, o desejo de seguir estudando, e buscar a formação em curso superior da área da saúde continuou forte. E então, eis que, no ano de 2009, surpreendentemente ocorreu o segundo vestibular extraordinário da UFSM... parecia destino.

Enfim, o único curso da área da saúde passa a ser a desconhecida Terapia Ocupacional. A aprovação foi comemorada, e então se deu início à construção da minha história como pesquisadora que, na época, mal imaginava onde estaria atualmente. O primeiro edital de bolsa

foi realizado e, junto com a colega Lidianne Winck, fomos as duas primeiras bolsistas do curso. As ações passaram a ser executadas no contexto hospitalar, e o encantamento pela temática da oncologia se fez ainda mais motivador, tanto que, naturalmente, a afinidade pelo trabalho e pessoa, no caso, a professora Amara Holanda, se tornaram inevitáveis.

A sensibilidade no tratar o outro, o cuidado com as histórias de vida, a criatividade dos processos de fazer e ser docente foram encantando e nos aproximando, sendo eu a jovem aprendiz da mestra. As trocas aumentaram, veio o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e a primeira aventura na pesquisa, que buscou conhecer a percepção de sujeitos frente às comunicações de más notícias na oncologia infanto-juvenil. Foram cuidadores, profissionais de saúde e pacientes os sujeitos que relataram suas histórias, que fomentaram a necessária discussão frente à postura ética de profissionais no cuidado aos sujeitos envolvidos no tratamento hematológico e oncológico.

Em 2013, encerrei meu ciclo inicial de formação profissional. Já em 2014, na primeira especialização no Programa de Residência Multiprofissional da UFSM, a grande incentivadora foi a professora Silvani Vargas Vieira, hoje uma grande parceira de ações estratégicas no campo da Terapia Ocupacional. Dentre tantos desejos, a pesquisa começou a se fazer mais presente, mas o desafio passou a ser aprender a trabalhar em equipe multiprofissional. Experiências únicas surgem, as primeiras grandes dúvidas sobre a prática da Terapia Ocupacional, as frustrações pela falta de compreensão dos colegas, a frieza de um contexto de trabalho, enfim, muita paciência me foi exigida para (re) significar as experiências e humanizar as práticas diárias.

Nesse período, passei a me experimentar na função de mediar conhecimentos, acolhendo alunos do curso de Terapia Ocupacional, sedentos por conhecer a prática da profissão. Falar em público nunca foi tão desafiador como naquela época, mas como toda iniciante na profissão fui, aos poucos, adquirindo desejos de estar em sala de aula como professora, pois comecei a vislumbrar que poderia contribuir com a formação de novos terapeutas ocupacionais, uma vez que, na região de Santa Maria, existiam poucos profissionais atuantes. Com a prática da residência, e necessária produção de saberes científicos, voltei-me para as práticas de metodologias ativas na perspectiva da promoção de saúde em sala de espera, com a temática da doação de sangue, orientada pela professora Nara Girardon-Perlini. E, mais uma vez, a postura acolhedora de estar frente aos sujeitos e ouvir suas histórias me foi exigida, mas ao mesmo tempo lembro-me de sentir confortável em estar na função central de promover o aprendizado e fidelizar alguns desconhecidos ao serviço de doação de sangue.

Em 2016, adentrei no Departamento de Terapia Ocupacional da UFSM como professora substituta. Novas surpresas apareceram, pois estava mais próxima daqueles que foram meus formadores. Novas afinidades de trabalhos surgem, novos exemplos de docente começaram a se fazer presentes, e então mais um grande modelo de docente despertou meus olhares, o professor Francisco Nilton Gomes de Oliveira (**Figura 3**).

Figura 3: Suzel e Nilton



Fonte: Arquivo pessoal

Sempre acolhedor, cuidadoso com as palavras, empático com as questões dos demais, muito estudioso e sempre sedento por conhecimentos, foram características que me fizeram questionar uma possibilidade de investir na Pós-Graduação. Fazendo parte dos atributos da função, as orientações de TCCs, coordenação de projeto de extensão e supervisão de estágios, provocaram minha imersão gradual na pesquisa e reforçaram meu compromisso com a formação dos alunos, e necessária formação continuada para seguir na carreira docente.

Após concluir os dois anos de contrato, no entusiasmo de seguir trabalhando, busquei uma oportunidade de emprego na rede privada em Santa Maria, e após ida a clínicas de oncologia, atuar como voluntária em associações sociais, voltei-me para as instituições de ensino. Lembro-me das dúvidas em elaborar um currículo atrativo, de exemplificar ações e estratégias que poderiam somar na instituição, e então me deparei com as negativas de contratação, pois meu currículo estava precisando ser qualificado. Foi então, nesse momento, que a realidade bateu à minha porta e precisei ir atrás de aperfeiçoamento profissional. Fui pega pelo meu preconceito em entender que, no ensino privado, o currículo não seria tão importante!

Em 2018, cursei três disciplinas como aluna especial nível mestrado no Programa de Educação Profissional e Tecnológica- PPGEPT na UFSM. Uma nova linguagem, um novo entendimento sobre a educação, sobre o papel do professor, a importância da escola, o aluno como motivador da prática docente, tornaram a vivência no mestrado única e a escolha da área da pesquisa não poderia ser outra senão a formação docente.

A aprovação no mestrado veio em 2019, sob a orientação do professor Francisco Nilton, um dos grandes incentivadores para esta formação, e então um universo se abriu, e a EPT passou a ser observada com mais atenção. Um pouco mais de paciência passou a ser exigida nesse início de constituição formal como pesquisadora, e sem nem perceber estava em um ambiente de necessária produção científica. A proposta inicial de pesquisa mudou algumas vezes nesse período, mas a ideia de resgatar histórias de vida continuou sendo o eixo central de interesse, florescendo a sementinha plantada durante o TCC.

Ainda vislumbrando uma oportunidade de emprego na rede privada, começo a questionar nas disciplinas matriculadas no mestrado. Por que não se fala em rede de ensino privado nas discussões de textos? Por que não se falar na expansão da EPT na rede privada? Onde os professores desse contexto buscam qualificação? E então defini minha temática central...estudar a formação de professores da EPT na rede privada de ensino.

Desde então, venho traçando metas e iniciei a caminhada para estruturar o projeto, e após inquietações, estudos, dúvidas, medo, reflexões, e vários inícios, términos e sequências, hoje um projeto de pesquisa estruturado ora se faz presente para apreciação dos leitores. Foi preciso ter calma e muita paciência, mas a pesquisa precisa envolver tais questões, para que então se possa (re) significar os processos, sujeitos, histórias, contextos, enfim...a vida. O processo não foi fácil, foi preciso ter paciência, mas talvez por esse motivo, o orgulho por estar aqui e discorrer sobre a EPT é o que mais engrandece as possibilidades de trocas únicas que pretendo enaltecer com os resultados da pesquisa.

## 1.2 DEFININDO CAMINHOS PARA A PESQUISA: PROVOCAÇÕES INICIAIS DO ESTUDO

Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar (Paulo Freire).

Iniciar o processo de escrita envolve um imergir intenso nos estudos realizados, nas perspectivas discutidas, nos apontamentos de caminhos possíveis para novas pesquisas. Para

tal enriquecimento teórico necessário, é exigido tempo e paciência, para que se possa valorar o que se propõe a discorrer com esta dissertação. Para tanto, algumas inquietações permeiam quase sempre a busca por qualificação profissional, independente da área de atuação, a serem: **Como melhorar processos de trabalho? Como melhorar as relações com colegas e com os que usam meus serviços? Como posso melhorar na assistência que ofereço? Existe um modelo a ser seguido?** Enfim, o tempo força a parar, ter calma e vislumbrar possíveis desdobramentos para uma satisfação pessoal e profissional.

Assim, dentre as relações que se buscam com este estudo, deseja-se trazer o olhar para as conexões possíveis entre a EPT, o fazer docente e a Terapia Ocupacional. E quais os entrelaçamentos possíveis a serem construídos, que possam gerar aproximações entre os saberes, enriquecendo o contexto da educação. Não menos importante, também se propõe a discutir as dicotomias entre o ensino da EPT na rede pública e privada, refletindo sobre a necessidade de valoração de constructos interdisciplinares independente do contexto nas formações técnicas, em prol de saberes politécnicos almejados nos projetos atuais e pouco implantados na realidade.

Começa-se, então, a discorrer sobre a formação docente. Tarefa nada fácil, uma vez que, as histórias de vida de cada um refletem nas escolhas, podendo definir o lugar que se ocupa ou onde se deseja estar. Pensando nos variados desafios cotidianos que as práticas em sala de aula como professor podem ser enfrentadas, eis que refletir sobre a formação profissional e práticas docentes como atuantes, ou meros apreciadores da carreira de professores, pode ser uma excelente estratégia para parar, refletir e (re) significar funções, processos e planejamentos.

Nas reflexões de Alves e Brancher (2020), encontram-se apontamentos que fazem voltar para os percursos formativos dos professores na EPT, movimentando olhares para a necessária análise do papel do professor e sua importância frente a essa modalidade educacional, na busca por compreender as singularidades de tal contexto, e os caminhos trilhados para fomentar a atuação docente na EPT. Além disso, leva-se em conta as reflexões de Brancher et al. (2020), sobre a necessária formação de professores que atendam às exigências dos sistemas educativos e das expectativas do profissional em formação, mas também entendendo ser a atualização pedagógica algo existente ao longo do exercício profissional, bem como, a participação mais ativa do professor para com a pesquisa dentro da área de atuação, então, valorizando a EPT.

Ainda considerando os autores acima, as reflexões apresentadas fizeram reviver as escolhas, as pessoas e instituições, para que então fizesse sentido revelar a importância da temática que será abordada neste estudo. Na busca por várias dúvidas durante este processo de pesquisa, e inquietações oriundas da necessidade de obter mais conhecimento frente à formação

pedagógica para exercer a docência, refletiu-se sobre a importância da Formação Continuada (FC) do professor. Para isso, consideram-se as experiências e conhecimentos adquiridos que levaram à compreensão das complexidades do ato de ensinar, a necessidade de investimento para qualificação e ao espírito de luta frente à valorização da profissão docente.

Diante do exposto, falar sobre saberes docentes ainda se torna necessário na atualidade, pois o professor é um dos principais atores no contexto da educação. É notável sua relevância na vida de alguns sujeitos que hoje estão na docência, uma vez que, sempre remetem a formação às lembranças de professores que marcaram história, sejam positivas ou negativas. Assim, começa a fazer sentido conhecer as histórias formativas de docentes Bacharéis e Tecnólogos, para compreender os cenários e os sentidos de ser professor sem ter a formação inicial para tal.

O que se observa, no contexto da formação de professores, é o fato de o aluno ser um dos motivadores para com a prática docente, movimentando esse professor para a investidura em cursos de aperfeiçoamento de práticas pedagógicas. Assim, como desafiador, um novo perfil de aluno surge no cenário atual e perpassa na EPT, exigindo do professor mais criatividade, planejamento e *expertise* no uso de recursos tecnológicos para os processos de ensino e de aprendizagem. Nessa perspectiva, a investidura em formação continuada passa a ser essencial para a qualidade do fazer docente na busca por alcançar êxito no cotidiano da prática, por meio da necessidade constante de se reinventar em prol da satisfação do aluno e das instituições de ensino.

As reflexões de autores como Pimenta (1999), Tardif (2004) e Gauthier et al. (2006) reforçam a temática da formação docente, quanto ao processo de formação dos professores ser algo complexo e que exige uma construção constante de saberes para aperfeiçoamento de suas práticas diárias. Ressalta-se a relação direta que as vivências e as experiências adquiridas, ao longo da vida profissional, podem definir a atual situação do sujeito que é professor. Nesse contexto, Pimenta e Lima (2006) discorrem que o método da observação do fazer de outro já está ultrapassado, e até fora de contexto para a promoção de sujeitos práticos reflexivos:

A formação do professor, por sua vez, dar-se-á pela observação e tentativa de reprodução dessa prática modelar; como um aprendiz que aprende o saber acumulado. Essa perspectiva está ligada a uma concepção de professor que não valoriza sua formação intelectual, reduzindo a atividade docente apenas a um fazer, que será bem-sucedido quanto mais se aproximar dos modelos que observou. Por isso, gera o conformismo, é conservadora de hábitos, ideias, valores, comportamentos pessoais e sociais legitimados pela cultura institucional dominante (PIMENTA e LIMA, 2006, p. 8).

Nos estudos de Fávero, Tonieto e Roman (2013), encontram-se reflexões que fazem relação com a necessidade de o professor refletir sobre sua prática e ser também um agente de mudanças dentro das escolas, destacando que todas as ações colaborativas e cooperativas dentro

dos espaços de ensino são potentes para esse ideal de um professor prático-reflexivo. Baseados nos pressupostos dos autores supracitados, a formação continuada é essencial para que o professor possa definir seu lugar dentro da EPT. Soma-se à questão da pesquisa, a escolha profissional sem formação para a docência, a exemplo de cursos da área da saúde que, por muitas vezes, encontram-se reproduzindo práticas docentes embasadas em experiências de ser aluno, o que pode gerar frustração e desmotivação em sala de aula advinda da falta de conhecimento, e assim, não correspondendo às expectativas dos alunos e da instituição.

Contudo, investir na formação pode não ser oportuno para a todos os professores, bem como para as Instituições Particulares de Ensino Superior (IPES). Nesse sentido, levam-se em consideração as questões financeiras, pois esse processo de formação continuada carece de investimentos, e tal situação pode ser diferenciada nas instituições de ensino da rede privada, onde algumas primam, inicialmente, por melhores condições em infraestrutura.

Assim, também se discute, em estudos sobre a formação de professores, o sentido de que a profissão não é vivida igualmente por aqueles que exercem a função. De Souza (2005) refere que o processo formativo do docente tem reflexos constantes em suas práticas dentro da sala de aula, e aqui se faz relação com a falta de formação da maioria dos professores que atuam na EPT sem formação específica para tal contexto.

O que se observa, no cenário da educação, é uma hierarquia entre os professores com melhores currículos em detrimento daqueles com pouca produção, muitas vezes, oriundos de instituições que não fomentam o desenvolvimento profissional docente, e ainda sofrem com a falta de seus esforços frente às atividades como professor. Nesse sentido, é necessário buscar respostas do como se aprende a ser professor nas universidades em cursos de Bacharelado e Tecnólogos, mobilizando os professores a refletirem sobre o seu processo de desenvolvimento profissional docente.

Corroboram com essa ideia Bolzan, Isaia e Maciel (2013) ao refletirem as relações entre formação e docência com mudanças nas concepções e práticas docentes, em como atrelar as teorias com as práticas considerando que os professores atuam em contextos com variadas condições de trabalho. E mais, a tensão existente entre as variadas ideias e ações dos colegas professores, em que cada um traz a sua história e conceitos de certo e errado sobre ser professor. Assim, a articulação das trajetórias pessoal e profissional do professor estão atreladas às experiências docentes moldadas pelo cenário institucional no qual se encontram (BATTISTEL, 2016).

Desse modo, falar sobre o desenvolvimento profissional docente está atrelado às possibilidades de reconhecer quais são as escolhas feitas por esses docentes em prol de ser um

professor realizado dentro do seu fazer. Assim, se reflete a necessária investidura em FC, na perspectiva de ultrapassar a formação tradicional e motivar o professor a investir no seu processo de formação mais cooperativo e colaborativo nos espaços educativos (NASCIMENTO e BAROLLI, 2018). Soma-se a essa ideia Tardif (2004), que refere a necessidade de as escolas se aproximarem das demais instituições de ensino para que mudanças no processo de formação dos docentes possam ser focados por lógicas profissionais e não mais lógicas disciplinares.

Como “suleador” deste processo, considera-se a formação profissional como terapeuta ocupacional, da qual se partiu a ideia de que o resgate de histórias de vida é uma ação primária para se compreender o sujeito e suas necessidades emergenciais, para então pensar nas estratégias de melhorias para a sua vida; e somando a ideia que a autorreflexão resulta na (re)significação do fazer, optou-se por utilizar a História Oral de Vida (HOV) para responder à questão da pesquisa: **Como se constitui a formação de professores Bacharéis e Tecnólogos de cursos da área da saúde atuantes em escolas técnicas privadas?**

Desse modo, a pesquisa objetiva **investigar como ocorre a formação de professores de cursos da área da saúde de escolas técnicas privadas no município de Santa Maria-RS**, entendendo que a rede privada de ensino toma um crescente de investimentos e facilidades de acesso aos alunos para aprimorar e inseri-los no mundo do trabalho<sup>2</sup>. O foco também se volta especificamente para cursos técnicos da área da saúde, cujos professores não têm formação inicial pedagógica para atuar na docência e se embasam em sua formação técnica.

---

<sup>2</sup> Optamos por utilizar o termo Mundo do Trabalho, a partir da definição de Oliveira e De Almeida (2009, p. 155), onde se reconhece que no espaço do trabalho, além do conhecimento que se coloca em prática, é por meio das relações que se estabelecem, que as novas formas de pensamento irão refletir na emancipação do trabalhador. Assim, contrariamos o termo *mercado de trabalho* difundido nas políticas da EPT, onde se observa a relação direta com a ocupação de vagas requeridas pelas empresas com foco em geração de lucros, e não formação cidadã dos seus colaboradores.

## 2 CAMINHOS DEFINIDOS: APROFUNDANDO CONHECIMENTOS NA BUSCA POR CONEXÕES POSSÍVEIS

A ciência é bela, e como uma escultura, exige o esforço de lapidar a pedra para que a arte se revele. A caminhada até o objetivo é como um percurso, muitas vezes, tortuoso, que nos engana e nos obriga a redirecionar nossas trajetórias (Adriano dos Santos).

Para qualquer escrita científica, depara-se com a necessária busca por estudos que apontam a relevância da temática que se pretende abordar. Nessa etapa, o pesquisador precisa mergulhar nas leituras em busca pela definição de conceitos, contextos, métodos e sujeitos. Mas jamais se é possível escrever tudo que se lê, tampouco o que se sabe sobre o que quer escrever. Assim, torna-se inevitável optar por recortes dentro do que se pensa e traça, a serem as ideias e dados essenciais para que a escrita que se dispõe a discorrer faça sentido e conquiste seu olhar para a leitura completa do trabalho.

Em prol de gerar movimentos e reestruturar fazeres, optou-se por não fazer uso de base de dados tradicionalmente destacadas nas pesquisas, e sim apresentar novas ferramentas para levantamento de estudos, bem como fomentar o uso das bases de dados digitais das instituições de origem dos pesquisadores. Assim, seguindo as etapas, o processo de escolha das palavras-chave para a definição dos descritores que melhor definissem o objeto de estudo, foi considerado um momento em que novos questionamentos surgiram, uma vez que, a experiência por utilizar o portal *Thesaurus* Brasileiro da Educação (Brased)<sup>3</sup> foi primária como “suleadora” para este estudo.

Para a definição dos descritores, a padronização teve como resultado as palavras, *formação profissional e tecnológica; formação docente; rede de ensino privada; e profissional da saúde*. Destaca-se que causou estranhamento a EPT ainda não constar como definição primária dentro do portal (**Figura 4**), e apresentar como opção de escolha, formação profissional associada à educação profissional<sup>4</sup>. Assim sendo, também se refletiu sobre a

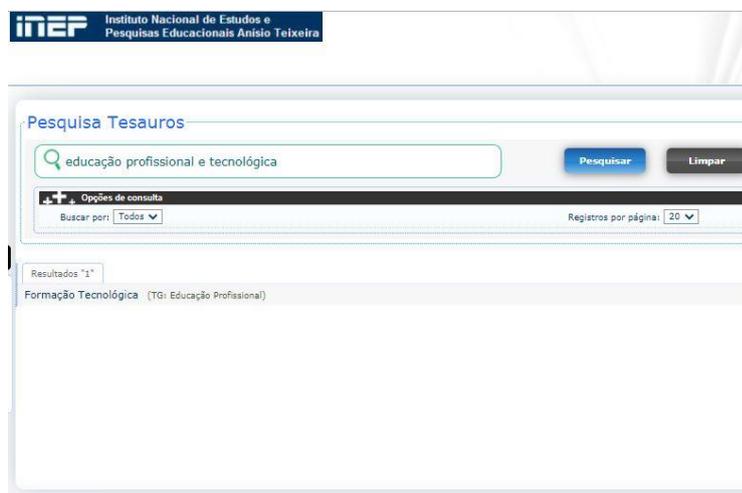
---

<sup>3</sup> Implantado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2020), a plataforma admite uma gama variada de termos que buscam padronizar as buscas por materiais de pesquisas diversos. A necessária difusão de seu uso, pode indicar às revistas e periódicos, para que seja utilizado pelos autores durante a submissão de seus artigos para a identificação dos assuntos, de modo que as palavras-chave dos seus artigos todos sejam padronizados. Em contrapartida, essa padronização visa facilitar o processo de busca de artigos pelos usuários nas diversas bases onde o periódico se encontra indexado.

<sup>4</sup> Tal resultado define a formação profissional e tecnológica como “Formação profissional de nível tecnológico, seguida pela Formação de nível superior, aberta a candidatos que tenham concluído o ensino médio ou equivalente, estruturada para atender aos diversos setores da economia, abrangendo áreas especializadas e conferindo ao candidato o diploma de tecnólogo” (SD, Inep).

relevância em manter esforços em estudos na área, para potencializar o uso da sigla EPT nas pesquisas, facilitando as buscas por materiais a serem analisados em estudos futuros.

Figura 4: Thesaurus Brased - Página de Busca



Fonte: INEP, pesquisa Thesaurus (2020).

Após um primeiro filtro, ampliou-se o desejo de mostrar outra base de dados nacional pouco difundida pelos estudos, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Tal escolha remete à vantagem de o portal direcionar o pesquisador diretamente ao texto completo da tese ou dissertação por meio de *link* para o arquivo no repositório da universidade onde o trabalho foi defendido, o que não ocorre de maneira linear no outro portal disseminado nas revisões bibliográficas dos demais estudos.

Destaca-se que, embora a BDTD não seja o sistema oficial para depósitos das teses e dissertações, ela vem sendo desenvolvida em parceria com várias instituições nacionais, com o objetivo de integrar num único repositório, as teses e dissertações brasileiras e também de oferecer às universidades uma opção de sistema *online* para armazenamento de suas teses e dissertações. Outra questão relevante é considerar que, na instituição de origem da pesquisadora, há uma biblioteca digital para teses e dissertações<sup>5</sup>, fazendo então parceria com o sistema da BDTD, e em levantamento prévio, foi resultante nenhuma pesquisa que se aproximasse da temática a discorrer com este estudo.

<sup>5</sup> Denominada Manancial- Repositório Digital da UFSM, a plataforma busca reunir as teses e dissertações da UFSM permitindo ao usuário navegar por variadas opções de seleção, tais como, data do documento, autores, orientadores, programas, assuntos e demais. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/25#>

Então, chegou-se a uma das etapas deste processo de escrita, que talvez mais fortemente se faz pertinente a qualquer etapa de se propor um estudo científico, o estado da arte<sup>6</sup>. Destaca-se aqui que essa foi a etapa com maiores idas e vindas na escrita, o que de fato, fez pensar e (re) significar o papel da EPT na esfera privada. Talvez definir esta etapa como, no mínimo, curiosa, uma vez que, o que se viu foi uma escassez de dissertações em comum com a temática escolhida. Como resultado inicial para leitura, a totalidade de dissertações encontradas na BDTD foram 7 pesquisas, e se inicia dando destaque para as palavras-chave norteadoras das dissertações selecionadas que, por fim, somaram seis. **(Figura 5).**

Figura 5: Nuvem de palavras-chave das dissertações BDTD (2013-2020)



Fonte: Word Art elaborado pela pesquisadora (2020).

Embora o quantitativo de estudos tenha sido muito ínfimo dentro das perspectivas previamente observadas nas discussões em sala de aula, fica evidente a necessária problematização do que propõe esta escrita. Na tentativa de buscar sensibilizar os leitores, a representação das palavras-chave em imagem de mãos se encontrando, revela um dos intuitos como pesquisadora, de encontrar relações possíveis entre os campos da EPT e da formação docente de professores Bacharéis e Tecnólogos, de onde vem a formação inicial na área da saúde.

<sup>6</sup> Usaremos a definição de Romanowski e Ens (p.45, 2006), que indicam ser o estado da arte uma estratégia de pesquisa que busca encontrar a importância ou falta de relevância dada nas pesquisas, que retratam a preocupação dos pesquisadores sobre determinada área. Fazendo uso de tal estratégia para fundamentação teórica, a partir dos temas apontados, subtemas e conteúdos priorizados, podemos ser surpreendidos por temas que podem estar sendo silenciados nas pesquisas.

Assim, de um lado, há palavras-chave que podem fazer alusão mais à essência do saber profissional que leva a refletir sobre a docência difundida na formação inicial e continuada. O que se tem então, é uma aproximação do que se dispõe a discorrer sobre a formação docente na EPT, embora apenas uma palavra-chave, *formação profissional*, tenha se equiparado ao presente estudo. As demais palavras que se destacaram foram: *perfil profissional, avaliação do desempenho, discente, pesquisa acadêmica, prática pedagógica, perfil docente, trabalho, mulher e docência*.

De outro lado, já é possível observar que as palavras-chave induzem a refletir sobre a atuação docente na EPT, considerando a formação profissional, bem como uma ideia de desenvolvimento pessoal e profissional, nas seguintes palavras: *emancipação, concepções de formação docente, docente, egressos, formação técnica, radiologia e atuação profissional*. Para esse compilado de palavras-chave, há a aproximação com a palavra *formação técnica*, remetendo a pensar na EPT.

Nessa construção, um trabalho se distanciou das discussões que se pretende gerar, e que também não foi utilizado na nuvem de palavras exposta anteriormente. No estudo de Lopes (2019)<sup>7</sup>, que tem como título “Análise do cargo de Técnico em Assuntos Educacionais em uma Universidade Federal de Minas Gerais”, trata sobre profissionais Técnicos em Assuntos Educacionais (TAEs), por meio da descrição e análise do cargo, pontuando diferenças entre o trabalho real e o prescrito legalmente e, ainda, busca analisar a trajetória dos servidores na universidade, as motivações para ingresso na carreira e a realização profissional. Como o intuito é falar da formação docente, tal trabalho por ora não será analisado na íntegra para este estudo.

Dando sequência aos processos de análise, seguiu-se para a leitura na íntegra dos trabalhos, iniciando pela dissertação de Calegari (2017)<sup>8</sup>, “O perfil profissional docente dos egressos da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia/MG”, contemplando as palavras-chave: *egressos, formação profissional, perfil profissional e atuação profissional*. Nesse trabalho, a autora analisa a trajetória profissional dos egressos no período de 1990 a 1994 do curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia – FAEFI/UFU, abordando as impressões sobre os processos de formação acadêmica individuais. Por meio de um estudo qualitativo, a amostra traz uma representatividade considerável de 67

---

<sup>7</sup> LOPES, M. G. **Análise do cargo de Técnico em Assuntos educacionais em uma universidade federal de Minas Gerais**. 2019. 115 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração Pública em Rede Nacional-PROFIAP) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro-UFTM, Uberaba-RS, 2019. Orientadora Professora: Marina Cardoso de Oliveira.

<sup>8</sup> CALEGARI, C. R. **O perfil profissional docente dos egressos da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia/MG**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2017. Professora orientadora: Regina Maria Rovigati Simões.

egressos, que responderam a um questionário de perguntas abertas e fechadas. Para as questões fechadas, fez-se a análise pela frequência descritiva e as questões abertas pela Análise de Conteúdo de Bardin (1977).

Os resultados da pesquisa apontam reflexões para com a formação continuada, destacando a investidura em cursos de pós-graduação, cursos de atualização e uma maior participação em congressos científicos como forma de qualificação dos currículos. Difundindo um discurso bastante recorrente dentro dos processos formativos, em que a maioria dos egressos revelou não ser suficientes os conhecimentos adquiridos no curso de graduação, referindo pouca aproximação curricular com a realidade prática dos contextos de atuação. Entre os egressos que continuam ativos na profissão, a permanência está atrelada à ocupação de cargo de professor em concurso público como oportunidade de ter estabilidade financeira, porém com destaque para 56% dos egressos que não se encontram satisfeitos no quesito de reconhecimento financeiro.

Com a leitura da dissertação de Calegari (2017), fica evidente a interlocução que se pode estabelecer com os processos formativos iniciais na perspectiva das IES. É preciso considerar a atualização constante nos currículos de formação profissional, não apenas modernizando didáticas, mas com temáticas relevantes para o momento atual de formação. Assim, fazendo uso dos apontamentos de Pimenta (2012), Calegari direciona a pensar na docência, valorizando o professor como agente transformador dos alunos, mediando conhecimentos, com imersão no ambiente científico, para que então possa reduzir as desigualdades sociais.

Ainda considerando Calegari, a graduação como etapa inicial da constituição profissional, bem como a formação continuada, tem seu desenvolvimento durante os anos de atuação, nas discussões em ambientes acadêmicos, na perspectiva que, para ser professor, é preciso estar em constante aprendizado. Embora o trabalho traga o olhar para o curso de Educação Física, distanciando da formação de professores Bacharéis e Tecnólogos, tal perspectiva de um curso em Licenciatura, reforça que também é preciso ter uma gama de conhecimentos para o fazer pedagógico acontecer, que envolvem a técnica, capacidade para mediar conhecimentos e metodologias para promover sujeitos prático-reflexivos, capazes de propiciar um desenvolvimento individual e social equilibrado.

Merecem destaque, no mesmo estudo de Calegari, as reflexões de Imbernón (2009, 2011), para com a necessária renovação dos espaços de ensino, por meio de saberes interdisciplinares, pois, desse modo, as formações podem atingir o ideal de sujeitos prático-reflexivos. A partir desse teórico, também se discorrerá sobre a importância de tais espaços de formação, que permitem a livre comunicação e trocas de experiências entre todos, na busca por

formar sujeitos que possam se adaptar às mudanças que a vida impõe sem pedir licença, pelo viés do saber politécnico na formação na EPT.

Outro estudo contemplado com a análise foi “Concepções de formação de professores (manuscrito): perspectiva emancipatória na produção acadêmica do Centro-Oeste”, da pesquisadora Bernardes (2013)<sup>9</sup>. A proposta do estudo ligada à linha de pesquisa Formação, Profissionalização Docente e Práticas Educativas, traz a temática das concepções de formação de professores atrelada pela Rede de Pesquisadores sobre Professores (as) do Centro-Oeste (Redecentro). Usando como palavras-chave: *concepções de formação docente, pesquisa acadêmica e emancipação*, a pesquisadora busca focar no ambiente de formação inicial (IES), na perspectiva de reflexão sobre os processos e desenvolvimento dos sujeitos.

Ao discorrer sobre a temática, a pesquisadora envolve o leitor a refletir sobre o papel social da educação, envolta por sentidos e valores que promovem a emancipação humana. Chama a atenção para a problemática trazida pelo estudo, ao levantar questionamentos frente aos cursos oferecidos pelas instituições de ensino quanto à formação docente, levando o profissional para a promoção de novos saberes pedagógicos. Pautando as discussões frente à formação docente, Bernardes faz menção à Pimenta (2002), fazendo refletir sobre a necessária mudança dos cursos de formação de professores, deixando a técnica dos processos, posterior ao desenvolvimento do professor mais humano, a partir da lógica da reflexão sobre a prática cotidiana. E, assim, por meio de um diálogo histórico-dialético e uma abordagem qualitativa, os dados são apresentados.

Dentro dos objetivos, Bernardes (2013) busca compreender as concepções de formação de professores implicadas nas produções acadêmicas dos Programas de Pós-Graduação em Educação da Região Centro-Oeste, no período de 1999 a 2007. Por meio do aprofundamento das leituras sobre concepções de formação de professores, a pesquisadora categoriza três elementos para análise: práxis, trabalho docente e concepção de educação/formação contra-hegemônica. Considera-se a leitura bastante pertinente para somar nos questionamentos a serem feitos dentro dos espaços formativos, movimentando os professores a buscarem sua qualificação pela ação prática-reflexiva. Assim, reforça a crítica ao ambiente acadêmico que, quando se fala em qualificação docente, é preciso incluir “adequada compreensão da práxis transformadora, a articulação das dimensões política, técnica, ética e estética da formação docente, a percepção da consciência político-ideológica do professor na sua função social, mas

---

<sup>9</sup> BERNARDES, C. A. de A. **Concepções de formação de professores (manuscrito): perspectiva emancipatória na produção acadêmica do Centro-Oeste**. Dissertação (Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás). Goiânia, 2013. Professora orientadora: Solange Martins Oliveira Magalhães.

associada a aspectos da subjetividade humana na constituição do ser professor” (BERNARDES, p.131, 2013).

No estudo de Caetano (2014)<sup>10</sup>, a pesquisadora singulariza sua pesquisa na perspectiva da prática docente por mulheres em Goiânia-GO na Educação Básica, correlacionando ao contexto do capitalismo que precariza e feminiza a função docente. Como palavras-chave, delimitam-se as discussões frente *docência, mulher e trabalho*. Fazendo uso da igual estratégia metodológica do estudo anterior, a ser o materialismo histórico-dialético, modifica o olhar para a ação dos espaços de atuação como potentes, para definir a função de mulheres docentes. Como resultados, o estudo revela ser Goiânia uma cidade padrão considerando as observações gerais em nível nacional, revelando manter um padrão de conduta frente à desvalorização da profissão docente, bem como na associação como função para mulheres. Tal estudo soma para a pesquisa ao fazer refletir como se torna difícil mudar atitudes em espaços e contextos em que se perpetuam preconceitos sobre fazeres profissionais.

O que torna encantador ao longo da leitura, é compreender que, embora as dificuldades existam para exercer a função de docente na rede estadual de ensino, o estudo aponta um sentimento de satisfação pessoal e profissional recorrente com as participantes da pesquisa. É interessante como adentrar no conhecimento da docência, o espírito de luta pela valorização da profissão conquistada, há quem se reconheça na prática pedagógica. Bem como o reconhecimento da precarização do trabalho, que desmotiva, mas não faz desistir e sim, persistir em prol do aluno, principal motivador da ação docente.

Em Oliveira (2014)<sup>11</sup>, busca-se avaliar o desempenho docente pelo viés dos processos formativos, compreendendo assim, a prática profissional, e incentivando o aperfeiçoamento, tendo as seguintes palavras-chave: *avaliação do desempenho, docente e discente*. Por meio das análises dos relatos dos professores e discentes universitários do curso de Educação Física, o estudo é fragmentando em dois momentos, discutindo a formação, a atuação e a avaliação do desempenho docente pela avaliação discente. Já em segunda etapa, por meio da aplicação de questionário, um total de 26 docentes e 160 discentes foram os participantes do estudo. Quanto às instituições, fizeram parte duas de ensino superior situadas no interior de Minas Gerais, uma pública e outra privada.

---

<sup>10</sup> CAETANO, D. L. do N. S. **Trabalho docente de mulheres em Goiânia-GO**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás). Catalão, GO, 2014. Professora orientadora: Carmem Lúcia Costa.

<sup>11</sup> OLIVEIRA, S. C. V. de. **Avaliação do desempenho docente: o curso de Educação Física**. Dissertação (Mestrado em Educação Física, Universidade Federal do Triângulo Mineiro). Uberaba, MG, 2014). Professora orientadora: Regina Rovigati Simões.

Como estratégia metodológica, o estudo de Oliveira (2014) utiliza a Análise de Conteúdo, e os resultados revelam que a maioria dos docentes conhecem o instrumento de avaliação utilizado pela instituição de ensino, porém ainda se têm desconhecidos os objetivos da ferramenta e outra considerável parcela, vislumbra que ele serve para retratar possíveis critérios de melhorias para as práticas docentes. Chama a atenção que, embora se revele certa falta de interesse, mesmo assim, ter esse *feedback* dos alunos foi considerado importante, gerando mudanças nas práticas de 20 docentes devido aos resultados da avaliação de desempenho.

Concorda-se com os apontamentos levantados pelo estudo de Oliveira (2014), quando faz a reflexão frente à necessidade de um trabalho de conscientização pelas IES quanto aos objetivos de buscar qualificar os processos pedagógicos e aprendizagem. Criar métodos de aproximação, canais de comunicação mais acessíveis, com trocas potentes para a melhoria dos processos, para que se possam incluir os docentes de maneira positiva, refletindo no desempenho do discente. Mantém-se a mesma expectativa apontada pela autora da pesquisa, “que a reflexão formativa sobre avaliação do desempenho docente, neste estudo e em outros, seja constante” (OLIVEIRA, p.55, 2014).

No trabalho de Silva (2017)<sup>12</sup>, a pesquisadora traz uma visão frente ao processo final da docência, questionando se o professor deixa de atuar quando o tão sonhado momento da aposentaria se apresenta, que também pode representar a ruptura de um processo e perda de sentido da vida. Como palavras-chave, a pesquisa traz como vértices para contextualização a *aposentadoria, professor universitário, trabalho e velhice*. Compreender os sentidos do trabalho, ora se relaciona muito com o que se busca com esta escrita, e Silva (2017), sensibiliza para o resgate do sentido do trabalho para o professor que, mesmo na condição de aposentado, ainda para alguns continua perpetuando na mediação de conhecimentos.

Dialogando com grandes referenciais teóricos como Saviani (2010); Antunes (1999; 2009); Borges e Yamamoto (2004); Codo (1999); Tardiff (2002); Pimenta (1999); Debert (1997; 1999); e Neri (1991), a pesquisadora reflete seus resultados oriundos pelo resgate de história de vida com entrevistas de seis professores aposentados que lecionam em IES privada. Para as análises dos dados, o método de Análise de Conteúdo proposta por Demartini (2001), permite a construção de três temas: trajetória laboral, sentido e significado do trabalho e sentimentos quanto à aposentadoria e sua relação com o envelhecimento.

---

<sup>12</sup> SILVA, V. O. da. Aposentadoria: o trabalho e o sentido de sua continuidade para o professor do ensino superior. Dissertação (Mestrado em Educação, Escola de Comunicação, Educação e Humanidades da Universidade Metodista de São Paulo). São Bernardo do Campo, SP, 2017. Professora orientadora: Zeila de Brito Fabri Demartini.

Assim, os resultados apresentados apontam o impacto que o sentido do trabalho revela aos professores pesquisados é o motivo propulsor para continuarem trabalhando. Torna-se interessante pensar o impacto que o fazer profissional traz para a vida dos sujeitos para além de uma função profissional, mas também a social. E não surpreende concluir, no estudo, que o entendimento frente à capacidade de ainda conseguir exercer seu papel de professores superou a necessidade de contribuição financeira para manter a atuação profissional ativa. E, assim, Pimenta (1999) novamente vem corroborar nas discussões do estudo, apontando que os saberes docentes se dão pela continuidade das práticas, que se tornam muito mais potentes pelas trocas de experiência entre seus pares, (re) construindo os fazeres docentes.

No último trabalho analisado, Santos (2016)<sup>13</sup> apresenta o estudo que mais se aproxima com a escrita que se propõe aqui, cujo título é “Análise do perfil dos docentes e das práticas pedagógicas nos Cursos Técnicos em Radiologia”. E aqui também se destacam as palavras-chave utilizadas no estudo, que são: *radiologia, formação técnica, perfil do docente e prática pedagógica*. No estudo, há um merecido destaque para a expansão da profissão de Técnico em Radiologia que demandou o aumento de docentes nas instituições, a partir da demanda do profissional no mundo do trabalho, assim a procura por capacitação também aumentou. Com ressalvas, o pesquisador discorre frente à falta de curso com formação pedagógica para tais professores, e assim, as experiências práticas foram somando nos aprendizados para mediar conhecimentos em sala de aula. O trabalho apresenta um questionamento também muito semelhante ao que se propõe aqui, ou seja, considerando a ausência de formação específica para atuar como professor na EPT, como pensar em uma educação que valorize a formação integral do trabalhador, considerando sua responsabilidade social para com a promoção de sujeitos prático-reflexivos.

A pesquisa apresenta o perfil dos docentes e de suas práticas pedagógicas nos cursos Técnicos de Radiologia, destacando os processos de qualificação docente na área, relacionando o processo de capacitação atrelada ao percurso histórico da Educação Profissional no Brasil, além de mapear e analisar as características da formação dos professores e suas práticas pedagógicas. O pesquisador busca seus dados por meio de um estudo de caso, com abordagem quali-quantitativa, fazendo uso da pesquisa de campo, totalizando uma amostragem com 26 participantes, docentes de cursos Técnicos em Radiologia, em exercício na rede privada de ensino, da região metropolitana dos municípios de Niterói e São Gonçalo.

---

<sup>13</sup> SANTOS, R. de O. **Análise do perfil dos docentes e das práticas pedagógicas nos Cursos Técnicos em Radiologia**. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional em Saúde). Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Rio de Janeiro, RJ, 2016. Professor orientador: Sergio Ricardo de Oliveira.

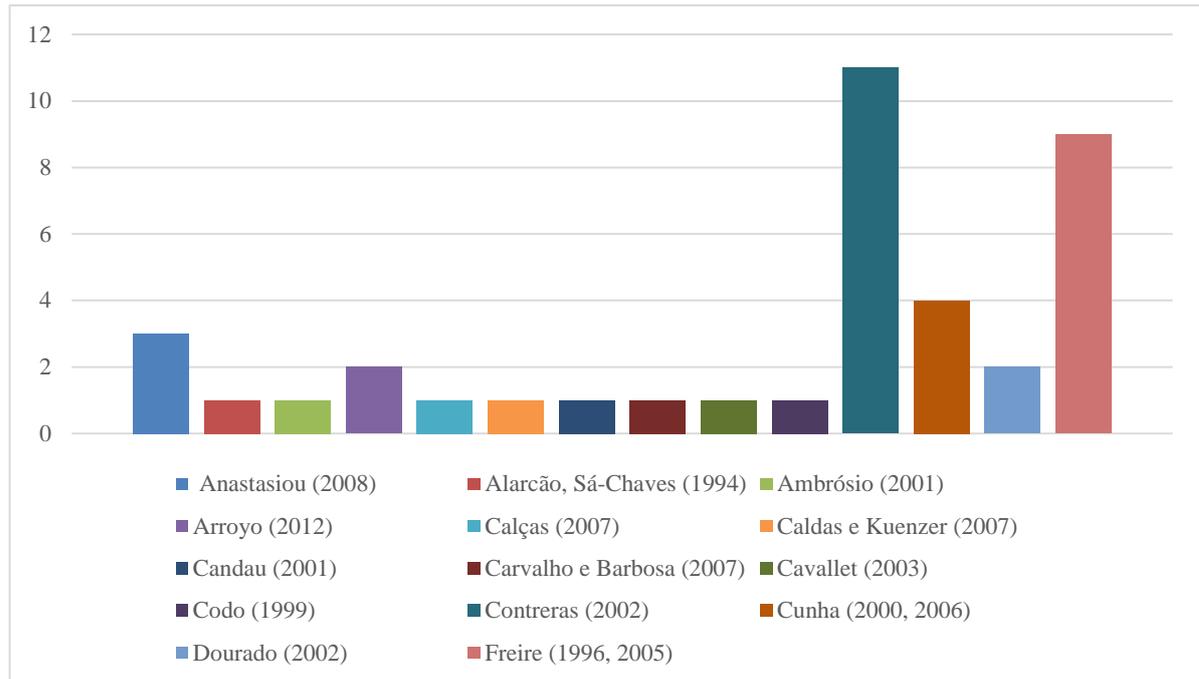
Como instrumentos metodológicos, Santos (2016) fez uso de questionários semiestruturados para retratar o perfil docente quanto sua formação, experiência e atributos. Ao total, foram estabelecidos quatro grupos de análise, considerando o tempo de experiência técnica e docente. Santos (2016) apresenta um panorama muito interessante, e dentre seus resultados há os processos formativos via cursos de extensão e qualificação profissional, porém sem interface com o trabalho docente, que se consolida apenas pela quantidade de conhecimentos e titulações acumuladas, reforçando a ideia da função docente baseada na prática profissional. Ressalta, ainda, que a ausência de preparo pedagógico reflete no planejamento, ensino e avaliação, o que revela a necessária investidura em formação pedagógica. Leva-se em conta que o trabalho docente dos entrevistados é desempenhado apenas pela prática dos projetos das diretrizes curriculares, o que pode causar limitações de conhecimentos aos aprendizes.

Nesse sentido, a pesquisa faz refletir o quanto é urgente repensar as políticas para a formação docente na EPT, bem como citado no estudo de Santos (2016), a exemplo de cursos de Licenciatura, complementação pedagógica integrada à graduação tecnológica ou Pós-graduação Lato Sensu. Por meio de vivências e relatos dos professores, a rotina dos serviços como docente, demandam uma carga horária em demasia para que se possa investir em formação continuada. Bem como, os cursos não se tornam tão atrativos para que seja feito o investimento, pois, muitas vezes, estão ultrapassados frente ao mundo tecnológico. E, por fim, soma-se a esta proposta a mesma ideia frente à “necessidade de formar trabalhadores com uma visão cidadã e social da realidade, com capacidade crítica de análise e um espírito criativo para a transformação” (SANTOS, p.28, 2016).

Assim, apoiada em Santos, busco refletir a partir de Freire (2011) a importância do professor de se aproximar da pesquisa, entendendo ser um caminho que pode ajudá-lo a compreender melhor a realidade das escolas e novas estratégias pedagógicas. O olhar de Freire mostra que o bom professor é aquele que nunca deixa de ser aluno, que se importa com aquele que dele espera adquirir conhecimento, enfim, o professor deve sempre manter esforços para o aperfeiçoamento cotidiano, frente à revisão dos processos e planejamentos.

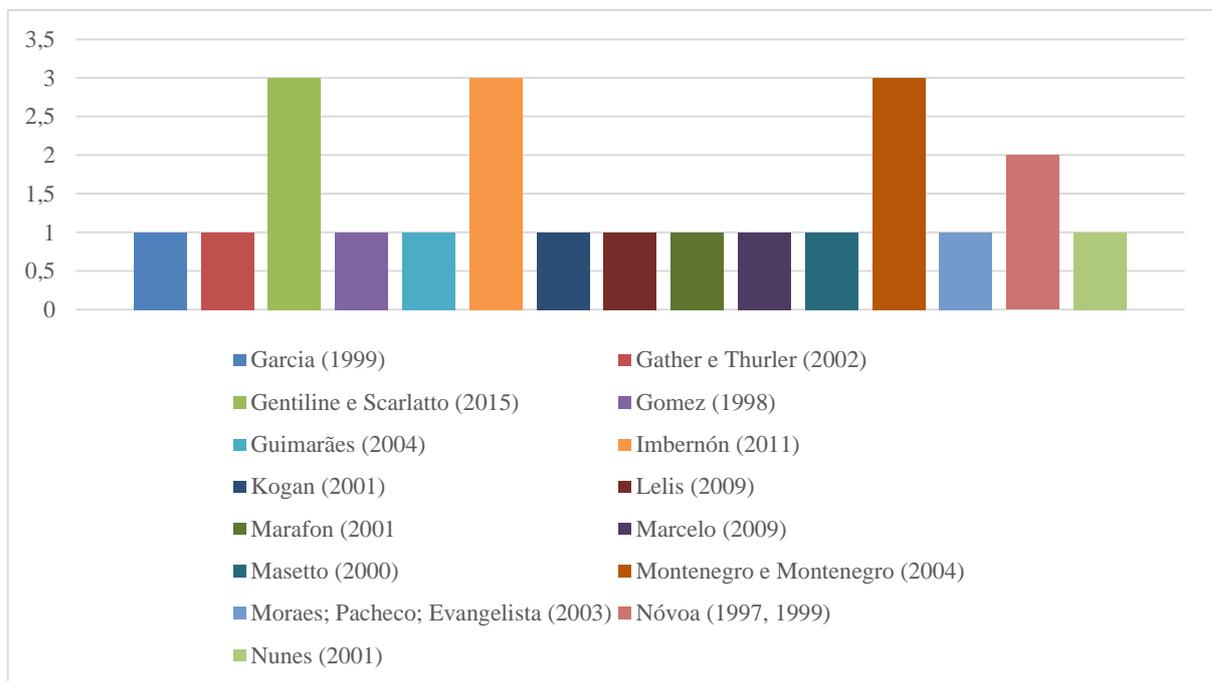
Considerando que as leituras permitiram aprofundar conhecimentos ímpares, bem como sinalizaram autores variados em um total de 54 autores, optou-se por explicar em formato de gráficos fragmentados por ordem alfabética, os principais autores citados nas dissertações quanto à formação docente (**Gráfico 4, 5 e 6**).

Gráfico 4: Quantitativo de citações dos autores nas dissertações analisadas, parte 1.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020)

Gráfico 5: Quantitativo de citações dos autores nas dissertações analisadas, parte 2.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020)



a sociedade procura a escola técnica quando a prioridade por um emprego se torna imediata, reflexos de uma história de mudanças sociais. Na atual conjuntura, percebe-se maior investimento na população para que ela faça um curso profissionalizante ou tecnológico favorecendo o desenvolvimento de um cidadão mais atuante na sociedade. Seguindo na mesma linha, Manfredi (2016) também faz refletir sobre as relações entre trabalho e escola ao longo da história da EPT, iniciando pela supervalorização das experiências profissionais, seguida pela depreciação dos espaços de formação, chegando a uma época em que, sem uma formação profissional, o sujeito não adentra ao mundo do trabalho.

Nesse sentido, estudos têm levantado, na história recente da EPT, o fomento para desburocratizar o credenciamento de novas IPES, permitindo a grandes grupos financeiros no campo da educação serem os expoentes que irão constituir esse novo cenário do ensino privado com qualidade. Ainda se permeia, nas visões de gestores, que quanto mais investimento se faz em termos de estrutura, mais qualificados os professores devem ser, levantando a necessária formação docente para a EPT como essencial para o professor estar atuando nesse contexto (OLIVEIRA et al., 2018). Assim, o que se vislumbra para o professor é a investidura em cursos de formação continuada para ingressar nas instituições privadas, e o incentivo de gestores dessas instituições para a qualificação do seu corpo docente.

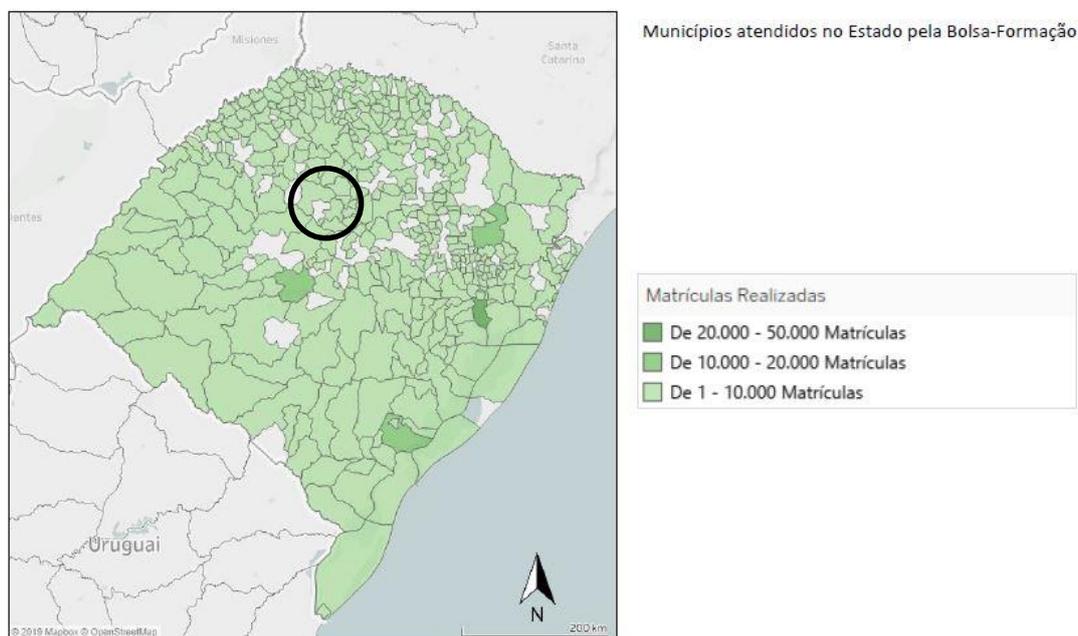
Parte-se, então, do necessário destaque a ser dado para um período importante da história da EPT, buscando discutir a relação entre a rede pública e privada, a partir da implantação do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), pela Lei nº 12.513, de 26 de outubro de 2011. Considera-se relevante partir da lógica comparativa entre o quantitativo de matrículas que revelam a expansão da EPT, no setor privado, pautando na análise documental do último relatório de gestão da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec) e do Sistema Nacional de Informações da Educação Profissional e Tecnológica (Sistec), disponíveis *online*, englobando dados de nível nacional e de Santa Maria/RS. Porém, já se faz a ressalva que tais dados públicos utilizados, nesta pesquisa, não se encontram atualizados para a EPT. Para tanto, encontrou-se sustentação no estudo de Dias e Da Silva (2019), em que constam as atualizações pertinentes no período de 2011-2017.

Inicialmente, com a proposta de expansão de cursos de EPT no país na rede federal, o Pronatec, aos poucos, veio ampliando o acesso, por meio de parcerias com escolas da rede privada, com o objetivo de qualificar jovens e trabalhadores, na perspectiva de uma formação profissional reconhecida, ampliando as oportunidades de trabalho e melhorias de renda aos cidadãos. Assim, por meio de programas e ações como assistência financeira, o programa foi

atraindo olhares da rede privada, em que instituições de ensino superior e de educação profissional e tecnológica, devidamente habilitadas, têm a possibilidade de serem parceiras do governo no âmbito da iniciativa Bolsa-Formação. Cita-se Manfredi (2016) que refere uma das principais iniciativas de expansão dos cursos técnicos na rede de ensino privada, a ser o Bolsa Formação<sup>14</sup>.

Conforme dados, ao longo dos anos de 2011 a 2017, o Bolsa-Formação teve alcance em 4.596 municípios do Brasil, com mais de 5 milhões de matrículas realizadas e, distribuídas em 207.757 turmas criadas. Ocupando a 3ª posição do quantitativo de matrículas realizadas, o Rio Grande do Sul, nos últimos 9 anos, é um dos principais estados, na região Sul do país, que investe na EPT. Ao considerar o número de matrículas por habitante, o estado ocupa a 15ª posição nacional, com 3.199 matrículas por 100 mil habitantes. E, dentre as regiões do Estado do Rio Grande do Sul, a região centro-gaúcho tem sua representatividade destacada nos índices de matrículas por meio do projeto Bolsa-formação (**Figura 6**), de 10.000 a 20.000 matrículas realizadas.

Figura 6: Municípios atendidos no RS pelo Bolsa-Formação



Fonte: Dias e Da Silva (2019)

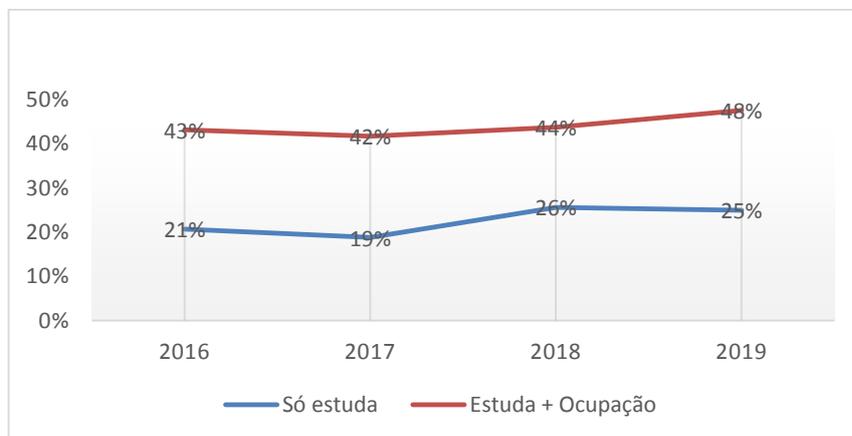
No que se refere ao repasse de recursos públicos para entidades privadas, advindo do Acordo de Gratuidade e das Bolsas de Formação, ele não garantiu que a qualidade do ensino

<sup>14</sup> Manfredi (p. 278, 2016), refere que por meio da iniciativa Bolsa Formação, o Pronatec passa a oferecer gratuitamente, cursos técnicos para quem tivesse concluído o ensino médio e para estudantes matriculados no ensino médio e cursos FIC, bem como qualificação profissional, atraindo os investimentos em infraestrutura para aumentar o número de matrículas nas escolas e atender às demandas do mundo do trabalho.

fosse mantida por todos os espaços de formação, mas garantiu a expansão da nova modalidade de ensino. Manfredi (2016) corrobora com Lima (2011) que faz a crítica para o aumento expressivo da oferta de cursos técnicos na rede privada, considerando que o governo ao fomentar a abertura de cursos na modalidade técnica nos espaços das IPES já cadastradas para cursos de graduação, as mesmas instituições poderiam também ofertar cursos técnicos por já possuírem estrutura, equipamentos e professores capacitados. Como contrapartida, o repasse de recursos públicos para o ensino privado, deveria ser realizado a partir de acordos que preconizam a manutenção da qualidade do ensino, e não apenas a oferta de bolsas para dados do governo, caso contrário, tais recursos poderiam gerar maiores investimentos do ensino nas escolas públicas (MANFREDI, 2016).

Tal iniciativa, a partir da implantação do Pronatec, resultou em quatro ações de política pública de EPT, quais sejam: Programa Brasil Profissionalizado; Rede e-Tec Brasil; Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, e também, o Acordo de Gratuidade com os Serviços Nacionais de Aprendizagem. E, mais recentemente, foram desenvolvidos o Mediotec e o Pronatec Oferta Voluntária. Tal incentivo à EPT, até então, se soma a uma transição demográfica no país que, conforme dados do IBGE (2016-2019) que revelam uma população jovem, em idade produtiva, passa a considerar a investidura em educação pós-médio, uma opção viável de profissionalização, com qualidade e possibilidade de formação contínua, com atividades práticas de início mais rápido e tempo de formação mais conciso (**Gráfico 1**).

Gráfico 1: Distribuição percentual de jovens de 18 a 29 anos de idade, por tipo de atividade na semana de referência e grupos de idade (2019)



Fonte: Adaptado do IBGE, Sinopse Estatística da Educação Básica 2019.

Diante do exposto, dialoga-se aqui sobre o impacto que as gestões políticas assumiram, nos últimos 9 anos, com reflexos múltiplos no acesso à EPT de jovens sem capacitação para o mundo do trabalho. Por meio do acesso aos dados, o que se observa é uma busca por qualificação a partir das exigências técnicas que empresas reforçam à sociedade e inviabilidade do setor público para dar conta da demanda de vagas requeridas. Assim, o incentivo à certificação de instituições privadas se faz, por ora, de extrema necessidade ser mantida e estimulada por novos projetos de fortalecimento para a EPT. Coloca-se também, como ponto de discussão, o papel do Estado, no que tange à garantia de qualificação profissional, justificando tais incentivos na esfera privada.

De acordo com os últimos dados publicados no Plano Municipal da Educação do município de Santa Maria disponível em rede da internet, já no ano de 2014 (**Tabela 1**), observa-se um aumento significativo de escolas particulares de ensino técnico, o que fomenta a necessidade de investigar quem são esses professores e como eles chegaram à docência nessas instituições.

Tabela 1: Oferta da Educação Profissional por dependência administrativa (2014)

Dependência administrativa	Nº de escolas com oferta de Ensino Profissional e Técnico	Nº de estudantes
1. Federal	03	3.497
2. Estadual	01	326
3. Municipal	01	247
4. Privada	08	2.625
5. Total	13	4.865

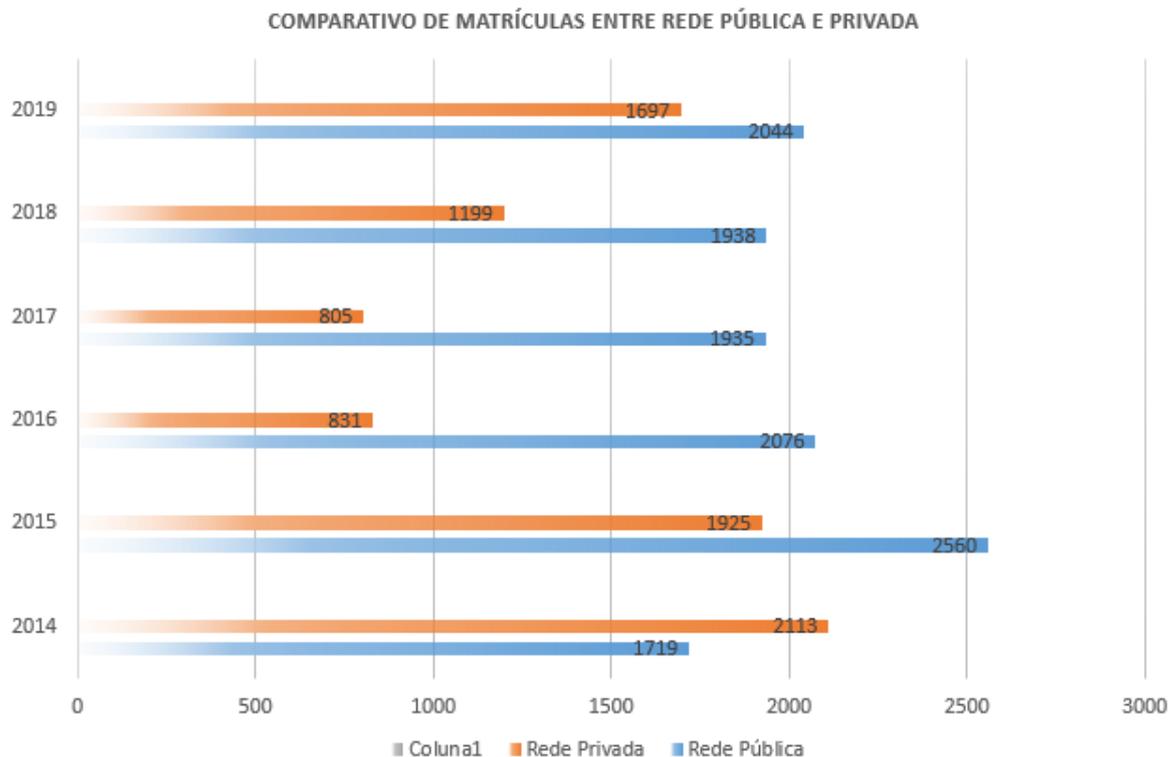
Fonte: Plano Municipal da Educação do Município de Santa Maria-RS ano 2014.

Diante do exposto, pode-se afirmar que, em comparação à rede estadual e federal, atuar na rede privada é um cenário encorajador para o exercício profissional do professor no município de Santa Maria/RS, considerando o quantitativo de escolas ativas no ano de 2014, oito são as instituições com oferta de EPT. Desse modo, oportunidades de atuar na e fomentar a EPT na localidade onde se atua, passa a ser *um locus* para a prática docente, pois a rede privada necessita estar em constante movimento de renovação para atender as demandas de seus alunos e se manter ativa no mundo do trabalho. Além disso, a procura por qualificação profissional vem se mostrando presente nos dados, conforme o Plano Municipal do ano de 2014, que remete à rede privada, um total de 56% do quantitativo de alunos matriculados, ficando atrás apenas

da rede federal, com representatividade no município de Santa Maria-RS, de 71% da adesão dos estudantes.

Também, reflete-se sobre os últimos 5 censos escolares divulgados pelo Ministério da Educação (MEC) por meio do Relatório do Censo da Educação Básica (**Gráfico 2**). Para o município de Santa Maria/RS, é possível observar que a relação das matrículas/ano ter oscilado e iniciar um aumento gradativo a partir de 2016, tem relação com o período (2014-2016) em que o Brasil reduziu os investimentos no setor da educação, e aumentaram os entraves para a certificação dos alunos nas instituições da rede privada por várias mudanças pensadas na época e fomento nos Institutos Federais (IFs), bem como a redução de bolsas de estudo como incentivo a estudantes de baixa renda. No ano de 2014, o número de matrículas totaliza 36,30%; 2015 (52,20% matrículas), 2016 (61,88% matrículas), 2017 (60,72% matrículas), 2018 (53,93% matrículas) e 2019 (45,36% matrículas).

Gráfico 2: Comparativo de matrículas entre a Rede Pública e Rede Privada conforme Censo 2014-2019



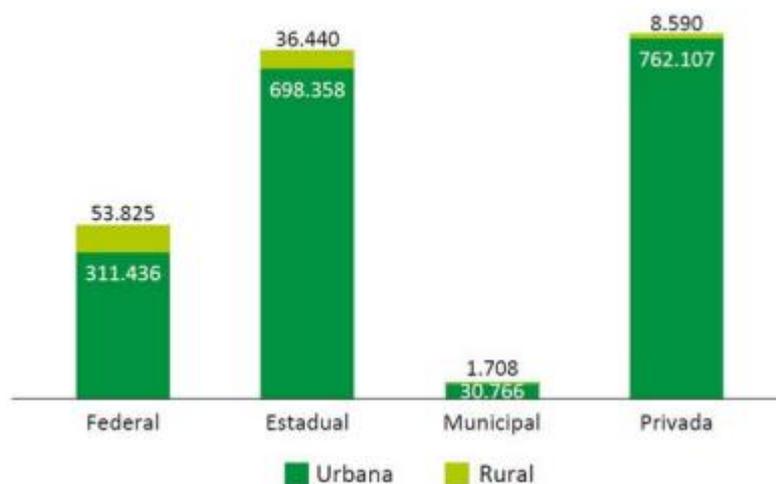
Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020).

Reconhecendo as limitações de acesso à EPT, a partir de 2016, de acordo com a Portaria MEC nº 401 de 10 de maio, as IPES passam a ofertar cursos técnicos, mas, ao mesmo tempo, a

falta de entendimento sobre a certificação dos cursos e processos de planejamento, as instituições cadastradas passam a serem impedidas de registrar os diplomas dos concluintes, causando frustração aos alunos, professores e instituições. Assim, houve a necessidade de uma reestruturação dos processos, qualificação dos docentes e investimento em infraestrutura, para que os atrativos refletissem no aumento das matrículas, que começaram a mostrar resultados promissores a partir de 2018.

Consultando dados do censo de 2018, observa-se o aumento gradativo das matrículas na educação profissional em nível nacional, influenciado pela crescente oferta de vagas nas instituições, concentrando a maior parte na rede privada (**Gráfico 3**), com 40,5% das matrículas. Tal dado pode-se aferir que a necessidade de capacitação técnica é uma das procuras para aperfeiçoamento profissional no mundo do trabalho.

Gráfico 3: Número de matrículas na Educação Profissional segundo dependência administrativa e localização da escola – Brasil – 2018



Fonte: Elaborado conforme dados do Censo da Educação Básica, ano 2018.

Somente a partir de 2019, o Ministério da Educação publicou a Portaria nº 1718 de 08 de outubro, com a revisão das normas constantes da Portaria mencionada anteriormente, viabilizando assim a oferta regular de cursos técnicos pelas IPES. Assim, no período entre outubro de 2019 a abril de 2020, a crescente de pedidos de novas instituições da rede privada fez com que uma nova Portaria fosse preconizada nos processos de habilitação (Portaria Setec nº 62, de 24 de janeiro de 2020).

Outro destaque é a nova proposta do governo atual, o Programa Novos Caminhos, lançado em 2019, com objetivos traçados até 2023. Até então, o que se vislumbra é um incentivo

à profissionalização de jovens e trabalhadores na educação subsequente ao ensino básico, facilitando os trâmites burocráticos para novos cadastros de instituições da rede privada, com relação direta ao mercado de trabalho. A proposta tem um cunho de trabalho pelo viés da politecnia, na perspectiva da educação integral, mas com ressalvas para se refletir além da formação técnica e sim, olhar para a formação científico-tecnológica dos processos produtivos, ainda com pouca atuação nas práticas reais.

Em consulta atual ao Sistec (2020), hoje estão cadastradas 17 instituições de nível técnico e/ou profissionalizante na cidade de Santa Maria/RS, em comparativo com apenas 6 instituições da rede pública. Desse modo, como recorte para o desenvolvimento desta pesquisa, serão consideradas apenas duas dentre as escolas técnicas privadas existentes no município. Tal escolha se justifica pelo fato de que as escolas selecionadas são aquelas que apresentam a maior oferta e procura de cursos técnicos da área da saúde, o interesse em pesquisar o ensino na área da saúde está relacionado à formação inicial em Terapia Ocupacional. Outra questão a ser considerada são os dados presentes no trabalho de Dias e Da Silva (2019), em que as matrículas por eixo tecnológico evidenciam os cursos técnicos da área da saúde, ainda como áreas de grande procura pelos estudantes e trabalhadores, seja tendo como opção a Formação Inicial e/ou Continuada (FIC), Técnico Concomitante (o estudante cursa na mesma época em que mantém os estudos na educação básica, exemplo: nível médio ou na Educação de Jovens e Adultos-EJA), bem como a opção de Técnico Subsequente, em que o estudante cursa em época posterior à conclusão da formação básica (**Tabela 2**).

Tabela 2: Quantidade de matrículas (por Tipo de Curso e Eixo Tecnológico)

UF	TIPO DE CURSO	EIXO TECNOLÓGICO	MATRÍCULAS
RS	FIC	Gestão e Negócios	77.675
RS	FIC	Controle e Processos Industriais	46.333
RS	FIC	Desenvolvimento Educacional e Social	34.259
RS	FIC	Informação e Comunicação	22.545
RS	FIC	Ambiente e Saúde	30.748
RS	FIC	Infraestrutura	25.218
RS	FIC	Turismo, Hospitalidade e Lazer	22.025
RS	FIC	Produção Industrial	13.538
RS	FIC	Produção Cultural e Design	7.918
RS	FIC	Produção Alimentícia	6.573
RS	FIC	Recursos Naturais	6.020
RS	FIC	Segurança	169
RS	FIC	<b>Total</b>	<b>302.484</b>
RS	Técnico Concomitante	Informação e Comunicação	6.278
RS	Técnico Concomitante	Controle e Processos Industriais	4.644
RS	Técnico Concomitante	Gestão e Negócios	4.535
RS	Técnico Concomitante	Segurança	1.145
RS	Técnico Concomitante	Ambiente e Saúde	1.412
RS	Técnico Concomitante	Produção Cultural e Design	364
RS	Técnico Concomitante	Recursos Naturais	308
RS	Técnico Concomitante	Infraestrutura	283
RS	Técnico Concomitante	Turismo, Hospitalidade e Lazer	125
RS	Técnico Concomitante	Produção Industrial	125
RS	Técnico Concomitante	Produção Alimentícia	95
RS	Técnico Concomitante	Desenvolvimento Educacional e Social	27
RS	Técnico Concomitante	<b>Total</b>	<b>20.777</b>
RS	Técnico Subsequente	Ambiente e Saúde	14.130
RS	Técnico Subsequente	Informação e Comunicação	9.779
RS	Técnico Subsequente	Segurança	4.976
RS	Técnico Subsequente	Gestão e Negócios	4.012
RS	Técnico Subsequente	Controle e Processos Industriais	2.115
RS	Técnico Subsequente	Infraestrutura	1.313
RS	Técnico Subsequente	Produção Alimentícia	639
RS	Técnico Subsequente	Turismo, Hospitalidade e Lazer	591
RS	Técnico Subsequente	Produção Industrial	530
RS	Técnico Subsequente	Produção Cultural e Design	433
RS	Técnico Subsequente	Desenvolvimento Educacional e Social	405
RS	Técnico Subsequente	Recursos Naturais	287
RS	Técnico Subsequente	<b>Total</b>	<b>39.212</b>
	<b>TOTAL</b>		<b>362.437</b>

Fonte: Dias e Da Silva (2019)

Outro fato de relevância é de que as duas instituições escolhidas terem como objetivos claros atender ao mercado de trabalho com enfoque nas singularidades da Região de Santa Maria, o que torna no mínimo interessante compreender os processos de funcionamento dos espaços para então discorrer sobre as mudanças possíveis para uma formação integral. Em uma delas, são ofertados 7 cursos técnicos da área da saúde: Enfermagem, Estética, Farmácia, Massoterapia, Óptica, Análises Clínicas e Radiologia. Na outra escola, são ofertados os cursos de Enfermagem e Radiologia (Sistec, 2020).

## 2.2 ENCAIXANDO AS PEÇAS: A FORMAÇÃO DOCENTE NA EPT

Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde.... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática (Paulo Freire).

É interessante aqui parar novamente e observar que tais mudanças advindas com a implantação da EPT, na verdade, são as mesmas que se discutem quando se pensa em uma educação com qualidade, desde que se começa a entender que sujeitos reflexivos são os agentes de mudanças. Mas também, voltam-se os olhares para a investidura em infraestrutura e capacidade técnica para gerir os espaços e conquistar novos progressos tanto de cunho pessoal,

como profissional. Nesta pesquisa, serão analisados os discursos dos professores, a partir da compreensão de Severino (2010), entendendo o ideal da formação emancipadora dos sujeitos, em que a educação vai além do aprendizado das técnicas, ou seja, avança na formação dos sujeitos pela humanização dos processos de fazer e pensar.

Na perspectiva de Gentiline e Scarlatto (2015), a formação docente nas instituições formadoras nem sempre consegue acompanhar as mudanças necessárias para o fazer docente ter sentido nos espaços de ensino, e a atuação docente vem mantendo, em alguns espaços de formação, características do ensino tradicional, não conseguindo desenvolver o potencial prático-reflexivo tão necessário na atualidade. Contudo, observando o atual cenário da educação, é possível vislumbrar algumas instituições iniciarem a valorizar os saberes individuais do professor para qualificação do ensino em sala de aula, o que faz dar importância para a atuação de professores, necessitando estarem comprometidos com uma formação integral dos sujeitos. Tais mudanças por parte dos gestores, particularmente do ensino privado, apresentam gradativamente reflexões e discussões das matrizes curriculares somadas às práticas pedagógicas inovadoras, para além de atender as demandas mercadológicas, mas também, transformar esses profissionais em sujeitos inovadores nas suas práticas.

Nesse sentido, pensar a formação de professores no contexto da EPT despertou a necessária pesquisa com foco na rede privada, tanto a partir das discussões sempre muito pertinentes nas disciplinas do mestrado acadêmico, bem como pelo expressivo número de escolas privadas que oferecem cursos técnicos. Embora o sistema público ofereça e tenha ampliado a oferta de cursos técnicos como estratégia pública de incentivo dos governos na oferta de vagas, as escolas particulares profissionalizantes têm muito de seus espaços hoje oferecidos para tais iniciativas e parcerias com o sistema público de ensino, por meio da oferta de bolsas e certificação reconhecida. Essa ampliação de oferta, tanto pelo sistema público como privado, foi impulsionada pelas demandas de mão de obra qualificada pelas empresas. Nesse sentido, corrobora-se com Ferreira Filho (2010), Lopes (2013) e Oliveira *et al.* (2013), quanto à necessária crítica aos modelos formativos existentes, no intuito de promover a melhoria dos processos de capacitação os docentes.

Repensando caminhos percorridos, é notável que as formações de cursos superiores da área da saúde não formam profissionais capacitados para a docência, e sim pessoas com capacidades técnicas para replicar procedimentos. Não que isso seja menosprezar as formações existentes, mas cabe aqui refletir sobre as dicotomias entre a oferta de cursos da área da saúde, equipe técnica para a formação dos sujeitos e propagação do ideal de sujeitos prático-reflexivos para o desenvolvimento de todos. Continuando a reflexão, retomando a ideia de que, baseado

em vivências únicas das trajetórias, o professor da área da saúde busca suas referências de ser docente, nos relatos, nas experiências, na troca de afeto, enfim, algo totalmente singular, que minimamente gera curiosidade em se colocar aqui para descobrir os percursos formativos de tais profissionais que estão na EPT, realizados ou não, mas que continuam na função de docente.

### 2.3 BUSCANDO UM PANORAMA PARA AS DISCUSSÕES: HISTÓRIA, TEMPO E MEMÓRIA

A todo instante somos moldados pela sociedade que nos cerca, “assim, quando voltamos a uma cidade em que já havíamos estado, o que percebemos nos ajuda a reconstituir um quadro de que muitas partes foram esquecidas”, entretanto, “se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referência de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente (MORAIS, p. 24, 2012).

Torna-se interessante aqui contextualizar o quanto os espaços, tempos e memórias estão presentes nas discussões da educação, e se faz pertinente manter aqui as reflexões sobre os processos formativos, não apenas pelo viés do professor, mas incluir a ideia de professores dentro de um contexto, a ser a EPT. Assim, busca-se encontrar entrelaçamentos com a história prática da Terapia Ocupacional, na tentativa por apreender significados, motivações, emoções e valores para elucidar atitudes, comportamentos e práticas sociais, incluindo a relevância do papel docente para a formação técnica em cursos da área da saúde.

Parte-se, então, de que a Terapia Ocupacional vem fazendo uso do resgate das histórias de vida como prática profissional, tendo tal estratégia como essência para atender os sujeitos. Nesse sentido, busca-se encontrar entrelaçamentos possíveis, a partir da formação como terapeuta ocupacional, revelando aos leitores que a prática do olhar integral, frente à singularidade dos sujeitos e contextos, pode contribuir significativamente para a atuação do terapeuta ocupacional nos espaços de ensino, incluindo a necessária formação para a prática docente nos currículos de formação inicial.

Reforça-se que, ao longo dos anos, a Terapia Ocupacional muito faz uso da história de vida como prática utilizada em prol de reconhecimentos dos sujeitos e planejamento de ações assertivas nos diferentes contextos em que atua. E, assim, busca-se entender onde se poderia inserir o terapeuta ocupacional na EPT, recorrendo a uma prática humanizada muito difundida e que fomenta a emancipação dos sujeitos, por meio da promoção da independência e autonomia. Considera-se, também, que entre os estudos levantados, apenas um revela um panorama de profissionais da área da saúde, e assim, se buscará entender se tais profissionais,

para além da formação técnica, estão preocupados para com a escuta qualificada dos sujeitos, promovendo o ideal de sujeitos prático-reflexivos na EPT.

Assim, recorre-se ao método utilizado pelos terapeutas ocupacionais, para compreender os sujeitos e contextos e, por meio de narrativas e relatos, atrelados aos mais diversos instrumentos de coletas (entrevistas e depoimentos), essa estratégia encontra eco na fundamentação da História Oral (HO), refinada pelo uso da História Oral de Vida (HOV) que se optou para este estudo. Nesse sentido, se definirá, mais adiante, o método, tendo como base os estudos de José Carlos Sebe Bom Meihy (MEIHY, 2005; MEIHY e HOLANDA, 2007) do Núcleo de História Oral da Universidade de São Paulo (Neho-usp), a qual denominaram de "história oral de vida", destacando a palavra "oral" em virtude de a oralidade ser algo imprescindível dentro do método.

Buscando relações para o viés traçado com este estudo, parte-se do princípio de que reviver momentos movimentados questionamentos e pode contribuir, de maneira significativa, para que novos processos sejam pensados pelos sujeitos que fazem uso da autorreflexão. E assim, vislumbra-se o terapeuta ocupacional no suporte para gestores das escolas que trabalham com a EPT, bem como, motiva o aluno a refletir sobre os processos e planejamentos diários. Mas, também, compreendem-se as dificuldades para rever estratégias de ensino, manter a motivação do aluno nos estudos e incentivar a capacitação dos professores, pois, ao lidar com sujeitos, há as particularidades para serem consideradas.

Dentre uma particularidade, chama a atenção ao ato de recordar lembranças e (re) significá-las, pois sua ativação está atrelada à memória, então, nem tudo pode ser lembrado com detalhe, ainda mais quando se considerada que nem todos os professores têm o hábito de refletir cotidianamente sobre o seu fazer. Então, ressalta-se a importância do resgate das ações docentes em prol das melhorias nas práticas dos professores. Entende-se, com isso, que humanizando o contexto da EPT, se sensibilizará para compreender as nuances dos cenários, a partir da lógica do entendimento dos discursos, bem como discorrem Silva e Barros (2010):

No entanto, nem sempre tal processo é consciente, ele contém continuamente dimensões que escapam ao próprio narrador. A memória é processual e situada, ela vai construindo-se e desenhando sentidos (sempre parcelares) na relação que estabelece entre experiência passada, presente e projeção de futuro (desejo) e, igualmente, com a subjetividade daquele que escuta, num processo dialético entre a subjetividade do ouvinte e a do narrador (SILVA e BARROS, p.69, 2010).

Sabe-se que, com o passar dos anos, gradativamente, as questões cognitivas podem ser alteradas, em alguns os lapsos podem ser mais frequentes, mas em outros há reflexos. Pode-se aferir que tal encantamento pela memória é algo que convida a buscar estratégias para que se possam manter ativas as lembranças que nos tornam aprendizes na vida, afinal o que seria de

nós sem as recordações da infância, dos amores, dos amigos, dos trabalhos desenvolvidos, dos espaços frequentados. Assim, corrobora-se com Meihy (2005), reforçando que a riqueza da memória está justamente no fato de ela nem sempre retratar o fato real, resultando na ação singular das impressões dos sujeitos, o que dará o real sentido do que foi vivido.

Também se considerará, para este estudo, o papel coletivo da memória no campo da EPT, aprofundando olhar para os professores e delimitando o espaço nas escolas da rede privada, com o intuito de movimentar tais atores na busca por melhorias nas condições de trabalho e aperfeiçoamento técnico. Para isso, entende-se que a memória também desempenha um papel importante como fenômeno social, na medida em que os pares podem se encontrar nas histórias dos outros e assim seguirem nas buscas por melhorias e reconhecimento de grupo. O fato é que reviver o passado pode não ser uma tarefa de fácil realização, pois é exigido compreender e resolver conflitos, o que não facilita o processo. Mas, talvez, esse seja o encantamento pelo resgate de histórias de vida, pois as experiências singulares assumem formas e, ao mesmo tempo, podem ser remodeladas quando tais conflitos são resolvidos.

As relações que se buscam aqui trazem as vivências de eterna aprendiz como terapeuta ocupacional, pois é dessa experiência que se aprendeu a realizar a escuta atenta, em todos os momentos dos encontros com os sujeitos, entendendo a necessidade de estar entregue ao momento quando encontrar alguém, compreendendo ser cada encontro um novo momento. E assim, “as histórias narradas nunca se encerram definitivamente, pois uma torna-se ensejo de outra, que desencadeia uma outra, em movimento sem fim” (SILVA e BARROS, p.70, 2010).

O que move a pesquisadora, com este estudo, também é incentivar novas pesquisas no campo da EPT e ultrapassar os limites da rede de ensino privada, bem como traçar relações possíveis com a Terapia Ocupacional. Para isso, a escolha pela abordagem próxima aos sujeitos da pesquisa, por ora, tem todo o sentido para dar mais profundidade aos dados e gerar reflexões potentes para a fundamentação de novos trabalhos. Esse compromisso de estar com o outro é visto como uma oportunidade única de transformar as realidades vividas e desenvolver soluções para os conflitos da vida cotidiana, bem como, valorar as ações dentro da EPT.

Outro destaque merecido a ser dado traz relação à postura que se estabelece ao estar com o outro. Define-se esse momento como encontro de almas...sim, um encontro de completa entrega para com as histórias a serem ouvidas. E aqui, reflete-se e percebem-se os sentidos das aulas como algumas tentativas de entender a função da Terapia Ocupacional geravam alguns questionamentos. Torna-se interessante pensar que se precisa aproximar e manter o distanciamento, mas aqui se percebe, que a essência é saber partilhar o momento, o conhecimento, as experiências. Busca-se sensibilizar os leitores para o fato de que é preciso

remodelar a relação entre pesquisador (a) e o (a) colaborador (a), buscando uma aproximação de horizontalidade, de olho no olho, de igualdade frente à disposição de aprender sempre.

Fazer uso do resgate de histórias, considerando o tempo em que se viveu, vive e viverá, e a memória com suas nuances, além dos espaços por onde a vida fez sentido, ressaltam a importância de se fazer uso de tais estratégias para a pesquisa. Para a Terapia Ocupacional já faz sentido tal abordagem, mas se insistirá em difundir o método da história de vida via reflexão dos processos, no que tange ao favorecimento da livre expressão dos sujeitos silenciados pelas pesquisas, ou pouco valorizados pela sociedade. Assim, entende-se que, a partir dos relatos, poderão surgir novas perspectivas e possibilidades de mudanças no contexto da EPT.

Reafirma-se que, embora se perceba a abordagem pela escuta atenta às histórias de vida ser algo inerente aos profissionais da área da saúde, para alguns, a prioridade passa a ser o desempenho da técnica. Mas, aqui, sinaliza-se que incluir as histórias dos sujeitos poderia ser um diferencial em qualquer campo profissional, podendo ser adotado como prática para a construção de projetos de vida, bem como de ultrapassar barreiras sociais, gerando transformações individuais e coletivas.

Produzir história é, portanto, fundamental para que narrativas minoritárias - e que se produzem nas próprias margens - possam surgir e colaborar para a desnaturalização das narrativas hegemônicas (SILVA e BARROS, p.72, 2010).

Nesse sentido, conhecer as histórias de vida de professores, em escolas técnicas, tornou-se um tema de tão fácil escolha, pois se percebe que, a partir do ouvir as trajetórias singulares dos professores, pode-se conhecer e compreender o fazer desses sujeitos, bem como a partir de suas narrativas que eles possam se escutar e refletir sobre sua trajetória pessoal e profissional, processo este que pode contribuir para maior clareza quanto a seu papel profissional e quem sabe suscitar elaboração de estratégias que venham a contribuir para os processos de ensino e de aprendizagem.

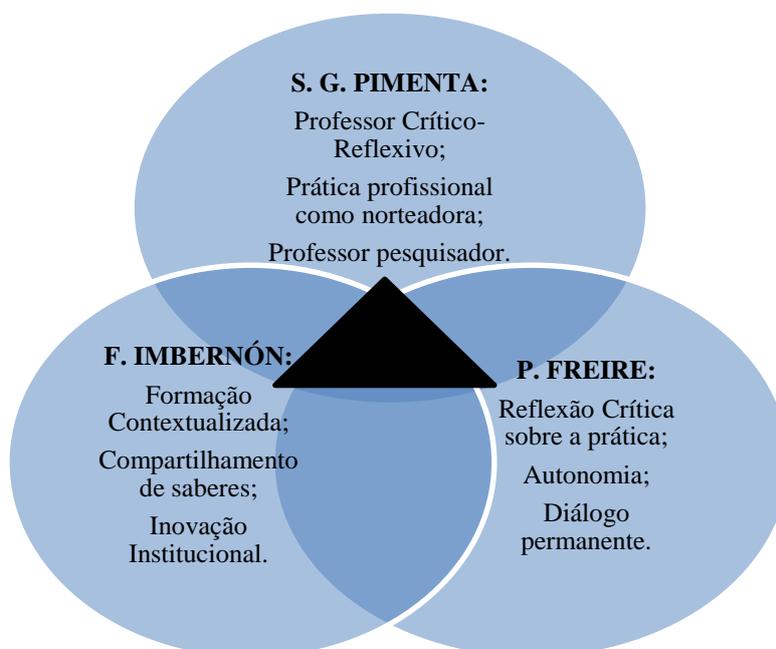
Desse modo, espera-se com a pesquisa provocar nos docentes uma reflexão sobre a sua trajetória de vida pessoal e profissional, na expectativa de que a escuta de suas narrativas os façam (re) significar seu percurso e escolha profissional e possa assim contribuir para seu desenvolvimento profissional docente. A pesquisa ao elucidar as especificidades da formação e desenvolvimento profissional docente pode fomentar a investidura em cursos de aperfeiçoamento, leituras, dentre outras atividades.

Reforça-se a ideia de que a formação e a capacitação devem sempre ir além da aquisição de técnicas didáticas de transmissão de conteúdo para os professores e de técnicas de gestão para os dirigentes, entendendo que o professor também tem seu papel fundamental na gestão

dos espaços de ensino. Compreende-se, também, que nesse contexto, o professor deve rever suas atitudes, também identificando as falhas do seu processo de formação, sendo crítico, reflexivo, reativando seu papel social. E, assim, estima-se ao docente, que aos poucos passa de transmissor de conteúdo para assumir uma atitude problematizadora e mediadora dos processos de ensino e de aprendizagem sem, no entanto, perder sua autoridade nem, tampouco, a responsabilidade com a competência técnica dentro de sua área do conhecimento (FREIRE, 1996).

Com vistas a complementar as discussões da pesquisa, na sequência, apresenta-se a linha teórica na qual se debruçará para as reflexões dos resultados (**Figura 7**). Assim sendo, se utilizarão os discursos de Pimenta (1999, 2005, 2012) como “suleadores” para a formação docente na EPT, bem como Imbernón (2009 e 2011) para a relação da prática docente inovadora nos espaços de ensino por meio da imersão do professor na perspectiva da pesquisa, seguido de Freire (1996, 2005 e 2011) contribuindo para uma atuação docente disposta a dialogar e a realizar trocas cotidianas com aqueles com quem convive. Assim representado pelo triângulo na cor preta, busca-se encontrar tais perspectivas para fundamentar e valorar a atuação de professores da área da saúde em cursos técnicos da rede de ensino privada.

Figura 7: Relações teóricas utilizadas no estudo



Fonte: Autora da pesquisa (2020)

Partiu-se da perspectiva de Freire, que faz refletir quanto ao pensamento pedagógico do professor, a necessária relação entre a teoria e prática, bem como a aproximação com o ensino e pesquisa e a compreensão da função social do professor. Freire (1996) parte do pressuposto da responsabilidade social do professor, destacando seu potencial de transformação no mundo, a partir do ideal de estar em um contexto que deve promover o desenvolvimento prático-reflexivo dos sujeitos. Assim, outra questão importante é levantada por Freire, quando se fala no poder da emancipação dos sujeitos, promovendo a liberdade de comunicação e livre desenvolvimento, humanizando processos, a partir do pensar, refletir e agir (FREIRE, 2005).

Assim, torna-se necessário modificar as práticas docentes, entendendo ser o professor não mais um replicador de técnicas e teorias, mas também preocupado em desenvolver reflexões aos educandos, buscando prepará-los para as mudanças constantes da vida. Nessa lógica, Freire (2005) também pondera essa origem humana de querer mudar as questões do mundo por meio do trabalho, reiterando as mudanças urgentes de serem revistas as formações dos professores quanto a formar alunos entendidos do poder do trabalho com conhecimento científico atrelado a ele.

Nesse sentido, ao olhar para as instituições de ensino, conforme Imbernón (2011) bem aponta, observamos professores difundindo conhecimentos por meio de práticas de ensino tradicionais, ou seja, preconizando o saber das técnicas. A partir dessas observações, o necessário refletir sobre as práticas pedagógicas força o professor a questionar sua atuação frente ao aluno, atentando-se para as novas necessidades da sociedade que pede conhecimento técnico e inovador. Ainda, conforme Imbernón, cabe ao professor também permitir aos espaços de ensino a livre participação dos sujeitos, promovendo reflexões sobre as mudanças da sociedade e o mundo do trabalho, colocando a discorrer sobre a importância da formação inicial para capacitar o professor a assumir a tarefa educativa em toda sua complexidade, incluindo o viés científico, cultural, contextual, psicopedagógico e pessoal (IMBERNÓN, 2011).

Contudo, tais inovações, em cursos da formação inicial na área da saúde, devem comprometer-se em formar profissionais que valorizem a prática docente, por meio da aproximação de seu fazer das realidades dos contextos, bem como olhar para o aluno e pensar sobre o que ele quer aprender em termos de conhecimento. Para ser professor, é preciso encarar a docência com seriedade. O papel do professor passa a ser visto pelo viés do docente que tenha voz para desenvolver processos reflexivos e indagativos sobre os aspectos educativos, éticos, relacionais, colegiais ou colaborativos, atitudinais, emocionais, entre outros, que vão além dos aspectos puramente disciplinares, técnicos e supostamente “objetivos” (IMBERNÓN, 2009).

Por fim, traz-se a perspectiva de Pimenta (2002), reforçando o ideal de humanizar as práticas pedagógicas a partir da concepção de professor como intelectual crítico/transformativo, e assim promover a formação integral do aluno. Como Pimenta ainda reforça, que na FIC as trocas compartilhadas entres pares, seria essencial para reformular os processos formativos. Ao olhar para as universidades, Pimenta (2002) reflete que tais espaços devem ser considerados norteadores para que tais mudanças desejadas para a atuação docente sejam conquistadas.

Outra questão relevante a ser pensada traz o professor como agente de mudanças atuante nos espaços de gestão, participando das formulações dos currículos, políticas para a educação, na promoção de pesquisa, resultando positivamente para a ampliação de seu conhecimento (Pimenta e Anastasiou, 2008). Portanto, se buscará revelar o contexto da EPT na rede de ensino privada, aos profissionais da saúde, como um espaço possível de atuação, somando com as *expertises* do saber lidar com sujeitos, se tornaria viável (re) significar processos e planejamentos na EPT.

### **3 A DEFINIÇÃO DE UM MÉTODO: A HISTÓRIA ORAL DE VIDA E SUAS NARRATIVAS POTENTES**

Aqui as peças começam a revelar formas e imagens, mas não se busca um fim com este estudo, mas caminhos “suleadores” para a continuidade da pesquisa, novas possibilidades de investigação e novos saberes para pesquisadores com interesses pelo tema proposto. Contudo, ora fez sentido fazer uso da escrita, depois veio a importância em valorar as falas e, então se percebeu ser impossível separar tais estratégias, prevalecendo o desejo de ampliar as vozes dos sujeitos. E cá se chegou na definição dos caminhos metodológicos, com uma proposta que ganha prestígio em áreas além das ciências humanas e sociais.

Assim, as inquietações em relação ao processo formativo de professores da área da saúde atuantes na EPT, levaram à busca da compreensão dos caminhos traçados por tais profissionais, para então, discorrer sobre a atuação dos Bacharéis e Tecnólogos em Santa Maria/RS. A partir dos aprofundamentos nos estudos prévios à pesquisa, um caminho a ser seguido para a dissertação levou a pensar sobre:

**A formação pedagógica de profissionais Bacharéis e Tecnólogos que atuam na EPT da rede de ensino privada no município de Santa Maria/RS.**

A partir de então, esta dissertação foi elaborada tendo como questão problema de pesquisa:

**Como se constitui a formação de professores Bacharéis e Tecnólogos de cursos da área da saúde atuantes em escolas técnicas privadas no município de Santa Maria/RS?**

E, para chegar à resposta dessa questão, foram elaborados os seguintes objetivos:

#### **Objetivo Geral**

Investigar como ocorre a formação de professores de escolas técnicas privadas atuantes em cursos técnicos da área da saúde.

E como objetivos específicos:

### **Objetivos Específicos**

- ✓ Conhecer as histórias de vida de professores de escolas técnicas.
- ✓ Discorrer a trajetória de formação de professores que atuam em cursos técnicos na área da saúde em escolas privadas.
- ✓ Verificar o que os professores identificam como realização profissional docente.

Nos vários momentos de trocas com os mestres, eis que surge um caminho possível e que se encaixaria na busca por sensibilizar os leitores, que gentilmente foi apresentada pela mestra Amara, denominada História Oral de Vida (HOV). A partir do aprofundamento de leituras para um entendimento inicial, compreendeu-se partir pelo entendimento do conceito de História Oral (HO), no intuito de não fazer uso dela como ferramenta, e sim como metodologia de pesquisa, retratada muito bem por Meihy (2006), discorrendo que o uso da HO encontra seus entraves dentro do ambiente acadêmico, pois ainda se encontra a dificuldade de aceitar a subjetividade como dado científico.

Ainda que seja aceito o inevitável – que história oral não seja solução para tudo – sabe-se que ela é, pelo menos, uma janela que deixa ventilar o ar puro do “tempo presente” e que sem ele não se pode pensar a sociedade e os projetos de melhoria da vida coletiva com base em saber rigoroso e comprometido (MEIHY, p.194, 2006).

Então foi preciso imergir em um mundo desconhecido de saberes, chegando a ser confuso compreender as etapas, e mais questionamentos se fizeram presentes. A mestra sempre orientando e dizendo que o processo é esse mesmo, que as indagações fazem parte da aprendizagem, e que o trabalho pode ser árduo, mas o novo método, precisa ser muito bem compreendido para ser difundido aos demais leitores. Assim, fez-se a compreensão de que a HO tem seu processo pela construção conjunta, não necessariamente buscando o conhecimento total sobre determinado assunto, mas a essência daquilo que se busca contemplar. Battistel (2016) cita Meihy e Holanda (2007), ao definir HO como um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração do projeto e que continua com a constituição de um grupo de pessoas a ser entrevistadas. “Não se trata apenas de um ato ou procedimento único [...] é a soma articulada, planejada, de algumas atitudes pensadas como um conjunto” (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 15).

Mas como já mencionado, para este estudo, debruçou-se em um dos vieses da HO, em que se trabalhou mais especificamente com HOV, a qual se diferencia das outras abordagens – história oral temática e tradição oral –, constituindo-se na maneira mais pessoal e subjetiva de

registro de experiências individuais e proporcionando um maior entrosamento entre os colaboradores<sup>15</sup> e o pesquisador. Nesse sentido, o foco da pesquisa não buscou simplesmente informações, pois, como afirma Meihy (2005), a HOV é a narrativa da trajetória de vida de uma pessoa, processo no qual há que se considerar o significado social de histórias pessoais e sua representatividade. Essa perspectiva recomenda que a HOV seja cotejada junto a outras histórias para ganhar sentido coletivo e social.

Nessa perspectiva, as entrevistas foram elaboradas em diálogo com os entrevistados que deixaram de ser “meros informantes” da pesquisa, para tornarem-se colaboradores atuantes e imprescindíveis no projeto. Nesse caso específico, fala-se de um gênero de HO que privilegia a experiência de vida daqueles que narram suas histórias, em que nas entrevistas buscam-se as singularidades das trajetórias pessoais e da visão de mundo de cada colaborador. A esse tipo de HO, Meihy & Holanda (2011) denominaram de HOV:

No caso da história oral de vida, o que a distingue é exatamente a independência dos suportes probatórios. As incertezas, descartabilidade da referência exata, garantem às narrativas decorrentes da memória um corpo original e diverso dos documentos convencionais úteis à História. Em particular, a história oral de vida se espalha nas construções narrativas que apenas se inspiram em fatos, mas vão além, admitindo fantasias, delírios, silêncios, omissões e distorções (MEIHY e HOLANDA, p.34, 2011).

### 3.1 DELINEAMENTO DO ESTUDO

Em busca de retratar a realidade da formação e desenvolvimento profissional docente de professores atuantes em escolas técnicas de Santa Maria-RS, o estudo define-se por ser do tipo qualitativo, utilizando como método a HOV. A escolha pela abordagem qualitativa corrobora com a ideia apresentada por Battistel (2016), na medida em que se permite ao pesquisador o aprofundamento de conhecimentos sobre as histórias de vida dos sujeitos participantes, singularizando tanto as pessoais como as profissionais. Assim,

Busca-se conhecer o que os fenômenos representam para as pessoas, a partir do significado das coisas e de como as pessoas organizam suas vidas pessoais e profissionais, incluindo aí os processos formativos (BATTISTEL, 2016, p.43).

Ainda de acordo com Battistel (2016), o uso do método HO para o desenvolvimento de estudos na formação docente se faz relevante, pois permite uma coleta de informações com dados suficientes para a leitura da história dos sujeitos. Somando o fato de que, desde o início

---

<sup>15</sup> Os entrevistados na presente pesquisa serão chamados de “colaboradores” baseados na definição de Meihy; Ribeiro, (2011) de onde tais sujeitos são seres partícipes de todo os espaços que se encontram durante tal encontro que acontece. A partir desse movimento, os colaboradores ultrapassam a condição de meros informantes, e sim de parceiros de construção de novos saberes.

da construção da pesquisa até a finalização da escrita com os achados, o método exige que as relações sejam mantidas, pois é necessário compreender a fundo os contextos das instituições com as percepções dos docentes.

Nesse contexto, dizer que a HO se ocupa, sobretudo da subjetividade é uma obviedade. Ocupa-se também das recordações, da assimilação pessoal das experiências vividas, do comportamento individual e das explicações na história da responsabilidade pessoal nos processos históricos e de sua interpretação, e das construções biográficas e das biografias (VON PLAT, 1988 apud MEIHY; HOLANDA, 2007, p.82).

Como “suleador” da pesquisa, com o uso da HOV como metodologia, nesta pesquisa, buscou-se compreender as trajetórias pessoal e profissional docente, desvelando suas escolhas profissionais ao longo do tempo e percepções frente ao cenário da educação voltada para o campo da profissionalização. Soma-se à questão que o uso da metodologia de HOV tem se disseminado em estudos na área da educação, por compreender que esta atende ao contexto singular quando se fala em formação de professores. Corroborar com a ideia Amorim e Rodrigues (2015) quando relatam, em seus estudos, que o uso da HOV permite apreender de maneira ampla e profunda os caminhos percorridos ao longo da vida, além dos significados atribuídos pelo sujeito acerca de suas experiências profissionais.

Assim, esta pesquisa teve seus caminhos trilhados pela metodologia da HO proposta por Meihy e Holanda (2007), na qual estão implícitos alguns procedimentos, que podem ser elencados em seis principais passos para sua execução, e cada uma dessas etapas são consideradas critérios éticos. São elas: elaboração do projeto, gravação, estabelecimento do documento (elaborado a partir das técnicas de transcrição, textualização e transcrição), interpretação, arquivamento e a devolução social.

### 3.2 CONTEXTO DA PESQUISA E COMPOSIÇÃO DA REDE DE COLABORADORES

Nesta pesquisa, as pessoas que discorreram livremente sobre suas histórias de vida profissional e docente, definindo hoje o papel de professor do ensino privado atuantes em cursos técnicos da área da saúde, que são denominados colaboradores da pesquisa, além de conceder a entrevista, participaram da elaboração do documento final que foi destinado à análise de dados. Para tanto, os docentes partícipes desta pesquisa atuam em escolas técnicas privadas de Santa Maria-RS, que serão denominadas **Instituição A** e **Instituição B**, que correspondem às instituições com maior representatividade na região de Santa Maria-RS.

Somados ao exposto, considerou-se também a possibilidade de atingir um número maior de professores e maiores margens para pesquisas futuras. Além disso, a opção por se trabalhar com docentes de cursos da área da saúde teve como princípio a aproximação com a história de vida brevemente relatada nos primeiros escritos deste estudo, em que se buscou refletir sobre a atuação docente sem formação pedagógica inicial.

Considerando as dificuldades advindas do contexto da pandemia Covid-19 que, para muitos, houve a sobrecarga docente, somadas à urgente capacitação para o ensino remoto, para esta pesquisa, atingiu-se a representação de quatro professores de distintas categorias profissionais, sendo três atuantes na mesma escola. Salienta-se que a participação se deu de forma voluntária, por meio de aceite de convite encaminhado por e-mail. Como único critério de exclusão, foi considerado apenas os professores em situação de afastamento pelas instituições.

Esta pesquisa obedeceu a todos os preceitos éticos preconizados na Resolução 510/16 (BRASIL, 2016), foi registrado no Gabinete de Projetos do Centro de Educação, e submetido à apreciação do Comitê de Ética da UFSM, tendo sido aprovado sob o Parecer de nº 4.079.340/CAAE: 32571320.9.0000.5346 (ANEXO E). Assim, após o aceite e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO D), foram colhidas as narrativas que serão apresentadas no próximo capítulo. Desse modo, neste trabalho, foram colhidas e são apresentadas as quatro narrativas dos colaboradores centrais que terão suas identidades preservadas, de onde optou-se por descaracterizar o nome de todos os colaboradores:

**Colaborador 1**, Fisioterapeuta e Técnico em Radiologia, um homem jovem, em busca de qualificação profissional na área da saúde. Sua prática docente aconteceu somente na Instituição A, de onde também adquiriu a formação técnica. O profissional com uma carreira docente recente na EPT, sendo dois anos e meio atrelados a cinco anos de atuação profissional. Suas especializações buscaram aperfeiçoamento profissional, tendo Pós-graduação em Fisioterapia Hospitalar e Terapia Intensiva Adulto, Avaliação e Prescrição para Públicos Especiais e Lesões, Avaliação Física, Ortopédica e Funcional. Atualmente é discente do curso de graduação em Educação Física-Bacharelado, com interesse em atuar na área da reabilitação.

**Colaboradora 2**, Enfermeira, mulher jovem, também docente na Instituição A e egressa da mesma instituição. É a atual coordenadora do curso Técnico em Enfermagem e gestora do Laboratório de Práticas da Instituição A. Apresenta uma trajetória docente de seis anos até então sempre na EPT, tendo suas práticas pedagógicas desempenhadas na Instituição A. Concomitante ao tempo de docência, atua também como profissional de enfermagem. Tem Pós-graduação em docência, advinda de uma necessidade formativa exigida pela instituição já

quando pertencia ao corpo docente da Instituição A. Permanece encantada com a EPT, uma vez que, há uma identificação com a instituição que reconhece seu papel no aprendizado dos estudantes.

**Colaboradora 3**, Biomédica Esteta e Ortomolecular, atua na clínica há 11 anos. A função docente vem sendo realizada na Instituição B, em Santa Maria-RS, há 5 anos, onde ajudou a construir o curso Técnico em Estética, tendo assumido a coordenação deste curso e do Técnico em Massoterapia. Uma mulher jovem, com uma necessidade de aperfeiçoar suas práticas para melhor ilustrar situações reais em sala de aula. Dentre as especializações, tem uma em docência na EPT fomentada pela instituição que atua e as demais para aperfeiçoamento da prática clínica.

**Colaborador 4**, Técnico e Tecnólogo em Radiologia, colaborador com mais experiência profissional e tempo de docência, tendo completado 20 anos como professor na EPT, atrelados há 35 anos de atuação profissional na Radiologia. Já atuou em várias escolas de Santa Maria e região, sendo um entusiasta da profissão em busca de aperfeiçoar a formação de novos colegas. Atualmente é o coordenador do Técnico em Radiologia, inserido recentemente como docente no Pós-técnico em Radioterapia da Instituição A. Para fomentar sua prática, buscou Pós em Gestão, Ressonância Magnética e em Educação em Nível Superior, bem como, em docência na EPT. Hoje almeja entrar no Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica da UFSM, para aprimorar seus conhecimentos com a prática na Radiologia.

### 3.3 PROCESSO DE ESCUTA DAS NARRATIVAS

Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas, as quais foram gravadas conforme orientações da estratégia metodológica preconizada pela HO, como também seguiram um roteiro (APÊNDICE B), para facilitar a condução da temática durante as narrativas, bem como, de garantir que as áreas de interesse da pesquisa fossem contempladas, e pudessem ser em algum momento, instigados. A fim de traçar um breve perfil dos colaboradores do estudo, no final de cada entrevista, foram resgatadas algumas informações conforme (APÊNDICE A).

Em virtude da pandemia Covid-19, todos os encontros foram realizados virtualmente, mantendo a livre escolha do dia e ferramenta virtual que melhor se aproximasse do colaborador, buscando um momento mais tranquilo, para este estudo, todos os colaboradores fizeram uso do *Google Meet*. O contato com os colaboradores se deu inicialmente via e-mail e outros via mensagens de WhatsApp, explicitando objetivos da pesquisa e verificando o desejo em sua

participação como narradores. A necessidade de agendamentos prévios foi imprescindível para a promoção de um momento com mais diálogo e aprofundamento das histórias de vida.

O uso de caderno de campo para registro das observações relativas ao andamento do projeto e das entrevistas, contemplando impressões, inferências, hipóteses e reflexões teóricas decorrentes dos achados da pesquisa, foram utilizadas como suporte nas reflexões a serem pontuadas no final do trabalho.

A etapa pós-entrevista foi o momento em que foi necessário imergir intensa e exaustivamente no tratamento dos áudios e na produção escrita para se chegar ao documento final. Assim, seguindo os passos da HO proposto por Meihy (2005), iniciando com a passagem do oral para o escrito, descritas a seguir:

- ✓ **Transcrição:** as traduções literais das narrativas foram escritas, incluindo os questionamentos, as respostas, os erros, os silêncios, os sons externos, entre outros aspectos.
- ✓ **Textualização:** nesta etapa foram eliminadas as inferências que ia realizando ao longo do encontro, suprimindo os vícios de linguagem, dos sons e dos ruídos. E assim, construiu-se um texto em primeira pessoa, para buscar a clareza, bem como, deixar a leitura mais fluída.
- ✓ **Transcrição:** esta etapa foi a que demandou mais dedicação e esforço, pois houve a necessidade de retomar os áudios por diversas vezes, somado ao contato com o caderno de campo para reproduzir a fim de lembrar as nuances durante a realização das entrevistas.

Os trechos de falas informados durante este trabalho tiveram pequenos ajustes na linguagem escrita, evitando erros de gramática e concordância que poderiam desqualificar o interlocutor. Os ajustes se referiram à pontuação, considerados por Meihy (2011) como parte do processo de transcrição. Meihy (2005, 2011) menciona como etapas no processo da pesquisa a gravação, a textualização/transcrição e a transcrição. Neste estudo, após a etapa de transcrição, o texto foi encaminhado ao autor para validação e as falas foram utilizadas de acordo com o que foi modificado ou não pelo autor.

A transcrição, pois, é muito mais do que mudar palavras ou sentenças em uma narrativa, é ato de compromisso com a transformação dos acontecimentos. Devir. Transcrição: ação criativa de mudar. De mudar tudo: texto e contexto. Por lógico, clamo limites. Sem messianismos totalizantes, mas também sem alienação do saber que é, sim também, ato político (MEIHY, 2011, p.171).

A transcrição não se trata da simples transformação da linguagem oral em linguagem escrita; trata-se da criação de um texto subjetivo, que se aproxima do sentido e da intenção original que o colaborador quis expressar, preservando a identidade e linguagem do colaborador. Na transcrição, há preocupação e cuidado com marcadores que representem a linguagem não verbal (tais como sons, entonação, modulações de voz, risos, suspiros, entre

outros) com o compromisso de revelar, com o máximo de fidedignidade, a intenção do colaborador, o que não seria possível com a simples transcrição. Sobre isso, Boschilia (2012, p. 98) alerta que “não deve se iludir com a frieza que as transcrições incentivam, mas, pelo contrário, lembrar sempre que a palavra falada é inseparável da emoção e do gesto”.

### 3.4 ASPECTOS ÉTICOS

Para a divulgação dos achados da pesquisa, somente vai ser divulgado os textos obtidos a partir das gravações, revisados e aprovados pelos colaboradores, por meio de assinatura de Carta de Cessão (APÊNDICE C), que além de autorizar o uso na íntegra das narrativas, também autoriza a identificação do colaborador. Concordando, igualmente, que estas informações sejam utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto e para publicações científicas ou apresentação em eventos científicos.

De acordo com os termos de confidencialidade (ANEXO C), os pesquisadores se responsabilizam pelo compromisso da utilização dos dados e preservação do material com informação sobre os sujeitos. Os participantes tiveram a garantia de sua privacidade, bem como a garantia dos direitos previstos na Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, cabendo aos pesquisadores a responsabilidade dessas garantias, além da preservação do anonimato do sujeito pesquisado, caso solicitado.

Aos dados coletados através deste estudo, salienta-se que foram utilizados exclusivamente para a pesquisa e, futuramente, para a elaboração de artigos científicos que serão importantes para a divulgação dos achados da dissertação a qual poderá vir a ser divulgada em revistas e eventos científicos. Estes dados ficarão sob a guarda do orientador por um período de 5 anos, garantindo-se o bom guardo das narrativas dos colaboradores. Os riscos oferecidos pelo presente projeto foram mínimos, sendo estes relativos ao cansaço ou lembranças que provocassem algum tipo de desconforto no momento de responder aos questionamentos. Quanto aos benefícios, esperou-se revelar aos docentes a necessidade da investidura constante em cursos de aperfeiçoamento para qualificar suas práticas pedagógicas. Ressalta-se que, a qualquer momento, o voluntário da pesquisa pôde vir a desistir de sua participação, não sendo exposto a nenhum tipo de represália ou constrangimento.

### 3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Esta etapa se configura na fase pós-entrevista, quando os achados foram trabalhados intensamente, tanto no tratamento dos áudios e na produção escrita, para se chegar ao documento final. De acordo com Meihy (2005) e Meihy e Holanda (2007), nesta fase, as etapas passam pela transcrição, textualização e transcriação.

Como última etapa, realizou-se o reconhecimento do texto, conferência e autorização de cada colaborador (APÊNDICE C). Assim, todos os participantes após a revisão puderam dar qualidade ao trabalho final verificando a coerência entre o que foi escutado e o transcrito. Todos os apontamentos levantados foram analisados, considerados e os ajustes novamente passaram por revisão dos colaboradores.

E, finalmente, deu-se início à análise dos dados. Para tanto, foi utilizada a Análise Textual Discursiva, que consiste em uma abordagem de análise de dados que transita entre duas formas consagradas de análise na pesquisa qualitativa, que são a análise de conteúdo e a análise de discurso (MORAES, R.; GALIAZZI, M. C., pg. 118, 2006). A utilização da Análise Textual Discursiva tem mostrado tratar-se de uma ferramenta aberta, exigindo do pesquisador aprender a conviver com uma abordagem que exige constantemente a (re) construção de caminhos (MORAES, R.; GALIAZZI, M. C., pg. 120, 2006).

Assim, a análise ocorreu considerando quatro etapas, que são:

a) Desmontagem dos textos: para esta primeira etapa, exigiu-se *desconstruir* o texto, com cuidado para as ênfases que se relacionam com os objetivos traçados pelo estudo, referentes aos fenômenos investigados. Após, fez-se a *unitarização*, na qual se buscou definir as unidades de análise em consonância com os propósitos da pesquisa, que resultaram nas categorias emergentes, construídas a partir da análise. E, por fim, a partir do envolvimento e impregnação, mergulhou-se nos achados das narrativas correlacionando-as novamente com os objetivos do estudo, na tentativa de construir novos entendimentos e teorias a partir do conjunto de informações sobre os fenômenos investigados. De acordo com Moraes (2003) e Moraes e Galiazzi (2013), a desordem inicial pode ser vista como um momento caótico, porém após a imersão nos achados, uma nova ordem começa a ficar mais clara, e então, uma nova ordem se faz, permitindo a organização dos textos.

b) Estabelecimento das relações: para esta etapa, teve-se um cuidado especial, por se tratar de um aspecto central da ATD, sendo a categorização das unidades, que geram as categorias do estudo, que irão fomentar as descrições e interpretações. “A categoria é um conjunto de elementos de significação próximos” (MORAES, 2003, p. 197). Para esta pesquisa, foi utilizada a combinação dos métodos indutivo e dedutivo, ou seja, as categorias surgem das relações com

as informações contidas no texto e com as teorias selecionadas para o estudo (MORAES, 2003; MORAES; GALIAZZI, 2013).

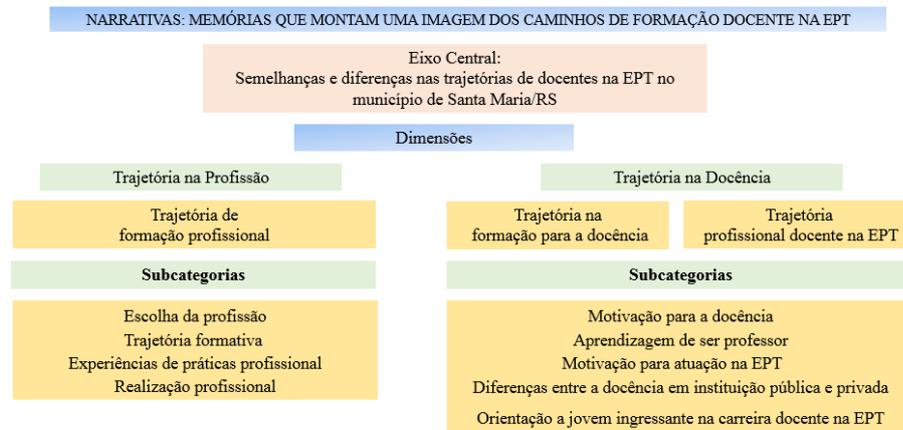
Após, fez-se a elaboração dos eixos orientadores a partir dos objetivos da pesquisa, que correspondem às categorias a priori, e destas surgiram as subcategorias, construídas a partir da impregnação no texto. Dessa forma, chegou-se ao desenho representado na **Figura 8**.

Assim, como Eixo Central, buscamos traçar as semelhanças e diferenças nas trajetórias de docentes na EPT no município de Santa Maria/RS constituído por duas dimensões, das quais decorrem as categorias: I) Trajetória de formação profissional: trajetória formativa e realização profissional e II) Trajetória profissional docente na EPT: motivação para a docência, aprendizagem de ser professor e motivação para atuação na EPT que envolve o sentimento de realização profissional. Essa primeira etapa corresponde ao objetivo geral do estudo.

Na segunda etapa, foi realizada a chamada captação do novo emergente, que consiste em uma das fases em que mais se exige do pesquisador uma intensa análise e compreensão dos achados do texto, sendo a base para a construção de um metatexto e fechando com um processo auto-organizado, do qual surgem novas compreensões, cujo resultado é o objeto de análise. Assim, o metatexto é construído pela descrição e pela interpretação, representando um modo de compreensão e a teorização dos fenômenos investigados.

Assim, fechando a estrutura de análise, foram resultantes como categorias emergentes: escolha da profissão, trajetória formativa e realização profissional; motivação para a docência, aprendizagem de ser professor, prós e contras de ser docente, motivação para a atuação na EPT e diferenças entre a docência na rede pública e privada. E, por fim, sentimento de pertencimento na instituição e valorização do seu fazer (papel docente). Para facilitar o processo de organização dos dados, fez-se uso de uma matriz categorial (APÊNDICE D).

Figura 8: Narrativas: Memórias que montam uma imagem dos caminhos de formação docente na EPT



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

### 3.6 LÓCUS DA PESQUISA

Como contexto de intervenção desta pesquisa, se fizeram partícipes duas das maiores escolas de Santa Maria-RS de nível técnico e profissionalizante. A escolha intencional visou aprofundar os conhecimentos frente à formação docente na EPT da rede privada, e quais os caminhos percorridos pelos docentes que os fizeram atuar em suas respectivas instituições. Assim, brevemente se discorrerá sobre a historicidade de construção, cursos oferecidos, missão e valores de cada uma das instituições.

A **Instituição A** tem sua origem no ano de 1997 no município de Santa Maria, caracterizando-se como uma empresa privada e com fins lucrativos, que visa agregar valor social, cultural e econômico a sua comunidade, o que justifica o seu papel institucional de contribuir com o desenvolvimento humano da sociedade em geral.

Em 1998, iniciou o ensino profissionalizante, com a implantação do Curso Técnico em Enfermagem. E dois anos mais tarde, em 2000, a Instituição alcançou um grande crescimento na área da educação profissional, quando implantou os seguintes cursos: Técnico em Radiologia Médica, Técnico em Informática, Técnico em Administração e Técnico em Contabilidade.

Alicerçada nos conceitos de qualidade e credibilidade, conquistados nos municípios da região, a mantenedora passa a oferecer em 2007, os cursos: Técnico em Administração, Técnico em Transações Imobiliárias e Técnico em Informática. Para tanto, em 2014, passou a abrigar o curso de Psicologia – hoje, com mais de 400 acadêmicos – e a sua Clínica Escola de Psicologia,

com 24 consultórios, onde os seus acadêmicos e professores realizam, aproximadamente, 1600 atendimentos comunitários por mês.

No decorrer dos anos, foi desenvolvido um Programa de Desenvolvimento e Qualificação Institucional, com investimentos na melhoria e na qualificação da infraestrutura de apoio ao ensino, na qualificação do quadro docente e do quadro de colaboradores administrativos e, ainda, na modernização da gestão administrativa/financeira e acadêmica. Esses investimentos trouxeram como retorno a obtenção de conceitos de qualidade satisfatória na avaliação Institucional e nas avaliações dos Cursos, realizadas pelo MEC.

Como propósito no Plano de Desenvolvimento Institucional - 2019/2023, a instituição busca formar profissionais com capacidade e competência para transformar a sua realidade social e econômica, consciente da sua responsabilidade para com o desenvolvimento sustentável da comunidade em que está inserida.

A missão foca-se em formar indivíduos por meio da educação superior, tornando-os profissionais cidadãos capazes de buscar no trabalho o seu desenvolvimento social e econômico e de contribuir para o desenvolvimento sustentável da sociedade. E a visão busca ser reconhecida pela comunidade regional como a faculdade mais relevante na comunidade, por suas contribuições no desenvolvimento social, político, cultural e econômico, até o final de 2023. Entre seus valores, destacam-se: resiliência, comprometimento com a qualidade, responsabilidade social, solidariedade, respeito à diversidade, ética e sociabilidade. Dentre os cursos atuais da EPT da área na saúde, a instituição oferta: Técnico em Enfermagem e Técnico em Radiologia.

A **Instituição B** surge, em Santa Maria, como um novo sistema, um novo horizonte, oferecendo uma proposta de construção de um sistema educacional sólido, com um padrão de qualidade focado na educação. Nasceu da iniciativa de uma equipe de profissionais da área da educação e administração que, embasados na lei máxima do sistema educacional (LDB 9394/96) tomaram-na como ponto de partida para que a realidade fosse repensada e que, com base em sua aplicação, avanços fossem alcançados.

Assim, assumindo a compreensão de que a LDB reconhece na instituição escolar um importante espaço educativo e nos profissionais da educação um competência técnica e política que os habita a participar e planejar seu Projeto Pedagógico, esses profissionais implantaram um novo “fazer pedagógico” criando a instituição, que preconiza uma estrutura de trabalho educativo voltado para o compromisso de despertar no aluno o senso de coletivo, do social, preparando o homem para o “pensar-agir-ser” e sendo, interagindo, inserindo-se e assumindo o compromisso de transformar, interagir de forma pró-ativa na sociedade. Educá-los para que

vivam de forma efetiva na sociedade, não sendo meros expectadores, mas atores de excelência no desempenho de suas ações, na liderança, na tomada de decisão, nos processos coletivos.

Seus cursos são organizados considerando as competências desejadas pelo mercado de trabalho, realidade social, econômica e política, de forma que o aluno, ao final de sua qualificação/formação, possua uma visão sistêmica. Para tanto, estabelecer parcerias com outras instituições e participar de ações comunitárias é imprescindível, a fim de fortalecer o sistema fazendo parte de uma rede de instituições que primam pela profissionalização, pela ética, pelo ser humano, pelo trabalho, pelo saber e pela responsabilidade ambiental e social.

Nesse contexto, a instituição oferece desde Cursos de Qualificação até o Ensino Técnico Profissionalizante, além do Ensino Médio EJA. Já com a Faculdade a Instituição B, proporciona ações de formação superior com a Graduação em Gestão de Recursos Humanos e com opções de Pós-graduação *Latu Sensu*, nas áreas de Educação, Saúde e Administração.

Como missão, a instituição busca promover uma formação voltada para o desenvolvimento das habilidades e competências profissionais, mediante uma concepção holística da vida, pautada na ética e na evolução consciente e constante do ser, do agir e do ter. E dentre os objetivos: facilitar aos alunos acesso à qualificação profissional e a integração social; formar profissionais competentes, eticamente corretos e socialmente comprometidos; desenvolver ações favoráveis ao bem estar dos colaboradores, mantendo um clima organizacional agradável; manter as práticas de integração comunitária, através de projetos e parcerias e promover trocas de experiências e conhecimentos com outras instituições de expressão nacional e internacional.

Entre seus valores, destacam-se: competência, comprometimento, ética, flexibilidade, honestidade, integração Social, acolhida e respeito ao Ser Humano. Dentre os cursos da EPT na área da saúde, a instituição oferta: Técnico em Radiologia, Técnico em Análises Clínicas, Técnico em Enfermagem, Técnico em Estética, Técnico em Massoterapia e Técnico em Óptica.

#### 4 NARRATIVAS DOS COLABORADORES

*(...) Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma  
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma  
Eu sei, a vida não para  
A vida não para não  
A vida não para não*

*Lenine*

Neste capítulo, são apresentados os relatos potentes dos colaboradores deste estudo, que gentilmente cederam suas lembranças para que possam tocar as pessoas que se interessam pela temática que nos dispomos a discorrer. As expectativas ao longo do processo passaram por altos e baixos, mas permaneceram altas frente à representatividade que se busca dar aos leitores com este estudo, por isso não se deseja parar, mas sim, potencializar o universo da EPT, que vem oferecendo aos sujeitos, possibilidades de diferenciar-se no mundo do trabalho. Dentre tantos argumentos difundidos até aqui, minimamente, busca-se sensibilizar os envolvidos para com a necessária investidura na formação para a docência na EPT, perpetuando a ideia de que a comunicação aos gestores também seja algo importante para fomentar tais incentivos em cursos de aperfeiçoamento.

Deseja-se manter os sonhos em pensar que qualificar as práticas pedagógicas é um caminho possível, para além de atender as demandas mercadológicas, que são inevitáveis na atual conjuntura, mas que se mantenha um papel de mediação como docentes, para com sujeitos prático-reflexivos na sociedade. Vislumbra-se a EPT, na rede de ensino privada, como uma potência singular para promoção de espaços de saber e construção de sujeitos-cidadãos para que novos sonhos continuem sendo realizados. E assim, a valoração do papel docente em tais instituições se faz pertinente ser destacada em mais pesquisas.

A partir da poesia de Lenine, busca-se resgatar o acalanto pelo sentimento de esperança que sua música traz para os dias atuais, que reforça a necessidade de manter esforços nos trabalhos em conjunto, precisando de desacomodação frente à rotina dos processos pedagógicos. Considerando que o mundo exige constante mudanças, é preciso agir, mas sem pressa. Construindo em conjunto, trabalhando na perspectiva do diálogo, de trocas, de afeto. E então, seguir!

O que se pretendeu nas entrevistas foi assumir uma participação mais afetiva e dialógica, que garantisse ao colaborador, a livre escolha do que e como gostaria de narrar sua experiência. As perguntas abertas realizadas ao longo dos encontros, apenas somaram para que as narrativas

se tornassem mais ricas em conteúdo. Nesse processo, entende-se que a entrevista com diálogo aberto, confiança e respeito, ultrapassa o domínio de uma técnica de coleta de dados, busca-se não somente criar documentos, mas sim, de estabelecer comunicação entre as pessoas, com o único objetivo de compreender os meares singulares dos sujeitos (BARBOSA, 2006).

Com isso, pretende-se, por meio da história oral, descobrir os detalhes das histórias, as tentativas, os dramas, a memória de professores Bacharéis e Tecnólogos atuantes na EPT da rede privada, buscando valorar as memórias. Assim, por meio de uma identificação profissional aos demais leitores, tentou-se entender como esses personagens silenciosos e, muitas vezes, silenciados nas pesquisas, contribuíram na repercussão do papel da EPT em Santa Maria-RS.

[...] a memória coletiva é um fenômeno construído pela força de fatores externos que circunstanciam um determinado grupo, marcando sua identidade. A memória coletiva é reconhecida no cruzamento de temas comuns – identidade – das narrativas individuais. Onde se dão os pontos de afinidades temáticas, estabelecem-se as memórias coletivas. (MEIHY, 2005, p. 64).

Assim, a ordem de apresentação escolhida seguirá a cronologia da realização das entrevistas que, por coincidência, retratam experiências docentes que foram sendo exploradas a partir de vivências de curto prazo para histórias com mais tempo de carreira, assim é possível refletir sobre os diferentes modos de aprendizagem para a formação de professores na EPT. Apresentam-se os colaboradores a partir de um breve relato pessoal que contempla as percepções do encontro para a escuta das narrativas, bem como, uma seleção da frase que se considerou retratar a visão da pesquisadora frente ao colaborador na temática do estudo.

#### 4.1 APRESENTAÇÃO DO COLABORADOR 1

*“Então eu fui criando o meu jeito de ensinar, não tive uma inspiração específica. Eu fui pegando o que eu achava que era válido”.*

O colaborador 1 foi o primeiro docente que se mostrou disponível para um encontro e, de cara, já houve a preferência por um contato mais informal, via aplicativo de mensagem de celular. A conduta adotada permitiu dialogar de maneira igualitária, até considerando a faixa etária próxima e as experiências como docente, que se assemelham no tempo de atuação. E assim, uma identificação aconteceu logo de início.

Agendar a entrevista também foi muito tranquilo, bastaram algumas trocas de mensagens, e data e horário foram ajustados. A surpresa veio do lugar onde aconteceu. O encontro foi virtualmente na academia onde frequenta, talvez um ambiente nada convencional, mas o desafio estava lançado. Observei sua preocupação em procurar um espaço com menos interferência sonora, e aos poucos fomos nos entendendo.

O ambiente descontraído toma parte do nosso momento, havendo um esforço de se fazer entender frente alguns pontos de sua formação profissional. Surpreendi-me, mas ao mesmo tempo novamente me revejo em alguns questionamentos e posturas adotada frente aluno, pois o colaborador 1 mostrou-se em busca de uma qualificação profissional a contento para sentir-se mais qualificado para atender os sujeitos que usufruem de seus serviços.

A docência aos poucos é revelada como algo secundário dentre todos os anseios, pois há uma identificação muito intensa com a formação inicial. Seu discurso recheado de termos mais técnicos da atuação clínica permeiam a fala e reforçam sua dedicação para os estudos e inquietações sobre os modos de ensinar e aprender.

Embora a atuação docente tenha sido pontual, ao refletir sobre suas práticas, aos poucos se vislumbra a resignificação do fazer docente, na perspectiva de que ter a técnica, as vivências práticas e a disposição para trocas em uma relação de horizontalidade com os alunos, é uma das estratégias para que o professor continue tendo seu papel de relevância dentro dos espaços de ensino na atualidade.

## NARRATIVA DO COLABORADOR 1

*Eu me formei em fisioterapia pela UNIFRA no início de 2016. Em agosto de 2015, ainda existia o PRONATEC/SISUTEC. Então surgiu a oportunidade de fazer com bolsa integral na escola técnica em Radiologia. Passei, fui selecionado, e aí eu iniciei na Instituição A.*

*Então, eu tive todo o embasamento daquela parte. Toda a formação técnica mesmo em Radiologia, desde a física nuclear, uma parte da física quântica, cálculos de dose, enfim, tudo o que a gente tem na escola técnica.*

*Mas na fisioterapia a gente tem o básico de imagens. Ultrassom, ressonância, tomografia, raio-x, enfim...e eu sempre tive muita curiosidade de como é que funcionava aquilo, da onda de raio-x bater e ficar registrado em chapa, os filmes e tudo mais. Eu consegui terminar em janeiro, fevereiro de 2018 ou 2017, e na mesma época eu fazia pós-graduação também.*

*Quando eu me formei, a Fisioterapia era de 4 anos, mas eu levei 4 anos e meio porque eu comecei uma outra faculdade que eu acabei largando, que foi Enfermagem. Então, foram 4 anos e meio de graduação em Fisioterapia, e agora são 5. E depois, eu tive 2 anos de escola técnica, concomitante com dois anos de pós-graduação. De formação, eu já tenho, desde 2016...4 anos e meio, sete meses...indo para 5 anos agora no final do ano, isso de graduação, de fisioterapeuta. E de Radiologia, eu tenho 3 anos e meio, dois anos e meio, não me lembro direito.*

*Na época eram muitos plantões, eu tinha que fazer três plantões no fim de semana em Santa Maria no raio-x, e em outros três lugares, sendo que em Porto Alegre, no hospital. Mas era na área da Fisioterapia em UTI. Então por isso que eu demorei mais de 2 anos, que é a formação técnica. E quando eu me formei, eu fiz a defesa de relatório e tudo mais, e no mesmo dia que eu concluí, o coordenador me convidou para ser professor. E no mesmo dia, na banca, ele falou da minha formação, que eu era fisioterapeuta, e etc. E ele me convidou para saber se eu não queria ser professor, docente do curso de onde eu estava me formando naquele dia. E eu falei que aceitava. Mas eu nunca tinha tido a prática de fato. Eu já tinha tido algumas experiências, porque eu dei algumas aulas para meus colegas de Radiologia, mas coisas básicas de anatomia e tudo mais. E aí ele me convidou para dar aula de patologia médica ou patologia clínica, não me lembro como que era o nome da disciplina na instituição.*

*Na primeira aula, eu não tinha experiência. Coloquei uma aula com uma sequência de duzentos e poucos slides, e aí no nervosismo no primeiro dia de aula, eu passei acho que uns 70 ou 80 slides, em uma aula (risadas). Eu não tinha prática, e aí estava com medo. E meus alunos eram mais velhos do que eu, e já estavam chegando no final de curso, era o último módulo. É por módulo...são 3 módulos teóricos, e um módulo é o estágio final, então eles estavam quase terminando o terceiro módulo indo para o estágio final, e eram mais velhos do que eu, a maioria. Então, dava aquele nervosismo!*

*Eu nunca tive nenhuma formação em licenciatura. Por exemplo agora, eu estou me formando em Educação Física, mas também é bacharelado...então eu nunca tive esse embasamento da licenciatura, sabe...matei no peito e fui! E para eles, claro, e para mim foi muito bom! Eu tinha toda a visão da Fisioterapia, da anatomia, da patologia. Depois eu fui convidado para ser professor de patologia, anatomia e fisiologia, também na Radiologia 1 ou 2 senão me engano, que são os posicionamentos e incidências, e anatomia radiológica.*

*E como eu tinha todo o embasamento da Fisioterapia mais aprofundado na anatomia, isso ajudou bastante para a turma. Porque eu tinha a visão da Fisioterapia aprofundada e também do raio-x, da radiologia.*

*Então, eu sabia das deficiências, porque eu estava recém me formando naquela instituição, e ao mesmo tempo eu já estava dando aula. **Então eu sabia das deficiências, eu sabia os pontos fracos, na minha formação o que eu poderia corrigir para a formação deles.***

*E quando eu terminei essa turma, essa disciplina, a gente já iniciou a outra, e foi uma turma que eu acompanhei desde o começo, toda ela! Dei o primeiro módulo de anatomia e fisiologia, o segundo módulo eu dei anatomia radiológica e posicionamentos, e no terceiro módulo, eu dei patologia médica/patologia clínica para eles. **Então, foi uma turma que eu acompanhei toda a evolução deles. Era uma turma pequena, era bom de trabalhar.** Na primeira aula, eu usei vários slides, quando estava nas últimas aulas, eu já usava 4 a 5 slides, porque o resto era só falar. **Era só falar, era só exemplos, e aí vai pegando a prática né!***

***Então a docência foi sempre na Instituição A.** Eu dei algumas aulas na Educação Física aqui (UFSM), mas a pedido da minha orientadora, na parte mais de avaliação postural. Agora até eu tenho que dar, ministrar um curso, vai ser tudo online, de exames de imagem para prescrição de atividades, exercícios físicos. **Então, já vou juntar a radiologia, a formação técnica, junto com a Educação Física** (risadas).*

*Como professor, eu iniciei lá em 2017...início de 2017 se eu não estou enganado. E aí foi 2017, 18, 19...foi dois anos e meio a três anos, é o mesmo tempo que eu tenho de formação técnica. Porque como eu me formei num dia e eu já comecei a dar aula, então...é o mesmo tempo. Com relação às disciplinas, eu estou passando por esse contexto da pandemia, as aulas foram canceladas, e tudo mais, mas quando eu estava finalizando o segundo módulo se eu não me engano, dessa turma que eu comecei com eles desde o começo, eu fui convidado a dar aula no pós-técnico, em Radioterapia. Era mais a parte da radiologia oncológica, então...dei aula também para o pessoal do pós-técnico, mas era uma disciplina bem curtinha, eram 12, 18, 16 horas, uma coisa assim... era bem tranquila.*

*Por decisão do próprio coordenador de curso, e tudo mais, a gente estava reformulando todo o curso. Até para atender as demandas, porque o raio-x era analógico e virou digital, e agora já tem outro tipo de raio-x, então as coisas foram mudando. Antigamente tinha que se passar o filme e tudo mais, hoje você bateu o raio-x, envia para o computador ali e já sai a imagem pronta na tela...é o digital. Então, a gente estava atualizando e tudo mais. Eu fiz uma perícia no laboratório, no início deste ano se eu não me engano, e ficou tudo pronto. Então, quando a gente ia abrir a nova turma, aí foi cancelado em função da pandemia. Até iria ter agora em maio ou agosto, agora não me lembro, no final do que seria o final do primeiro semestre, iria ter o pós-técnico em Radiologia, Radioterapia de novo. Só que daí também não teve inscritos, o pessoal também não quis fazer, então acabou que não teve.*

*Mas eu comecei ali com a patologia, depois veio anatomia e fisiologia humana, depois anatomia radiológica, depois a radiologia dois se eu não me engano, que era os posicionamentos, e depois o pós-técnico em radioterapia. A minha carga horária mudou também...o que que acontece, tinha períodos, por exemplo, quando eu comecei, que eu comecei com duas disciplinas, então eu dava por exemplo anatomia, eu tinha segunda e quinta que é uma carga horária bem extensa né! Aí eu tinha segunda e quinta, e patologia médica para outra turma, eu tinha terça e sexta. Então, conforme ia passando, ia acabando os créditos das disciplinas, aí a gente ficava segunda e quinta, segunda e sexta, ia variando. Teve um episódio que eu fui fazer um curso fora da cidade, fiquei um mês fora, e quando eu voltei, toquei direto! Eram todos os dias! Então varia bastante a carga horária.*

***Mas eu sempre quis a área da saúde como formação inicial.** Eu sabia que eu não iria gostar das engenharias, porque é cálculo. Então eu acabei caindo na Radiologia, que no início ali é só cálculo, cálculo de*

dose, cálculo de exposição... mas pra mim foi tranquilo. Eu já tinha uma outra vivência no ensino superior. Então até que não foi tão difícil. **Mas a área da saúde sempre foi algo que eu sempre quis**, eu pensei em Odonto, pensei em Medicina, pensei...que nem eu te falei, eu comecei a tentar cursar Enfermagem, mas, acabei ficando pela Fisioterapia. Mais nessa área mais desportiva, da reabilitação...

**Essas minhas formações vieram de uma necessidade mais pessoal mesmo**...que conforme veio vindo à prática, eu fui buscando me aprofundar mais naquilo que eu tinha mais dificuldade. Por exemplo, eu me formei na faculdade e a parte de exames por imagem era muito superficial...

Então eu acabei me aprofundando mais na parte de exames de imagem. Claro! Tem gente que se aprofundou mais em artes, mais na reabilitação cardíaca...então eu fui mais para a parte das imagens, que era uma coisa que eu gostava de ver, de entender, de saber o porquê, de como atuar baseado numa imagem.

Eu estou inserido em grupos de pesquisa, agora mais voltado para a Educação Física. Mas por exemplo, eu estava em um projeto que era avaliação física e etc., para os policiais. Era baseado numa anamnese, numa entrevista, e claro, também na parte de exames. A gente direcionava para pilates, para musculação, para o que quer que fosse. O outro projeto, era voltado mais para o pilates para comunidade em geral, para doentes crônicos e gestantes. Então acabava, que as doenças crônicas, por exemplo, uma hérnia de disco, algumas doenças mais assim. Então, os próprios alunos, os senhorzinhos e as senhorinhas, eles chegavam com os exames de imagem, e aí me perguntavam. Então eu estava num projeto de extensão da Educação Física, mas por saberem que eu era fisioterapeuta e técnico em radiologia, eles já vinham com as imagens, já vinham com aquelas dúvidas, aquelas coisas... **Então acaba que as três coisas, acabam sempre se misturando, a gente não consegue separar.**

Eu percebo que...na prática não só minha, mas dos profissionais em geral. Eu tenho muitos colegas dos grupos de faculdade que ficaram... que volta e meia, namorado, o pai, um tio, enfim, até um paciente, elas recebem um exame de imagem e elas não sabem interpretar. Então eu vejo que é uma falha na formação, porque a gente teve a mesma formação na parte de graduação em Fisioterapia. **Então eu busquei me aprofundar, naquilo que eu tinha mais dificuldade na época, é uma coisa que sempre vem somando, entendeu!**

Para mim é legal, por exemplo, quando eu chego aqui na academia, às vezes, tem um raio-x, uma ressonância do aluno, aí o pessoal da Educação Física, é nulo, é zero a prática em exames de imagem. Então quando chega uma ressonância, um raio-x aqui na academia, o pessoal já fica meio assustado. Então, são falhas da formação, que eu por minha conta própria, eu busquei tentar sanar essas dúvidas, essas falhas da minha formação.

**Mas para a docência especificamente não!** A minha orientadora, já pediu para fazer mestrado, tipo “você tem que fazer doutorado, fazer pós-doutorado, você tem que seguir!”, **mas ainda não sei se é bem isso que eu quero.** É que nem como eu falei... tive, no sentido de... a experiência de dar aula, isso para mim foi muito bom, porque que nem eu digo, **a gente aprende mais ensinando, do que lendo, do que praticando.** Eu por exemplo tive anatomia no começo da faculdade, então isso foi em 2011, se eu não me engano...e aí depois eu tive na Enfermagem anatomia de novo e depois eu tive lá no técnico. Então quando eu me tornei professor do técnico, eu pude revisar tudo isso. Porque eu tinha que ler, eu tinha que filtrar o que eu poderia abordar a nível técnico, que não pode ser tão aprofundado como nível superior.

Então eu tinha que filtrar o que era importante para a Radiologia, o que não é importante para a Radiologia. Por exemplo, eu não tinha por que fazer os alunos saberem o nome de todos os músculos, se eles iam para uma prática e eles teriam que saber os nomes de todos os ossos. Então, eu tinha que filtrar isso, entendeu?

*Então, assim, no momento, não almejo ser professor de universidade, ser professor! É uma experiência, se voltarem as aulas, tudo normal...me chamarem de novo, e eu estiver disponível também, não vejo problema, eu acho que seria bom... mas assim, eu me tornar professor, creio que não é bem o meu objetivo.*

*Mas tudo é aprendido...como eu disse! Nas primeiras aulas eu buscava, por exemplo, falar da patologia e não buscava tanto puxar para radiologia. E aí aos poucos eu fui vendo qual era a demanda necessária, se era para trazer a doença mais voltada para radiologia. Então, por exemplo, não tinha o porquê de aprofundar tanto. Na diabetes por exemplo, se o tumor ósseo era mais importante, entende...e aí conforme foi indo a prática eu fui aperfeiçoando, fui dando preferências digamos assim, no que era mais direcionado para radiologia.*

*Mas eu como eu falei de algumas experiências... para alguns alunos eu era o gurizão lá que era formado em Fisioterapia e Radiologia, e para outros eu...até hoje eu estava trabalhando lá na Casa de Saúde e na UPA, e aí vi um ex-aluno meu trabalhando lá. Tem alguns alunos meus que, mesmo depois de formado que passam me cumprimentam na rua, às vezes me mandam dúvidas por whatsapp enfim... então, eu acho que para mim, que pelo menos é importante essa de poder atuar como...como é que eu posso te dizer, ajudar digamos assim, na formação, na carreira de outra pessoa.*

*Então eu fui criando o meu jeito de ensinar, não tive uma inspiração específica. Eu fui pegando o que eu achava que era válido. Porque para cada turma, a meu ver, você tem que ter de certa forma uma personalidade. Algumas turmas você consegue delimitar um pouco mais, você consegue ter um pouco mais de flexibilidade, outras turmas você não consegue porque a turma tem uma certa resistência. Às vezes dá a impressão que eles não levam a sério só porque o professor é mais novo. Então, era que nem eu falava... “gurizada eu já sei, quem tem que aprender são vocês! Quem vai ser cobrado disso daqui são vocês! Óbvio que vocês vão dizer que o professor não ensinou isso, mas vai de cada um”. Então, algumas turmas eu tinha que ter a rédea mais curta, outras eu conseguia ter um pouco mais de flexibilidade...*

*Eu dizia, querem assistir à aula? Assistam. Querem ficar no celular? Fiquem. Querem conversar sem atrapalhar o colega? Conversem. Eu já sei! Eu tinha 25 anos na época, e dizia assim: “eu não vou ficar aqui com meus 25 anos puxando orelha de marmanjo de 30, 32 anos”.*

*Então às vezes a gente tem que dar uma puxada, porque senão eles querem tomar conta. Porque tem muito professor que é assim, se eu saio 2 minutos antes ganha falta, se você chegou dois minutos atrasado tu ganha falta, eu tentava sempre relevar muita coisa. Não me espelhei em nenhum carrasco, mas também não me espelhei em nenhum professor voga larga que nem a gente chama na marinha, no exército. Que é aquele professor que vai empurrando com a barriga, que não está nem aí! Então, eu sempre tentei usar uma personalidade de acordo, como eu falei, do que a turma me trazia.*

*Mas eu gosto muito da escola técnica! Diante das experiências que eu tive, para mim foram todas boas. Claro, teve alguns atritos, algumas coisas assim, que nem eu falei, de aluno que não quer levar a sério. Mas nada que me tirasse a vontade de estar em sala de aula!*

*Com relação a ser docente em uma instituição privada... na privada, tem aquela questão: “como é que você quer que a gente faça se a wifi não está funcionando? Como é que você quer que a gente faça se tem que imprimir e pagar o xerox”? Seria mais aquela questão, eu estou pagando! E na pública, por ser “de graça”, acaba que muitas vezes o aluno que não fica muitas vezes, que não tem condições ele acaba, se aprofundando muito, demonstrando mais interesse, do que aquele que tem melhores condições, sabe! Por exemplo, na escola técnica, que eram alunos de nível técnico, eu tinha que ter uma certa abordagem porque a maioria trabalhava de*

*dia pra se sustentar e tudo mais...na universidade da rede pública onde eu dei algumas aulas, já era diferente, Era uma gurizada mais nova, uma gurizada de certa forma mais rebelde, que inicia a faculdade que acha que é dono de si, que tá morando sozinho pela primeira vez e acha que pode mandar em tudo, que se tá conversando durante uma aula...tu pede: "ohh vamos manear"! Se ofendem! Então, tem essas certas diferenças assim. É, não é o fim do mundo!*

*Mas então, pelas minhas vivências, eu não gosto de dar orientações sobre como atuar na docência... não tem como tu dar uma orientação por exemplo, faça isso, não faça aquilo! Como eu falei, cada turma, cada público, tem que ter aquele feeling de como tu vai agir! Como tu vai responder...por exemplo se a turma anda! Um exemplo, a aula de hoje é sobre cardiologia, daí tu vai falar só sobre cardiologia a gente terminou o conteúdo e na próxima aula é pneumo. Então se essa turma anda, você não vai ter dificuldade, se a turma tem mais dificuldades...por exemplo, uma turma pequena de 10 alunos, tem 4 que você vê que são pessoas mais velhas, que tem uma certa dificuldade seja com a tecnologia, seja com a anatomia com o que for...você vai dar um andamento mais devagar.*

*Então, eu não teria como dizer assim oh, faça isso! Porque você vai chegar numa turma que o andamento vai correr, vai chegar em outra turma que vai ser mais devagar. Então, tem que chegar numa aula, e usar 15 slides, você tem que chegar assim... então, é uma coisa que vai da personalidade de cada um. Que nem eu falei antes, uma turma tem uma personalidade, outra turma tem outra personalidade, vai de acordo com a necessidade até do dia, do momento. Às vezes a turma toda participa, às vezes a turma inteira está no celular, às vezes já teve um...deixa ver se eu não me engano foi na greve dos caminhoneiros, alguma coisa assim que teve, no ano retrasado, que eu só tive dois alunos. No dia, na semana, eu não me lembro...passou um dia, foram dois, depois foi só um.*

*Então, não adiantava eu ter preparado uma aula de 50 slides, e depois na outra aula, os 9 alunos iam ficar por fora porque não estavam na aula. Então, sabe, a gente tem sempre um meio termo. Às vezes, que nem você que está no mestrado, doutorado, a gente se espelha no orientador, a gente se espelha numa outra pessoa, mas a gente se espelha em alguém. Então como eu já tive 3 orientadores diferentes, na graduação, na pós-graduação, na outra graduação agora, então eu não me espelho em nenhum, mas ao mesmo tempo eu misturo os três. Tanto para o bem como para o mal. É aquela história, que às vezes, a gente aprende muito em como ser aquela pessoa, e às vezes em como não ser aquela pessoa. Tem orientadores, e orientadores. Você sabe como é que é!*

## 4.2 APRESENTAÇÃO DA COLABORADORA 2

*“Creio que é por eu gostar muito do que eu faço, que eu acabo esquecendo o meu dia, que às vezes, é um pouco cansativo, e eu entro e me entrego totalmente”.*

Hoje penso que foi a partir de um primeiro encontro que tivemos no presencial, que gerou o meu desejo pela escrita deste trabalho. Estava eu, na época, há procura de uma oportunidade de emprego após findar meu contrato de professora substituta. Fui eu e meu currículo, com o pensamento que teria uma boa notícia, encontrar a professora-colaboradora 2 e falar sobre minhas práticas e sugestões para a escola. Mas também foi a primeira vez que vi que meu processo de formação precisava ser atualizado.

Na época tive frustração, mas aquele nosso primeiro encontro foi tão produtivo para que esta pesquisa tomasse forma, que hoje também percebo, como encontrar pessoas de bom coração são potentes para nos manter motivados. Assim busquei o mestrado e continuo a buscar estar aperfeiçoando práticas no Ensino Superior.

A professora-colaboradora 2 tem um entusiasmo único, uma identificação com a prática do cuidado com o outro tão especiais, que refletem naturalmente para a prática docente. E então, percebo que daí veio minha identificação com sua história. O desejo por ser uma profissional da saúde, e ter se descoberto docente na mesma instituição que a formou como profissional.

Nosso encontro foi um dos mais curtos, mas não menos rico em narrativas. Aproveitamos um tempo antes de uma viagem pessoal e observo novamente aquele acolhimento do nosso primeiro encontro. As falas são rápidas, mas bem gesticuladas, reafirmando sentir-se pertencida no ambiente de trabalho e mantendo o desejo de seguir na docência dentro da EPT.

Fica evidente a todo o momento que é preciso confiar que os esforços são recompensados, que se dedicar é preciso, mas que reconhecer as fragilidades é essencial para ser docente hoje em dia.

## NARRATIVA DA COLABORADORA 2

*Foi assim, eu sempre me identifiquei muito com essa área do cuidado! Eu sempre fui uma pessoa que eu sempre gostei muito de exercer o cuidado. Então, eu acabei, eu me formei em 2012 na Instituição A. Eu fiz a minha graduação lá. Durante a graduação, começou a despertar a minha vontade não na assistência, e sim na docência. A partir da minha formação, eu comecei a enxergar com outros olhos a parte da docência, que é onde eu realmente me identifico. Mas a enfermagem sempre me acompanhou desde jovem. Quando tu tens o discernimento daquilo que tu queres fazer na tua vida, está feito. Quando a gente é pequena a gente diz: “um dia eu vou ser professora, um dia eu vou isso, um dia eu vou ser aquilo”... então, no momento em que tu começa a ter esse discernimento de qual caminho queres seguir, pronto! Eu sempre fui para o lado da enfermagem, o lado do cuidado.*

*Eu tive uma inspiração, uma professora. Ela amava tanto o que fazia, o nome dela é Marta Duarte, eu acho que você deve conhecer ela! A Marta Duarte sempre deu aula com tanto amor, com tanta certeza daquilo que ela estava fazendo, que eu me identifiquei muito. A partir daí eu fui tendo este olhar, este embasamento, esta admiração por esta professora, que me fez então querer caminhar para a docência.*

*Eu me formei em 2012, aí eu comecei a fazer uma pós-graduação de urgência, emergência e trauma. Em 2014, quando eu estava terminando a minha Pós, saiu uma seleção para dar aula no curso técnico da Instituição A. E a Instituição A tinha o contrato com o PRONATEC, e então tinham muitas turmas, e eles abriram seleção para a docência. E nesta seleção, eu nem tinha terminado ainda a minha Pós. Eu fui lá, daí o tema foi sorteado. Eu fui fazer no outro dia a prova da seleção, e já passei. Eu fiquei em terceiro lugar, sendo que os dois professores na minha frente já tinham mestrado e eu não tinha nem terminado ainda a minha Pós.*

*Aí me despertou mais a vontade de ser professora...eu digo assim: “ eu fiquei em terceiro lugar na frente de pessoas que já tinham mestrado, pessoas que já tinham bagagem maior do que a minha, porque até então eu não tinha atuado na assistência”. Porque eu sempre quis caminhar para a docência e eu acho que as coisas acontecem no momento certo. Eu saí da graduação e um ano e dois meses fazendo a minha Pós e eu já fiz a seleção e já comecei a trabalhar como docente na Instituição A, para o curso técnico.*

*Pode ser o destino! Que é para acontecer. Mas acho que é uma prova. Quando você se sente confortável, imagina, no primeiro processo de seleção, você não sabendo daqui a pouco como se faz um plano de aula...mas deu certo!*

*A minha Pós foi na rede privada em Santa Maria, e eu sempre gostei de estudar. Depois de entrar para a docência, muito mais! Nós enquanto docentes, que temos a prática da assistência, estudar a docência é muito importante. Tu precisas te doar muito, porque como você não tem a prática do dia a dia, tu tens que buscar mais saberes para passar aos alunos. Mas o que me aproxima, é o acompanhamento dos alunos de estágio que hoje eu faço. Porque às vezes, eu passo a noite inteira em campo de estágio com alunos, reforçando técnicas, e todas as coisas. E então eu fico cada vez mais perto da assistência não diretamente, mas que eu consiga trazer as vivências para a sala de aula.*

*Eu sou verdadeiramente realizada na minha profissão. É tanta responsabilidade quanto, por quê? Nós vamos com o aluno para o laboratório, nós ensinamos as técnicas que ele vai fazer na assistência. Então se tu não tens esse embasamento, tu não tens como ser docente.*

*Eu tenho uma irmã que é professora, mas agora já se aposentou. Ela deu aula desde os 16 anos, mas não tem relação com a minha formação, que é enfermeira e depois partir para a docência. Mas ela foi uma grande inspiração para mim. Mas eu acho que isso vem da pessoa. **Porque a docência além de você construir ela, para ser docente tu tens que ter.** ...qual a palavra correta que eu posso estar te utilizando neste momento... **tu tens que ter o dom!** Porque tem pessoas que são docentes, mas não têm o dom da docência. Porque a didática de dar aula a gente sabe, existem manuais, existem livros, mas isso tem que estar na pessoa. **De saber conduzir, de saber como que você vai fazer aquela aula para ser atrativa para aquele aluno.** E isso nós temos na rede privada. Mas eu falo na rede privada por quê? Pela experiência que eu tenho, porque tu precisas tornar a aula cada vez mais atrativa para você manter o seu aluno. Eu não posso simplesmente dizer, leia tal capítulo de tal livro! Tu vais ler, nós vamos discutir, a gente vai colocar na prática, porque o aluno hoje quer isso do docente, do professor. **Ele quer entusiasmo!** E eu acredito que isso, ou tu vais construindo aos poucos, ou tu já vens com isso na tua vida.*

*Eu acredito que enquanto discente, aluna da instituição, eu tive muitas portas. A gente acaba tendo uma relação mais estreita com as pessoas, tanto é que depois que eu me formei a coordenadora do curso na época que me mandou um convite. “Olha vai sair seleção, quem sabe tu mandas teu currículo”. E como ela mandou para várias outras pessoas também, informando para entrar no site e tal. Então tu crias esta relação, e a formação que eu tive me deu condições para isso. Então a Instituição A me ensinou, construiu meu conhecimento, e na própria Instituição A eu tive a oportunidade. **De repente eu tive uma trajetória positiva, que me abriu portas para o futuro.** E isso foi muito bom, porque a minha trajetória enquanto profissional desde o momento em que eu fui aluna, até o momento em que eu me tornei professora, depois coordenadora do curso, foi toda a minha trajetória na Instituição A.*

*No início eu vim muito crua, porque eu nunca fui para a docência, mas claro buscando sempre estudar muito, estar sempre me atualizando..., mas tu não tens aquela prática, a prática profissional em si. Mas eu sempre busquei muito, eu sou uma pessoa que leio muito, que busco muito o conhecimento. Porque no momento em que tu está passando o conhecimento, tu tens que dominá-lo, caso contrário, não adianta. Ou tu dominas, ou é melhor tu não fazer, porque tu estás formando pessoas para cuidar de pessoas. **Acaba sendo uma responsabilidade tão grande quanto aquela da assistência.** Porque eu estou ensinando 30 pessoas que vão sair para o mercado de trabalho, em uma turma. Então é uma responsabilidade muito grande! Eu vejo desta forma, porque eu estou formando profissionais.*

*E esse papel do docente, no início a gente percebe uma insegurança, eu percebi em mim que na primeira vez que eu entrei em sala de aula, eu era extremamente nervosa. Eu já me preocupava se iam me fazer alguma pergunta, será que eu iria dominar o assunto...**esta insegurança, mesmo tendo o conhecimento, tu ficas nervosa, não adianta.** Quando tu entras pela primeira vez, e tem 30 alunos que estão dependendo de ti dentro da sala de aula, eu fiquei insegura. Não em relação ao conhecimento, mas insegura de como é que vai acontecer, como que a minha aula vai fluir, será que vai ser bom, será que não vai? E eu acredito que, hoje eu estou na Instituição A desde 2014, vão fazer 7 anos, eu vejo uma evolução enorme.*

*Eu entro hoje dentro de uma sala de aula, eu tenho segurança, se o Datashow não funcionar, a minha aula flui do mesmo jeito, eu não preciso daquele suporte, por exemplo de esquecer que eu vou falar alguma coisa que é muito importante para aquela aula. Não! Hoje as coisas fluem, o Datashow está ali para o aluno se guiar, mas eu não preciso. Então hoje, eu tenho muito mais segurança naquilo que eu faço. E eu acredito que eu evoluí*

*muito neste caminho enquanto docente. Porque a gente vai adquirindo segurança e experiência. **E assim, não tem como não fluir, e o conhecimento você tem a obrigação de estar buscando sempre!***

*Eu fiz uma Pós para poder exercer a docência. Porque hoje, a Secretaria de Educação e o MEC exigem que os professores tenham a formação pedagógica, uma formação para a docência, e nessa caminhada eu fiz essa Pós. A gente fez um grupo de professores na UNIFIO, é uma escola do Paraná.*

*Mas eu percebo pontos positivos...bom, eu tenho outras funções dentro da instituição. Hoje eu coordeno o laboratório de práticas da Instituição A, tanto do curso técnico como da graduação, hoje eu tenho a coordenação do curso Técnico em Enfermagem e da coordenação do curso de Instrumentação Cirúrgica e a docência. Eu dou aula à noite, então eu chego um pouquinho antes da aula tão cansada, e quando eu chego dentro da sala de aula é uma adrenalina, uma motivação tão grande, que parece que eu cheguei naquele momento para dar aula. E isso para mim, é um ponto muito positivo. Creio que é por eu gostar muito do que eu faço, que eu acabo esquecendo o meu dia, que às vezes é um pouco cansativo, e eu entro e me entrego totalmente. E isso é um ponto positivo. **E outro ponto positivo é o reconhecimento que tu tens dos teus alunos. Eu não tenho palavras para explicar o quanto isso me motiva e o quanto isso me deixa feliz.** É o reconhecimento dos seus alunos, o reconhecimento das instituições que querem contratar os seus alunos, isso me motiva muito. Quanto ao ponto negativo, o que eu posso estar te dizendo em relação à docência...é a responsabilidade, e isso nem é ponto negativo. Eu acredito que lidar com as pessoas no dia a dia, tem alunos que tem mais de 50 anos, e outro aluno que tem 17. E isso dentro de uma sala de aula, eu nem digo que isso é um ponto negativo, mas tu tens que saber conduzir, para que as coisas fluam. Porque cada aluno tem o seu tempo de aprendizagem, então tu precisas conhecer cada um deles, para que não se torne ponto negativo nas tuas aulas. **Tu tens que respeitar o tempo de aprendizagem de cada um, tu tens que respeitar o momento de cada um.** E como às vezes, a gente tem turmas muito diversificadas, eu entendo isso como sendo uma preocupação bem maior. Mas fora isso, é muito tranquilo, não sei se é porque eu gosto muito do que eu faço!*

*Na verdade, eu sou gestora do Laboratório de Práticas da Instituição A, onde a escola técnica tem aula e a graduação. Eu não atuo diretamente com os alunos, eu dou suporte para as aulas dos professores. Mas já tive convites para atuar na graduação, mas o meu momento é escola técnica. **O que me encanta é o perfil dos alunos do curso técnico, é maravilhoso!***

*Tu sabes que as nossas turmas são turmas muito diversificadas. Essa última turma que a partir de março ou abril irá para o campo de estágio, eu tinha um aluno de 60 anos, no meio de alunos de 18, 30 e 40 anos. E fluiu tão bem, eu acredito que foi a maneira como o professor conduziu esse processo. De introduzir, de motivar, e nunca tivemos problemas.*

*Mas com relação à prática docente na instituição pública, eu tenho pouca experiência para poder estar te respondendo. Mas o que eu escuto falar é que a qualidade é tão quanto uma rede privada. Eu não saberia falar como é a abordagem deles, mas em termos de disciplinas, de conhecimentos, de qualidade dos alunos, eu acredito que seja tão boa quanto, pois eu sou da rede privada e sei que a qualidade é boa. Pelos planos de curso, que a gente dá uma olhada, eu acredito que seja tão boa quanto.*

*Eu vou te trazer uma fala, porque eu coordeno o curso de instrumentação cirúrgica, e eu tive aluno que está cursando o curso técnico na rede pública. O aluno nos parabenizou pela maneira como nós conduzimos, pela responsabilidade e pela qualidade com que nós colocamos para o aluno. Em termos de professores, em termos de*

*estágio, em termos de curso em si. Então, o aluno que vem de uma instituição pública, faz um curso na instituição privada, e vem com esses elogios, eu acredito que nós estamos no caminho certo.*

*Mas eu tenho uma equipe muito boa, e como coordenadora a equipe está nas minhas mãos. Eu tenho uma equipe muito boa de professores, muito unida, todos se dão bem, todos são muito colaborativos, são professores que às vezes trabalham em outro local, mas que estão sempre dispostos a ajudar a escola técnica. Enquanto coordenadora, porque eu escutei isso da direção da escola técnica, eu acho que eu conduzi de uma forma onde as pessoas são companheiras e responsáveis por aquilo que fazem. Enquanto Instituição A, muito acolhida. Eu tenho oportunidades lá dentro da escola técnica, eu comecei como docente, depois a ajudar nas práticas de estágio e na parte burocrática. E depois já entrei na coordenação como coordenadora. Então, isso é reconhecimento da instituição. Hoje eu estou de gestora do laboratório, e então isso é reconhecimento.*

### 4.3 APRESENTAÇÃO DO COLABORADOR 3

*“Uma coisa interessante que eu nunca aceitei muito, foi o título de professor! Isso, desde o início, sempre pedi... não sou professor, não me chama de professor! Mas esse vínculo, hoje eu aceito”.*

O professor com mais prática e mais experiências de vida. A entrevista mais longa, cheia de detalhes, de conselhos sobre os modos de agir e ser dos sujeitos...uma nítida relação de amor pela escolha da profissão, bem como um encontro considerado recente para a atuação docente.

Recordo nosso primeiro encontro ainda presencial em seu ambiente de prática clínica, pois eu estava sondando sobre o interesse em participar da pesquisa. Foi uma acolhida tão fraternal, desejando dialogar, explicar a rotina, que aproveitamos seu intervalo de troca de turno para esse primeiro encontro.

A partir de então, firmamos nossa parceria, e tive a consciência pela primeira vez, da relevância da minha pesquisa. Com a pandemia se firmando no nosso convívio, nosso encontro virtual se deu dentro de sua casa. Tal intimidade me colocou em uma postura menos informal na condução do nosso momento, pois aos poucos fui percebendo que esse seria o melhor jeito.

Foram relatos de luta e conquistas, sucessos e derrotas que valorizam suas narrativas para esta pesquisa. Aprecio o saudosismo frente a uma época de atuação mais formal, ou mais abrangente, pois tais condutas, hoje geram movimentos em prol de uma qualificação para a docência e prática das técnicas inerentes à sua formação profissional.

Nesse contexto, as frustrações com colegas de trabalho, muito mais na relação com a carência técnica, desacomodaram o modo de ser docente, e vou me recordando que foi essa a minha motivação inicial quando ainda estava na residência.

O espírito de luta frente à valoração do fazer docente na EPT é o que mais sensibiliza em suas narrativas, e se soma com o que se busca com este estudo, dar potência aos profissionais que fazem parte desse contexto, bem como, desmistificar o ensino da EPT na rede privada.

### NARRATIVA DO COLABORADOR 3

*Então... não fui eu quem escolhi a Radiologia, a Radiologia me escolheu! Eu comecei em 88 na Radiologia. Mas tive uma trajetória desde o início da profissão. A trajetória começou como atendente em Radiologia. Após alguns meses passei para Auxiliar em Radiologia, depois fui Operador em Radiologia, Técnico em Radiologia, e por fim, eu fiz a graduação, que é o Tecnólogo em Radiologia. Mantive a sequência dentro da Radiologia, desde a formação profissional até a graduação. A pós-graduação também, dentro da área, e agora pretendo começar o mestrado em Educação, com projeto também envolvendo a Radiologia.*

*Quando eu entrei na Radiologia, foi por acaso. Na verdade, foi um convite do radiologista para ser atendente, que na verdade era quem buscava os pacientes. A partir daí eu comecei a ver que era aquilo que queria fazer. E não mudei mais!*

*É por isso que eu digo que a Radiologia me escolheu... porque é o que digo para os meus alunos no curso técnico: “ dificilmente alguém cresce dizendo que quer ser Técnico em Radiologia! Você vê a criança brincando dizendo que quer ser enfermeira, que quer ser Técnico em Enfermagem, quer ser médico. Mas o Técnico em Radiologia, é uma profissão que é paralela às outras! Não menos importante... na verdade ela é os olhos do radiologista”. Depois que você conhece todos os recursos dentro da área, você se apaixona. Porque nós trabalhamos, flutuamos em todas as áreas da saúde. Desde a farmacologia, pediatria, da geriatria, todas as áreas precisam de diagnóstico por imagem. E nós trabalhamos também, com a parte física... e muita física, e isso difere um pouco do pessoal que trabalha na área de saúde. Que é basicamente o pessoal que tem aversão às exatas. Que gostam mesmo é de paciente, das pessoas... só que existem esses outros que gostam de atender o paciente, gostam de conviver com isto... com o paciente, com o ser humano.*

*E que também gosta da parte tecnicista do curso, da parte física, o estudar como o equipamento funciona, saber as propriedades da radiação, os benefícios e os malefícios. Por isso que hoje, a Radiologia se tornou muito segura, por esse conhecimento. E trabalha muito junto, muito íntima, com o contato próximo ao físico médico, com o médico, e com a parte da enfermagem. **Então, essa é a minha pequena trajetória que acho que faz em torno de 34 anos que eu estou nessa área.***

*Mas eu comecei em Cachoeira do Sul, no Hospital Beneficente de Cachoeira do Sul. Eu iniciei como porteiro do hospital, em um mês mais ou menos, eu fui para a internação, e da internação, uns dois ou três meses, eu fui convidado para ser Atendente de Radiologia no setor. Eu acredito que o médico responsável me convidou pelo meu tamanho (risadas)... pois atendente carregava paciente! Só que dali para frente, eu me apaixonei pela Radiologia, e decidi que era aquilo que queria. E já estava dentro do hospital, e então só segui... **deixei a Radiologia me levar!***

*Nesse início de carreira também foi criado o Conselho de Técnicos em Radiologia. Então não precisava de formação. **Era um conhecimento empírico, que ia passando de um para o outro.** Só que quando surgiu o conselho, surgiram as normas, e foram feitas assim: “ aqueles que já trabalhavam, os práticos, tinham que regularizar sua situação perante o conselho e prestar uma prova, e a partir daí era PAP (Plano de Avaliação Profissional), e eu fiz essa prova, me dei bem, passei a ser Técnico em Radiologia”.*

*Eu já estava em Santa Maria na época da prova. Comecei em Cachoeira, depois fiz um curso da Brigada Militar, como soldado. Quando já era técnico, precisavam de soldado especialista aqui no HBM, então vim para cá! E a partir daí eu regularizei a situação como técnico. Então fiquei soldado especialista técnico! Depois passei*

no concurso da universidade, e é onde eu estou até hoje... com dois concursos, eu passei no primeiro RJU, isso há 29 anos por aí mais ou menos... e logo em seguida, há pouco tempo, uns 6 anos, passei pelo concurso da EBSEERH. Então tenho dois contratos! Acho que no máximo em 1 mês eu já estava trabalhando em dois hospitais. Um ano depois acho que saiu um concurso, eu fiz e passei...então fui para o HUSM. No Hospital da Brigada naquela época não podia ter acúmulo de cargo público, hoje pode! Só que na brigada como soldado, eu tinha dedicação de 24 horas, apesar de ser especialista. Hoje eu tenho acúmulo de cargo público.

A qualificação de Tecnólogo eu busquei em Canoas. Depois que já atuava como técnico. Na verdade, muitos colegas, muitos eram Técnicos em Radiologia e tinham uma necessidade de graduação, uma formação superior. Só que daí eles saíam da área da Radiologia. Muitos são enfermeiros... tenho até colegas advogados! De todas as áreas..., mas que acabaram continuando trabalhando como técnicos. Logo que surgiu o curso em Canoas, eu procurei fazer, porque era o que eu queria, já tinha tentado outras graduações, e não era, fugia muito do meu dia a dia.

Enfim, fiz um semestre em Física, fiz um semestre em Enfermagem... ainda bem que no primeiro semestre eu já via que não era o que eu queria! E não foi fácil a minha graduação... eu trabalhava em dois hospitais, e viajava toda sexta-feira para Canoas. Durante 4 anos, saía sexta-feira de manhã, tinha aula de tarde e de noite, tinha aula sábado de manhã e de tarde, às vezes à noite e esporadicamente aula domingo. Nessa situação foram 4 anos. Terminei, me formei, só que o Tecnólogo em Radiologia, ele é uma profissão que te habilita mais para seguir na docência. **Apesar de não te dar tanta noção pedagógica, ser um curso mais prático, o Tecnólogo é um profissional para sair trabalhando.** E a grande diferença do Tecnólogo para o Técnico é, que o Técnico sai com uma habilitação radiodiagnóstica ruim, e o tecnólogo sai com a habilitação plena... que é radiodiagnóstico, radioterapia, medicina nuclear, radiologia industrial. Então são vários outros nichos que se tem nessa área.

O curso de Tecnólogo era de final de semana, voltado para profissionais que eram técnicos. Então tinha habilidades e competências também. Fiz em uma instituição privada. O curso fazia uma análise do currículo, você selecionava a prova que queria, se passasse era dispensado. **E uma coisa que eu notei lá... depois eu trouxe para as escolas técnicas, é o baixo conhecimento técnico em Radiologia, pela baixa qualidade dos cursos ofertados!**

O melhor curso que eu conheço de técnico é público em Porto alegre, infelizmente como ele não tem! O técnico de Radiologia não tem uma grade única, um conteúdo programático único, foi muito solto. E aí cada um fazia como queria, a parte de estágio era muito fraca... mas tinha profissionais. E o que eu notava... que eu consegui notar... **o profissional que saía como Técnico em Radiologia, o bom profissional, era aquele que procurava um pouquinho a mais! Um poucão a mais na verdade! Porque é muita carência!**

O primeiro curso que eu participei de formação, já existia em Santa Maria, e fui convidado para iniciar outro. Dei o meu melhor, fiz grade curricular, plano de curso, toda a parte pedagógica, mesmo com o conhecimento empírico da coisa, mas sempre fui muito curioso! Então eu fui atrás. **Na época, foi um curso que eu fiz dentro do que eu imaginava bom, e tenho profissionais hoje, ótimos profissionais... colegas, que foram da primeira, segunda, terceira turma desse curso.**

Não me arrependo de ter trabalhado assim, dessa forma! Saí com problemas com o pedagógico, porque como era curso particular eu exigia! Exigia horário para entrar em sala de aula, exigia que alunos ficassem até o final, exigia que eles soubessem o conteúdo! Para mim, a prova teórica não é tão importante...eu tenho que sentir que eles sabem falar sobre radiologia, e eu testava isso muito! Eu tive problemas com o pedagógico do particular e com o financeiro, porque eu não aprovava alunos! Se eu não achasse que tinha competência suficiente

para depois dividir um plantão comigo, ser competente o suficiente de assumir os 6 andares do HUSM sozinho... e com isso aí eu tive problemas, e chegaram a me falar que eu tinha que dar um jeito porque o aluno estava em dia! Aí eu realmente não aceitei, e saí! **Fiquei 5 anos fora da docência.**

E agora com o outro curso que me chamou, eles estavam com problemas. Plano de curso péssimo, estágios ruins, formação, corpo docente sem comprometimento, um curso com poucos alunos, uma evasão muito grande. E então me convidaram... coloquei algumas prioridades minhas, eles aceitaram! Consegui fazer toda uma reformulação da proposta do curso. De início eu peguei andando e depois botei só profissionais que eu conhecia e com no hall de conhecimento. Eu penso assim: **“o que o aluno quer, é saber a vivência do professor, a titulação até é importante! É academicamente falando, mas eu tinha professores doutores dando aula para o curso técnico que nunca entraram em sala de raio-x”!**

Então isso até hoje eu não concordo, e tento equalizar, tento pegar o corpo docente e incentivar que entenda da parte pedagógica, que procure uma Pós, mestrado, ou alguma coisa para se habilitar. **Porque eu percebo que a vivência é 60-70% de uma sala de aula. Mas a organização pedagógica é muito importante!** Chega uma hora que você termina a vivência, e tem que conseguir manter aquele aluno, tem que saber avaliar aquele aluno, tem que ter percepção da diferença dos alunos para poder equalizar uma turma. **Então pedagogicamente falando, é indispensável!**

Mas é muito bonito também, um profissional que chega e transmite toda a sua experiência, mas eu também tenho a consciência dessa dificuldade! Eu tenho professores que têm uma larga experiência, chegam em uma aula e pronto! Porque geralmente a Radiologia que é um dos gargalos que eu tenho com os professores, eles precisam das 5 horas de aula direto! Os professores não vão ter dois dias disponíveis, porque hoje continua como bico à docência na EPT, pois não é a principal função do profissional, que é assistencialista. **Eu espero que um dia, o professor de Técnico em Radiologia ou Tecnólogo em Radiologia, consiga sobreviver só com a docência, trazendo toda aquela carga. Eu acho que para mim, só quando eu me aposentar!** (risadas).

Com relação ao trabalho, a carga horária do Conselho é de 24 horas semanais. Mas isso é uma questão que eu trabalhei em uma Pós que eu fiz em ressonância magnética. Todo mundo entende que a carga horária é de 24 horas, pois tem a questão de proteção radiológica, que é uma falácia! Ela é um ganho de categoria! Porque o que acontece... na época antes do conselho, muito antes, 1950 por aí, tem a lei 1.234, essa lei do serviço público federal, que regulamentou que os profissionais que trabalham com radiação... essa lei, como não existiam estudos sobre radiação nessa época, só se sabia que a radiação matava, independentemente de qualquer outra ideia...que não tinham projetos, não existia física médica, não existia estudos sobre isso, só que tinha lesões... tinha problemas! Eles colocaram que trabalhar menos, trabalhar 24 horas era um meio de proteção.

Com isso, quando o conselho foi criado, eles clonaram essa lei do serviço público federal, e trouxeram as 24 horas também. Só que em nenhum momento, em nenhuma das duas leis, fala que é de proteção radiológica. Após o conselho trazer isso, foi aprovado, houve vários estudos, que se percebeu que existiriam vários outros profissionais atuantes com radiação. O médico atua com radiação, a enfermagem atua com radiação, o físico médico atua com radiação, vários profissionais estavam expostos. E os planos de proteção radiológica feito pela física, são de 40 horas de trabalho. E essas 40 horas te dão a garantia que vai ter radiação, você vai receber uma dose de radiação normal... com toda a proteção! Só que o técnico continuou com ela, porque era ganho de categoria.

*Eu vejo hoje, mais como um problema do que benefício. Porque começou a entrar outras áreas dentro da radiologia, executando funções do Técnico em Radiologia. Cursos superiores colocaram nos seus currículos... e tem gente trabalhando nessa área porque eles podem trabalhar 40 horas. O dono de uma clínica, ou de um hospital, investe 1 milhão, dois milhões em equipamento, ele não quer vários profissionais mexendo nesse equipamento, ele quer um responsável! Outra coisa que também vem de encontro às 24 horas...o profissional se torna caro... o Técnico em Radiologia. Você trabalha 24 horas e tem um piso salarial, e esse piso salarial, muitas vezes, você aumenta um pouquinho e melhora para quem trabalha 40 horas. Isso aí eu estou embasado num trabalho que eu fiz, onde decisões judiciais foram referentes a isso. Existem setores em Santa Maria, que o Técnico em Radiologia trabalha 40 horas como é o caso da prefeitura, e dependente da legislação, porque foi ganho judicialmente pela prefeitura.*

*Existe hoje com a tecnologia, equipamentos que já não utilizam mais radiação para imagem, radiação ionizante para imagem, e que continua dentro do radiodiagnóstico, que era o diagnóstico por imagem, que é o caso da ressonância magnética, ela não tem radiação ionizante, que está dentro das atribuições do Técnico em Radiologia. Só que abriu o nicho de mercado para outras profissões. E isso aí, eu considero que seja um problema, muito mais do que um benefício. Isso claro! Se segue as normas, segue-se a lei, mas também existe a questão de abrir esse nicho!*

*Veja bem, para movimentar um setor de radiologia na época... um médico e um técnico conseguiram fazer! O médico se destinava a laudar e a responsabilidade com os contrastes. E o técnico toda a outra parte, faturamento, registro de paciente, recepção do paciente, execução da técnica, tudo o resto ficava por conta do paciente. Convênios, tudo isso...então essa geração mais experiente passou por tudo isso. Hoje não! Você entra em um setor de radiologia: tem a secretária, tem o pessoal do convênio, tem um médico, tem um técnico em enfermagem. Na nossa época nós fazíamos toda a função do Técnico de Enfermagem, fazia punção, fazia o que precisasse dentro da assistência ao paciente. **Então, hoje ficou bem restrito à técnica, e por isso se tornou um profissional caro!***

*A questão da chefia, por exemplo, hoje existe muito mais chefe do que funcionário, como eu digo. E lá onde eu trabalho é um setor que deixou de ser da universidade. É uma estatal, hoje é a EBSEERH. Então temos o técnico que se preocupa exclusivamente com a técnica. Não se chama mais os pacientes, nós não temos essa responsabilidade... cuidado com o paciente, não! A gente entra em sala, executa o exame e sai. O resto todo, tem várias equipes. Com a EBSEERH existem alguns critérios para exercer a chefia... os chefes de setores pela escala da EBSEERH, precisam ser graduados e precisam ter prestado concurso para nível superior. Então nós temos vários técnicos com graduação, mas que são técnicos primeiro, inclusive eu! Não temos ascensão.*

*Mas com relação à realização profissional, me sinto extremamente realizado com o que eu faço, e com tudo que eu fiz. **Na vida profissional, eu tenho plena consciência que sempre dei o meu melhor. Me sinto reconhecido!** Porque hoje eu trabalho com vários médicos dentro do HUSM... lá é uma escola! Alunos que foram residentes, inclusive o meu chefe imediato da radiologia foi residente na época, depois foi meu sócio numa clínica. Outro médico que eu trabalho, ele é referência na Radiologia, ele foi acadêmico na época que eu o conheci. Nós tínhamos grupos de estudos, e assim me sinto muito à vontade, e não me sinto mal de mostrar, falar minha opinião dentro do setor. E sou ouvido! Foi uma história construída! Não são 30 dias, são 30 anos. E às vezes eu vejo residente conversando. E me perguntaram esses dias... uma menina da residência me perguntou: “ quanto tempo*

eu tinha de Radiologia”? Eu disse que tinha 34 anos, e ela tinha 32 anos. Então, ela ficou pensativa, porque a vida toda dela foi Radiologia, só que para mim é a vida toda dela, mais dois anos (risadas).

Nessa trajetória toda, eu tenho pós em gestão pública, tenho pós em ressonância magnética, tenho uma Pós em Radioterapia, e hoje eu estou fazendo duas pós, uma em Educação Profissional, e uma de Educação no Ensino Superior. E agora estou indo para o lado do mestrado, estou com o projeto pronto, acredito que vai seguir essa linha! Venho me capacitando em várias instituições. Na verdade, essas duas que eu estou fazendo, estou terminando, elas foram para continuar na docência. Antes eu fiz o PEG, e agora estou fazendo essas duas para continuar.

**Sobre os motivos para a docência, o que me motivou e me motiva é melhorar a qualidade dos colegas.** Porque eu via muito aluno saindo fraco! Eu tenho a noção e a consciência da responsabilidade que nós temos junto do paciente, e infelizmente os cursos estavam passando que a profissão era uma profissão tranquila, fácil, ganhava muito dinheiro e trabalhava pouco. Aí entrou muita gente pensando isso! E tinha carência no mercado, e aí você via que não estava certo aquilo ali! E foi um dos motivos por que eu entrei pela primeira vez na docência, por convite de uma instituição, pois fui indicado.

Na verdade, na primeira nem foi num curso técnico, foi no curso de Auxiliar de Radiologia, que o delegado do conselho me indicou para uma escola que veio para Santa Maria. Isso, antes dos cursos técnicos em Santa Maria. Depois surgiu o curso técnico, tive vários colegas deste curso. E abriu um outro, concorrente, que me convidou, e aí fui para esse concorrente. Lá trabalhei 5 anos com eles, formando alunos, montei o curso em Santa Maria, em Rosário, São Luiz Gonzaga, Ijuí e Santiago. Então viajava, montava os cursos, fazia toda a parte pedagógica do curso, formação, todo o gerenciamento. Montava laboratório, tudo! E dava as aulas iniciais dos cursos...dava bastante aulas para eles.

E nessa época eu também trabalhava em tantos outros lugares, porque sempre trabalhei em dois, três hospitais ao mesmo tempo. No tempo da Brigada eu cheguei a trabalhar em São Sepé, na Brigada e na Casa de Saúde. E ainda fazia um semestre de Enfermagem. **E sempre correndo e vendo a carência, sempre vendo a falta de dedicação de alguns colegas.** E depois que fui para o HUSM, continuei trabalhando em dois, três serviços...hoje eu trabalho em três ainda: HUSM, escola técnica e EBSEH na Radioterapia. Mas é bom! Água parada cria limo (risadas).

**Na docência, o meu conhecimento foi empírico, e como eu te disse, tinha uma bagagem muito grande!** Isso eu levava para sala de aula e percebia que funcionava. Eu conseguia passar o conhecimento, sem técnica, mas conseguia passar. **Depois fui observando que precisava de mais!** Uma formação, uma parte pedagógica... e agora na escola em que estou, tenho uma assessoria muito boa da parte pedagógica, e continuo levando minha bagagem. Hoje sou mais prático em salas de aula. Eu gosto mais de demonstrar, de ser prático! Dou a parte teórica normal, mas eu gosto de uma atividade prática, bastante prática.

**Então eu acho, que não existe uma preparação para ser um professor de técnico, tecnicista.** Existe muito conhecimento, mais a dificuldade de o aluno seguir a ideia desse professor...enfim! Eu tenho dois professores que são expoentes para mim. Na verdade, são três, que são professores natos! E que tem uma larga experiência na área, e gostam muito da docência, e trabalham! Tem pós em docência, o outro colega está terminando um mestrado em docência também, ele fez Física. O outro fez Enfermagem, também tem pós em docência. E um outro que eu admiro bastante, ele está comigo no grupo de pesquisa, provavelmente ele vai entrar

no mestrado junto comigo. Nós já temos projetos pré-aprovados, já trabalhando bastante neles. Então, esses três eu considero como professores.

Uma coisa interessante que eu nunca aceitei muito, foi o título de professor! Isso, desde o início, sempre pedi, não sou professor, não me chama de professor! Mas esse vínculo, hoje eu aceito. Eu consegui admitir isso, sabe... eu acho até muito engraçado! Essa semana eu encontrei um ex-aluno que eu nem reconheci ele... lá na universidade eu estava conversando com meu orientador na frente do laboratório, ele parou o carro e gritou: “e aí professor”! Logicamente eu pensei que era para o meu orientador. E o meu orientador cumprimentou. Então ele saiu do carro e veio direto à mim. “Bah professor, lembra de mim”? Para mim foi muito estranho essa situação! É gratificante, é um rapaz que eu não via há 20 anos. Então passa muita gente, se conhece muita gente, e eu não consigo largar todo mundo, mas eu consigo ver que lembram. Então eu acho que foi marcante. **Por mais que eu exija, por mais que eu brigue em sala de aula e exija...eu percebo que o aluno é quase que nem um filho, ele pede limites.** Tem o professor bonzinho, professor que larga mais cedo, professor que não exige, que eles não respeitam. Eles gostam, mas não respeitam. E esses professores que eu relacionei, são professores excepcionais. Que eu trago comigo em qualquer coordenação que eu vou, convido e tento fazer com que eles estejam juntos. É uma equipe!

Hoje vejo que melhorei muito, muito...e principalmente esse ano com a minha inserção no grupo de pesquisa, a orientação da Leila que é a professora. Eu percebo o método dela de ensino. Ela faz o método reverso, ela não ensina, ela pede para você falar alguma coisa ou explicar o que você sabe, e ela parte daquele princípio ali, ela corrige, ela direciona o aluno. Eu gosto muito disso, você aproveita o que sabe! **E eu acredito que como professor, eu estou crescendo.** Tanto que depois que eu entrei para essa outra escola por último, eu não dava aula. Eu evitava, eu entrei pouquíssimas vezes em sala de aula. **Porque eu não queria o vínculo com o aluno.**

Porque como coordenação, eu teria que tomar algumas atitudes que não iriam agradar os alunos. E em sala de aula, eles queriam uma intimidade, uma amizade maior. E no momento em que eu tomasse uma atitude em que eles não gostassem, ia ficar difícil. Hoje eu já aceitei! Nós vamos aceitar uma turma de pós-técnico em Radioterapia, e eu vou dar 45 horas/aulas. Então já avisei os alunos, já tenho um grupo de alunos prontos no whats, que só estão esperando passar esse problema (referência à Pandemia), já estão matriculados e tudo! Então em seguida eu estou conversando com eles, trazendo eles, colocando os limites... professor-professor, coordenador- coordenador... por enquanto eles estão entendendo!

**É uma coisa que eu coloco sempre... que estou formando colegas! Porque atuo na área.** Eles vão sair dali e vão trabalhar comigo, e eu sou chato no serviço, sou chato com os colegas. Se eu acho que está errado eu falo, se eu estou errado eu quero que me falem. Então eu sou chato no serviço, e não quero ficar com aquela coisa depois...que formei e agora estou aqui reclamando. **E eu me sinto responsável pelos colegas que vão atuar junto comigo.**

Sobre prós e contras de atuar na EPT... os bons é tu conseguir moldar colegas, **o ruim, é que ainda está atrelado à parte financeira.** O que eu me refiro, é que existe ainda muito no curso técnico da rede privada, essa noção que... pagou, passou! Por mais que isso seja velado. É velado! E eu não aceito! Sempre que tenho propostas em que aceito trabalho, eu sempre coloco coisas que posso fazer como queira, como eu acho que seja o correto. Não é pagou, levou! Não é que eu queira rodar um aluno, não! Na verdade, eu mostro os caminhos! O mediador como tu falou... Agora, passar um tempo me dedicando ao plano de aula, a fazer aula, e chegar lá e não estarem nem aí...precisa procurar algo a mais! Aí esse profissional que está ali, esse aluno vai ser um profissional, que

*depois vai chegar atrasado no setor, que eu vou ficar empenhado porque ele não chegou de manhã para trocar o plantão comigo. Ele vai fazer um exame ruim, vão reclamar e eu não vou gostar! Porque eu não gosto quando reclamam, não do colega, mas do técnico em si. Do profissional em si, não é um específico, são todos! Eu acho que se você tem uma formação técnica, você tem a obrigação de no mínimo fazer um trabalho bem feito.*

***Mas eu gosto muito da EPT, eu acho que ainda minha motivação vai persistir por um bom tempo!***  
*Embora sempre tenha atuado como professor na rede privada, eu acho que na rede pública, o professor tem mais autonomia de formação. Porém recomendo a EPT da rede privada desde que seja uma formação decente. Você faz de conta que existe hoje, em várias escolas de fundo de garagem, que só faz um faz de conta que ensina o aluno, e o aluno faz de conta que aprende, e depois sai uns profissionais de segunda ou terceira qualidade que eu acho que aí, não é o caminho.*

*Hoje na escola em que eu estou, eles realmente estão me dando apoio. Só que, como eu digo, criar um nome é melhor do que recuperar um nome. E para falar mal do curso, depois que estragou... é difícil trazer de novo! Eu estou lutando há três ou quatro anos... esse ano saiu a nossa autorização do plano de curso, tanto na Pós, quanto na Radiologia, no Técnico. Sem sombras de dúvidas é um dos melhores planos de curso que eu conheço. Eu estou falando isso, porque eu tenho vários amigos no Brasil todo, e eu coloco isso para eles! Essa parte que não é uniforme na formação, prejudica muito na parte de transferência de alunos. A mesma coisa é, meu plano de curso lá não é igual ao da cidade aqui do lado. Aí o aluno quer vir para cá, ele perde quase todo o outro curso, porque não consegue aproveitar. Porque a nomenclatura é diferente, carga horária é diferente, conteúdo programático diferente. E isso, eu já estou trabalhando, estou conversando com o pessoal do conselho, tenho amigos lá. Converso com coordenadores de outras escolas, para nós tentarmos fazer um plano de curso único. Onde você consiga uma transferência. Por exemplo, você fez a disciplina lá e quer aproveitar aqui... eu acho que tem solução!*

*E mantenho uma boa relação com toda a escola. Eu nunca.... Digo isso até para os chefes: **“eu não estou por dinheiro”**. **Eu estou porque me convidaram, e porque eu quero melhorar a formação!** E deixo sempre aberta a hora que não quiserem mais! Tranquilo. Tanto que nesse momento de pandemia, eu tenho trabalhado mais em casa. Recuperando plano de curso, então eles mantiveram, e mantém o laboratório como eu pedi. Nós estamos agregando mais equipamentos ao laboratório. Então isso é muito gratificante, não medem recursos.*

*E com os alunos, uma das coisas que eu vejo, é que eu trabalho com vários que já foram meus alunos. E vejo que são mais novos, pegam as coisas mais rápido, tem um “time” diferente do meu, e muitas vezes eu peço ajuda a eles. E eles estranham (risadas)! É mais fácil pedir! Eu já estou numa idade, que é a lei do menor esforço, se você sabe me passa! E eles ficam muito contentes até!*

#### 4.4 APRESENTAÇÃO COLABORADORA 4

*“Nós somos trocas de energia, a gente passa energia um para o outro. Então, se você não estiver com uma energia legal, o outro também vai sentir”!*

Após certo esgotamento mental para obter novas entrevistas, eis que obtenho o contato da professora-colaboradora 4. Lembro-me do receio de ser invasiva em tomar a atitude de uma ligação logo de início. Mas enfim, em um misto de ansiedade e necessidade, nossa conversa aconteceu. A voz leve, em tom de acolhida, buscando dar atenção e valorando a proposta do trabalho...tudo fez aos poucos, acalmar meu coração. Sua colaboração foi essencial para que tivéssemos duas instituições como *lócus* deste estudo, pois sem sua influência com a gestão da escola técnica, os entraves talvez não teriam sido ultrapassados.

Em nosso único encontro, conheço virtualmente seu ambiente de trabalho, uma clínica de estética padrão, em tons claros, tudo muito organizado. Vestida de jaleco, sua postura vai aos poucos ficando mais relaxada, e então consigo reconhecer as boas qualidades que já tinham sido passadas a mim por conhecidos em comum, destacando sua sensibilidade no tratar o outro. Tudo flui naturalmente, mas também se soma ao fato, que suas narrativas já eram a última entrevista que realizava para a pesquisa. Então, teoricamente, uma condução um pouco mais segura de minha parte.

O sorriso largo, o tom de voz constante, vão revelando traços de sua personalidade que reforçam o discurso de serem inerentes à sua pessoa. Reconheço a paixão pela pesquisa, e assim, estar na docência somente reforça a necessidade de compartilhar saberes científicos e de vida, em prol da qualificação de profissionais da sua área de formação.

Nosso momento foi um dos mais longos dentre os demais colaboradores da pesquisa pois tinha-se muita vontade de fala e detalhamento de fatos por sua parte. E eu, na minha posição de pesquisadora, somente aproveitei sua disposição. Por fim, recebo um convite para conhecer a instituição, e tal disposição, novamente me dão esperanças de que existem professores e professoras!

Definitivamente, aprendo mais sobre o trabalho com afeto, o que acaba reafirmando que minha busca está no caminho certo.

## NARRATIVA COLABORADORA 4

*Então... minha formação inicial foi em Estética na ULBRA de Santa Maria, e visto que eu sentia a necessidade de mais e mais... e eu gosto muito, sou curiosa! Gosto muito de estudar e tudo! **E além de estudar, eu gosto muito de passar o meu conhecimento adiante.** E fui fazer a Biomedicina, minha segunda graduação. E aí na Biomedicina me encontrei!*

*Querendo me especializar na área de Estética, de onde eu já atuava desde 2009, fui para a Biomedicina buscar a área da pesquisa que eu gosto bastante, **e dentro da parte de pesquisa, me encontrei na docência.** E aí eu fui fazer a qualificação, fazer a especialização, fiz Pós em docência, e foi onde eu me encontrei também. Eu sempre falo...a parte clínica, e hoje eu atuo na parte clínica, é linda mesmo, eu sou apaixonada! **Mas a parte teórica, a parte de sala de aula, elas se encontram.***

*Eu sempre penso assim...**unir o útil, que é a teoria, que é o científico, que é a pesquisa junto com a parte clínica, é a melhor combinação que tem!** E aí, eu fui parar dentro dos dois cursos, eu fui convidada a iniciar o curso de Estética na Instituição B aqui em Santa Maria. Então a gente organizou toda uma grade curricular, para a nossa instituição ter o curso de Estética aqui na Instituição B/Santa Maria. E depois, também fui convidada a assumir a coordenação da Massoterapia. E hoje eu assumo as duas coordenações, Estética e Massoterapia, aqui da Instituição B. Então assim, em sala de aula, claro né! **Que eu sou tão encantada pela pesquisa e pela docência, junto com a clínica, que os dois se encontram. Não tem como não conversar! Então, foi neste amor, que eu acabei me encontrando na docência.***

*Hoje eu atuo dentro da área da Biomedicina Estética e da Biomedicina Ortomolecular. A Ortomolecular, busca tratar o organismo de dentro para fora, não é só tratar o todo, só o fora! O que eu passo sempre para os alunos é isso... a gente faz um tratamento estético e ok! Dentro da minha área, um botox, um preenchimento. Dentro da área da Estética como um todo, há problemas de pele, por exemplo. Mas como está aquele organismo? Como é a vida daquele paciente? O que ele precisa de necessidades, para que ele possa melhorar a qualidade de vida? Então na Ortomolecular eu atuo nesta área.*

*Eu sempre passo para os meus alunos exatamente isso, que você veja o paciente como um todo, como que é! Então é todo um geral, não é simplesmente ir lá e fazer, seja uma massagem, mas como está aquele paciente? Então sempre nesse contexto, não só na clínica que eu penso, mas também dentro de sala de aula, é o que eu acabo passando. **E é o que os nossos professores hoje, eu sempre peço que todos tenham essa mesma fluência, nesse contexto de enxergar um organismo como um todo.***

*Fiz minhas formações em três instituições, fiz no ISEC, UNIFRA e ULBRA. E as três especializações, uma na ortomolecular e as outras duas em Estética. E mais uma especialização voltada para a Educação Tecnológica. Foi muito boa a experiência, porque quando você entra numa sala de aula, você tem um mundo. Você tem todos aqueles alunos...e na nossa área, tanto técnica como tecnológica, é bem diversificado os alunos. Então temos várias faixas etárias, mas também nas aulas de graduação também.*

*Então, como você vai lidar em sala de aula, quais são os recursos que você vai trazer para o aprendizado melhor daquele aluno. Porque chegar e passar slide, tudo isso é muito formal, que é o que temos hoje, é o nosso modelo. Nosso modelo educacional hoje, ainda é muito formal, então ainda falta algo. Todo mundo tem que sentar um atrás do outro. Mas de onde vem isso? Por que tem que ser assim? **Então, trazer inovações para o teu aluno, é diferente porque você consegue prender mais a atenção, não apenas pelo assunto ser bom.***

*Hoje eu ministro aula de Estética e ministro as aulas de Bioquímica. Como que você vai dar Bioquímica, Análise Metabólica, para aquele aluno, que você precisa prender mais o aluno. Por ser um componente mais pesado, então como fazer? Trazendo esses recursos tecnológicos, a gente consegue melhorar a qualidade de ensino dentro de sala de aula. Essa qualificação, especialização eu fiz dentro da instituição B.*

*Com esse curso você que são vários os recursos que você pode trazer. Eu gosto muito do quadro, eu sinto essa necessidade de escrever. Então, me dar uma sala de aula sem quadro, é a mesma coisa que não me dar uma sala de aula. Porque quanto mais a gente escreve, mais o aluno escreve, mais a gente fixa. Então é fazendo, reforçando, os exemplos, sair daquele formal de sala de aula. Enfim... coisas que você pode agregar! **Nós somos estudantes toda uma vida, e a gente sabe que sentar um atrás do outro, que é normal, que a nossa sociedade, nossa cultura coloca, isso te cansa.** Você fica 4 ou 5 horas sentado ali, sem nada de inovação. Ainda mais quando o assunto não chama tanto a atenção do aluno, ou o aluno tem uma maior dificuldade. Então trazer esses recursos tecnológicos, se faz essencial sim!*

*Eu venho atuando desde o ano de 2010. Eu nem cheguei a finalizar a primeira formação, foi na época do estágio que eu comecei a atuar. Então trabalhei por 8 anos em uma clínica médica, atuando na área da Estética, e depois eu fui montar a minha clínica. Então já são 11 anos de parte clínica, e a parte de estudos, pesquisa, docência e coordenação de curso já são 5 anos. **No fim, é estudo, estudo, estudo!***

*Minhas experiências até então foram apenas na Instituição B! Me senti acolhida desde o primeiro contato. **Eu sempre falo, que todo professor que está em uma instituição, independente da instituição, seja uma, duas ou três... precisa pertencer, precisa ter esse sentimento.** Pois caso contrário, você não luta pelos teus ideais. **Pois qual é o nosso ideal hoje na docência? Nosso aluno!** Então, se tu não te pertencer, o aluno não vai ter qualidade de ensino. Eu sempre falo que todas as instituições são maravilhosas, tem pontos positivos e pontos a melhorar, não gosto de falar pontos negativos. E hoje, dentro da instituição, eu me sinto totalmente pertencente, pois eu quero o melhor para aquele aluno, e se eu não tiver esse sentimento, eu não vou dar o meu melhor para o aluno. E assim, é uma consequência.*

*E toda a equipe hoje, ela tem esse sentimento de pertencimento, claro que eu vou falar pelos meus cursos...nos cursos de Estética e Massoterapia. Todos os professores que hoje fazem a banca, eu vou ser bem sincera, não adianta eles terem um mestrado ou doutorado, pós...você tem que ter essa essência, de ter pertencimento. E se você não tem esse pertencimento, vou dizer...eu como parte Biomédica, docente e coordenadora, não consigo trabalhar em equipe. Então todos estamos juntos, todos falam a mesma linguagem, a mesma fluência. Então não adianta tu chegar lá no final do mês, tu ter o teu dinheiro, ter isso ou aquilo, e o resto! **Tem a satisfação do aluno com aquele professor em sala de aula.***

*Mas ainda tenho muito a buscar... vamos voltar a minha trajetória: primeiro Esteticista, depois Biomédica, hoje Biomédica Esteta, Patologista Clínica, e também Ortomolecular...muita coisa a melhorar ainda! **A gente sempre corre para a perfeição, mas a gente nunca vai atingir a perfeição, isso com certeza não!** Mas eu me dou muito, eu estudo muito. Então, todo dia tem atualização, todo dia a gente está recebendo artigos novos, e eu procuro sempre trazer tudo isso de artigos, até mesmo de vivências de outras pessoas, até mesmo da vivência de alunos de sala de aula, para a parte clínica. Então hoje, como Biomédica Esteta, Biomédica Patologista Clínica e Biomédica Ortomolecular, é sempre procurar a perfeição, eu nunca vou encontrar com certeza, mas eu sempre procuro mais e mais e mais.*

Onde atuo, é um mercado que está sempre trazendo inovação. Então é muito difícil você falar, eu falar 100%, porque não vai ser 100%, a gente está sempre buscando mais. Mas com toda a certeza, eu sempre busco mais para que o meu paciente hoje tenha o melhor, que se sinta confiante, acreditando no tratamento. **Eu sou uma pesquisadora nata!** Se você me disser que a arnica é boa... eu vou pegar essa arnica, e vou ver para o que que é bom! Então, não é só aceitar o que tem no mercado, porque no mercado tem inverdades, tem mitos e verdades. Então, você tem que pegar, selecionar, e ver o que é bom! Bom para quê? Ah, para aquele paciente que é assim, assim, assim..., mas para outro paciente não vai ser bom! Então essa área da pesquisa ela é muito minha, eu gosto muito disso, eu dou muito, me dou 200% para poder chegar aos 70%, então a gente sempre está em busca de mais.

Hoje eu trabalho com os procedimentos minimamente invasivos, Botox, preenchimento, e outros afins. Mas não é só fazer isso, pois se você fizer uma técnica errada, você pode causar uma apoptose. Se você analisar errado o paciente, se der um gerenciamento errado para o paciente, tudo vai estar errado. Vai ser desde o que você vai passar, o que ele vai tomar...e aí a gente vem lá para a Bioquímica, como é o metabolismo do seu paciente. E se você der algo que ele possa tomar para absorver melhor os nutrientes, vitaminas, dentro da ortomolecular, mas tudo pode dar errado! Ele pode ter uma reação alérgica, ele ter algo que seja diferente do que a gente quer. Então, é uma atenção bem importante para o paciente. Eu sempre falo, alguns desses procedimentos por exemplo, fazer uma toxina botulínica, um Botox a gente faz em 10 minutos. Mas o comprometimento com o teu paciente? De entender como o paciente está naquele dia? Eu não fico menos de uma hora com o paciente para entender um pouquinho. Por quê? Porque eu estou em um contexto.

Não é só o valor financeiro, mas é o contexto do paciente, se ele não está bem naquele dia, então é todo esse contexto que a gente precisa entender. É a essência do pertencimento! Lembra que eu falei sobre pertencimento na instituição? **É o pertencimento com o paciente, a credibilidade que você passa para ele, que faz ele acreditar em ti...**então não é 5 minutos ali não! Então, a gente tem que ter essa ideia de pertencimento com o paciente, e esse pertencimento é de 100%. **O resultado que eu vou dar para ele, sempre vai ser o mais perfeito possível. Mas o pertencimento é de 100% a 200%...e isso é muito gostoso de sentir.**

A minha mãe sempre me disse, sempre faça para o outro, o que queres para ti! **Então, sempre trate o outro da mesma forma como gostaria de ser tratada.** E até hoje, a minha mãe sempre me diz isso. Eu sempre carrego isso comigo! Como eu como paciente eu gosto de ser tratada? Vamos colocar um caso bem típico...se eu for na casa de alguém? Eu gosto de ser tratada de um jeito! Então se alguém chegar na minha casa, vai ser tratado exatamente como eu gosto de ser tratada. **Eu gosto do carinho, eu gosto da atenção, eu gosto daquele respeito que a gente tem...eu me sinto bem, quando sou tratada assim! E isso é muito meu, eu sempre fui assim.**

Então se tu for perguntar para um amigo de infância, esses dias eu a reconheci, fazia 20 anos que eu não a via, e foi muito bom! A gente vê, quando a gente carrega as coisas e a gente tem um relato de alguém que faz muito tempo que você não vê. E bom, nossa o teu jeito é o mesmo! Quando você ouve esses relatos, você faz uma reflexão, será que é o mesmo? E esse é meu jeito, eu sempre fui assim...vai ter dias que tu vai estar mais assim, mas você nunca vai me ver levantar de mal humor. Assim, posso não ter dormido nada de noite, mas nunca, nunca me levanto de mau humor! E eu sempre penso nisso. Quando você vai para o trabalho, tem teu aluno, tem tua clínica, aquele paciente que está ali te esperando, ele também teve um dia. **Como será que foi o dia dele? E aí eu volto de novo para o pertencimento, como eu gosto de ser tratado?** Independente do lugar que eu esteja. E isso sempre foi muito meu, mas é claro que pela parte educacional que a minha mãe sempre me falava desde bebê eu

acho. Então essa noção de pertencimento eu sempre tive na minha vivência, seja com quem for. Até a secretária lá de casa me pergunta, mas porque que tu sempre foi assim? Ela já me conhece há uns 15 anos que ela trabalha comigo, e ela sempre me diz que eu estou sempre do mesmo jeito. Então é o meu jeito, não tem como, eu não consigo ser diferente, eu sempre fui assim!

Eu entendo que nós somos trocas de energia, a gente passa energia um para o outro. Então seu você não estiver com uma energia legal, o outro também vai sentir! Então é o pertencimento mesmo. **Mas mudei muito...aperfeiçoei muito!**

Mudei 100%! Quando você entra em uma sala de aula pela primeira vez, é muito...é gratificante, mas tem aquele medo! É aquele medo, de como eu vou ser analisada. Nunca vou esquecer a primeira vez que eu entrei na instituição para dar aula, para ser professora e não coordenadora. Eu disse, meu Deus, vão me perguntar tudo...mas vou entrar como se eu soubesse tudo! Então eu já estava antes em sala de aula, já tinha me preparado, era uma turma inicial e todo mundo chega com muita sede. A gente está começando a faculdade, e chega com muita sede! E aí é claro que você treme, se sente insegura, nossa.... Eu lembro que naquele dia vieram umas 500 perguntas. Aí eu falei: bom pessoal, nós vamos organizar primeiro as perguntas. Estavam todos em roda, não um atrás do outro. Porque daí me tirava um pouquinho da zona de conforto, mas também me tirava do centro das atenções. Você está lá na frente parada, você fica no centro das atenções, e aí fica mais nervosa. Aí no primeiro dia você fica meio se achando que tem muito tempo. E na verdade você tem a experiência, anos de experiência na parte de Estética. Então isso foi muito bom! Nunca vou esquecer da primeira aula que foi Bioquímica Metabólica. E aí, Bioquímica para uma turma que está iniciando curso de Estética, nossa...queriam me matar! Então eu trouxe vários casos clínicos para eles. Porque se eu iniciasse com a parte de Bioquímica, que é um monstrinho para eles inicialmente, eles iam me espancar naquele dia! E foi dessa forma que eu conduzi e fui indo melhorando.

Claro que tiveram vários pontos a melhorar da primeira turma, e até hoje tenho vários pontos a melhorar. **Mas foi um passinho de cada vez, a cada turma nova, e cada turma era específica.** Tem turmas que voam, e tem turmas que precisam de uma atenção maior. Então as turmas são muito específicas, e aí você vai melhorando, vai se adaptando. **E hoje eu sei que a gente precisa se adaptar e se moldar para as turmas também, e isso é muito bom, é muito gostoso.** Daí você volta para a pesquisa. Vamos esse fulano, o beltrano, vamos ver turma X, turma Y, e essa experiência é muito boa. Hoje, com toda a certeza eu melhorei 100%, mas tenho muito mais a melhorar, com certeza tremi muito, fiquei com medo, com receio, tive pavor, tive tudo lá na primeira turma.

Porque vamos pensar... um curso de Estética que tem na grade curricular Bioquímica Metabólica...eu lembro de quando eu tive, eu não entendia nada, mas a minha professora foi 10! A minha professora de Bioquímica, eu nunca vou me esquecer, tanto do curso de Estética como da Biomedicina, as duas profes foram show! **E quanto à docência, eu sempre me inspirei nelas.** Eu quero ser como a profe Marta da ULBRA! E aí a gente acaba indo nesse caminho. Nunca vou ser igual a ela, jamais...porque ele é nota 11, 20, mas você acaba sempre entendendo que tem que melhorar. Bom, o curso de Estética, por que eles precisam aprender Bioquímica? Porque eles têm que entender o organismo como um todo.

Como que eles vão entregar o resultado da estética para o paciente, se eles não entenderem o antes, o que está acontecendo no organismo. **Porque tudo reflete externamente, é porque internamente não está legal.** Sejam processos inflamatórios, sejam uma série de fatores hormonais, principalmente que é o que a gente estuda muito. Então porque tudo isso vai acarretar, vai ocorrer as manchas e uma série de outros fatores. E é casos clínicos! **Como eu já tinha a parte clínica, já tinha um trabalho bem legal da parte clínica, você trazer essas**

**vivências para a sala de aula, você consegue unir tudo, e o aluno consegue aprender mais, ter mais atenção.** A disciplina é um pouco difícil, mas você consegue ir atendendo lentamente o que é, o processo do organismo.

Quando eu fui convidada para assumir a coordenação, nasci com a coordenação de Estética da Instituição B, foi bem desafiador porque eu nunca tinha. É uma responsabilidade grande, você ter uma gestão, de saber como fazer, e tem uma prática burocrática também. E é o atendimento ao aluno, é o atendimento a tudo que possa melhorar, todas as críticas construtivas, que são pontos a melhorar, desafia muito a gente. Quando recebi o convite, eu disse que não tinha experiência na área. **E aí a instituição me disse que íamos conseguir juntos... quando você ouviu uma palavra dessas, da pessoa mestre que te convidou, isso te dá um respaldo e uma segurança muito grande.** E hoje eu cito Mateus, cito Heloísa, e todos os diretores da instituição, que me deram isso. E aí você te pertence àquela equipe pois eles depositaram uma confiança em ti. E claro, tem muito a melhorar ainda, mas você te pertence à instituição por ter esse crédito, digamos assim.

E eu me sinto reconhecida... e além do reconhecimento, isso é desafiador porque te dar uma coordenação, sendo que você nunca fez, eu nunca gastei uma coordenação de curso. Então, isto de desafia porque te tira da zona de conforto, você tem que estudar mais, aprender a gerar tais e tais situações. O que uma coordenação de curso precisa saber, que ela precisa entender. **Então dá medo, porque você não quer errar, só que a gente erra na tentativa de acertar.** Eu sempre falo, a gente erra não é porque a gente quer, a gente erra na tentativa de acertar. Como eu tive muito crédito, muita confiança dos diretores, isso me deixou mais aliviada para começar a primeira coordenação.

Existem pontos positivos e são vários, é o reconhecimento, a gratificação de ter aquele teu aluno que já está formado, e você ver ele atuando, e ver que tem muito teu, do que você já falou em sala de aula. **Ou então, aquele aluno que te manda um recadinho, dizendo que foi a melhor aula, a melhor turma, a melhor coisa que você poderia ter ensinado à ele...não existe nada que pague.** Até por telefone, você receber essas mensagens, ou até mesmo na clínica, é uma gratificação tão grande, é um amor tão gostoso, que isso já vale por tudo!

Pontos negativos...sempre vai ter algo a melhorar, então eu nem falo em ponto negativo, mas questões que a gente precisa melhorar. Entender mais o aluno...o bom seria se a gente conseguisse entender cada aluno, mas não tem como, não é viável. Mas com certeza tenho pontos a melhorar, e ter alguns pontos...eu não chamo de negativos, você entende! Eu gosto de questões mais construtivas, então tem aquele aluno que não está satisfeito com a disciplina, com a instituição, existem essas questões. E não é só na instituição B, é em qualquer instituição que existe isso. **Melhorar as instituições de ensino da gente, são pontos positivos e pontos a melhorar.**

Toda a instituição de ensino vai passar isso para o aluno, e hoje eu falo que tem muitas coisas a melhorar... mas quanto à gratificação não tem preço que pague. E esses dias eu estava pensando, eu sempre quis ser professora. Eu lembro que lá quando eu tinha uns 10 anos...o que tu quer ser quando crescer? Professora! E aí depois passou, tive filhos, e a única coisa que eu não quero ser na vida, é ser professora. E aí eu fui para a parte de Estética, e ser professora não estava nos meus planos. **Mas a questão de ensinar o outro, de passar o teu conhecimento, eu sempre fui assim.** Então gostava de ensinar o meu colega que tinha dificuldade, eu me encantava muito com os professores. Eu tive professores de referência, e isso sempre foi muito meu. E eu nunca fui muito falante! Eu sempre fui muito tímida, eu nem falava em sala de aula. E agora com a docência, como eu vou fazer? Mas eu sou mais reservada, no meu dia a dia sou mais tranquila, mas em sala de aula hoje eu sou bem falante.

*Eu sempre falo que hoje nós temos alunos que já se formaram e saíram da instituição, que já concluíram o curso, e que se tem uma dúvida me chama no whats...então, às vezes, recebo assim: “E aí professora, eu fiz tal procedimento, deu isso e isso, ficou legal! Ótimo, perfeito, então isso é tão bom. Eu tenho as dúvidas, com toda a certeza tanto da parte clínica como da parte docente, e eu faço o quê? Eu vou naquele professor de referência, e pergunto às minhas dúvidas. Todos os professores que eu pergunto as minhas dúvidas, todos me respondem. **Então, se eu sou docente, eu sou docente de coração! Eu nunca vou deixar o meu aluno que está com alguma dúvida de procedimento sem a resposta.** Porque todos os professores que eu questiono, quando eu tenho alguma dúvida, nós somos estudantes também, ou uma troca de ideias, sempre me respondem porque são docentes de coração.*

*A instituição B foi uma das primeiras instituições de Santa Maria a ofertar o curso de Estética. Nós tínhamos aqui na ULBRA Santa Maria, mas Massoterapia não! Então venho acompanhando várias formações até hoje!*

*Com relação à docência em sala de aula, eu percebo que tem alunos que já nasceram para a docência, dão show nas apresentações, como falam e escrevem, e isso é difícil. Mas se tenho alunos assim, eu sempre falo que tem que querer mais. Todo o ensino, todo o curso, ele te dá a base. **O seu diferencial, vai ser naquilo que você vai buscar a mais.** O curso, todo mundo tem aí, tem análise...então, o fator a mais, você tem que ter, então depende de cada um! É buscar outras especificações, outras qualificações, é buscar o seu diferencial no mercado de trabalho. Então tem uns que já fazem uns cursos livres, e isso é muito bom, pois são alunos que se desenvolvem, são alunos que se importam, que se conversam, que conseguem passar o seu conhecimento adquirido. Então, isso é muito bom! **Eu tenho ótimos alunos que a gente vê...esse vai ser docente.***

*Com relação aos colegas de serviço... nossa, eu sou muito tranquila! Eu tenho uma boa comunicação com todos, professores e coordenadores. E isso é dentro da instituição...porque eu me encontrei na instituição B? Exatamente por essa essência de pertencimento...claro que vai ter divergências de opiniões, com toda a certeza. Então, você precisa saber respeitar a opinião do outro, até porque o outro não vai estar de acordo contigo sempre. Assim, como eu não vou estar de acordo com a opinião do outro. Então, ter esse respeito se faz muito importante. E eu sou muito tranquila, nossa! E todos são assim, nesse ambiente...todos conversam, falam a mesma língua, se respeitam, às vezes fica um pouco difícil a comunicação, mas tudo tem ajuste.*

*As pessoas são diferentes! As pessoas têm opiniões de A a Z, então a gente precisa entender. Tem aquela questão de rumores, eu não gosto de rumores, porque o rumor acaba sendo transformado. Então não se tem uma qualidade de ensino, e quem vai sentir lá na frente é o aluno. **E quando o professor entra para sala de aula, eu entro para sala de aula, ou qualquer professor entra, você tem que dar o teu melhor!** Você tem que ser o melhor, e não levar rumores para a sala de aula, e não fazer uma outra abrangência seja ela política, social, enfim...mas fazer com que o aluno se sinta bem, se sinta adequado naquela situação. Então, isso é bem importante...*

*Antes de entrar na Estética, eu cursei dois anos de Pedagogia. Acho que foi ali que eu descobri que eu não queria ser professora naquele momento! E eu lembro de uma situação em que nós fomos fazer um estágio em uma instituição...claro que isso faz muito tempo. O que eu vejo hoje, porque eu tenho amigas que são professoras de instituição pública. Infelizmente não são todas as instituições públicas que têm esse sentimento de pertencimento. Eu estudei em escola pública, onde eu estudei foram 10! Eu tive uma ótima base...eu acredito que hoje essa noção de pertencimento tem várias variáveis.*

*Nas escolas públicas existem variáveis, o porquê de ser mais pertencente ou não! Claro que temos escolas públicas ótimas, com ótimas gestões. Mas é difícil eu te falar, porque eu nunca atuei em escola pública, mas dentro da instituição privada, o que a gente quer? Que o aluno saiba mais! Que dá um norte como te falei, dentro dos cursos tu tem a base, mas o aluno tem que saber que ele precisa buscar mais. É uma grande luta, quando você dá um artigo científico para o aluno ler...meu deus do céu que bicho é esse! Até o aluno entender que é embasado no que já aconteceu e deu certo, que você vai fazer as leituras não somente nos livros. Então às vezes é difícil o aluno ter essa consciência...mas buscar mais, a gente sempre cobra. Eu como coordenadora eu sempre falo para o professor, você precisa dar a tua ementa, mas tem mais! **Porque só a ementa, todo mundo dá! O que é esse mais? É o conhecimento de fora que você traz, um outro profissional que você traz para conversar com os alunos numa palestra, enfim, dentro daquela disciplina.** Então, o professor tem que entrar hoje em sala de aula, e não mais só dar a ementa, porque assim todo mundo já faz.*

*Então, eu tive isso! As minhas professoras de graduação, as minhas referências...não davam só a ementa. Elas davam a cereja do bolo, fizeram eu querer mais. Por isso eu fui para outra graduação, e até hoje eu sou assim. Procuo mais, pesquiso mais, curso disso, curso daquilo. Hoje temos muitos cursos à distância, e isso facilita muito. Mas como eu nunca atuei, eu não saberia te dizer. Mas eu sei que tem um curso de Estética no IF, mas não lembro em qual cidade.*

*Com relação aos alunos, nossas trocas são super boas, sou uma pessoa supertranquila! Eu tenho um filho adolescente, então eu sei quais são os medos, os receios, quando o aluno está bem, quando não está, porque eu tenho um adolescente em casa. Meu filho tem 19 anos, então é uma relação que não é muito diferente. No curso nós temos várias faixas etárias, os adolescentes são a maioria, mas tem pessoas da minha idade, outras mais velhas do que eu. Eu nunca tive problema com aluno. Eu sempre falo...você não quer assistir a minha aula, dentro da minha sala de aula, eu estou transmitindo um conhecimento, mas isso não impede de a gente trocar ideias. Só tem que ter um respeito mútuo.*

*Não é porque eu sou a professora lá na frente, que eu tenho o direito disso ou daquilo. Mas eu exijo sim! Quer mexer no celular não tem problema algum...mas se tu não pega no início da disciplina, você não consegue entender. E às vezes são coisas bem pontuais...o aluno não gostou disso ou daquilo. Tanto na parte de docente, como na parte de coordenação, o aluno está no direito dele. **Mas a instituição tem também seu direito, todos temos direitos e deveres, e aí a gente entra em um consenso.***

## 5 NARRATIVAS: MEMÓRIAS QUE MONTAM UMA IMAGEM DOS CAMINHOS DE FORMAÇÃO DOCENTE NA EPT

Era uma vez...a história de um inconsciente que se realizou. Era uma vez... um tropeço, uma conquista, uma tristeza, uma alegria... (Autor desconhecido).

Como toda história, ao contar por partes, vai-se compreendendo melhor os personagens, seus motivos e sentimentos que os levam a ultrapassar os desafios das histórias, e em grande parte, vencer os entraves que geram aprendizado. E assim, esse foi o caminho percorrido com este estudo. A partir das narrativas e várias idas e vindas nos áudios e escritos, eis que agora, para apreciação dos leitores, as reflexões de cada colaborador sobre seus processos formativos e suas trajetórias docentes na EPT, levam às possibilidades de repensar as ações e estratégias para a valoração do contexto da educação técnica e profissional.

Este capítulo trata do eixo central da pesquisa, representado pela Figura 7, já exposto anteriormente, denominado **Narrativas: memórias que montam uma imagem dos caminhos de formação docente na EPT**. Assim, se discorre frente a duas categorias emergentes: a) Trajetória de formação profissional com ênfase na trajetória formativa e realização profissional; b) Trajetória formativa para a docência e docência na EPT, destacando as motivações para continuar atuando e o sentimento de realização para atuação na EPT. Salienta-se que os destaques em tais categorias surgiram frente a recorrência nos discursos presentes nas narrativas dos colaboradores do estudo e que, então, definiram os próximos tópicos da escrita.

Diante da breve retrospectiva do trabalho, se dará sequência à formação docente na EPT, refletindo sobre o fato de que o ato de se formar para algo, envolve processos contínuos de aprendizados e ganhos de conhecimento, tanto em nível pessoal como profissional, em que ambos, resultam em identidades pelos quais somos reconhecidos na sociedade. Assim, se remete ao processo de constituição da (s) identidade (s) docente (s), corroborando com Alves e Brancher (2021, p. 337), para os quais a (s) identidade (s) docente (s) se fundamenta (m) no significado atribuído ao “ser professor”, que a exemplo de outras profissões, se desenvolve como resultado do meio, configurando-se na existência do ser, do saber e do fazer.

À vista disso, passa-se a compreender que o próprio professor se define e dá sentido ao seu fazer, em um processo envolto por vivências pessoais e profissionais, que aos poucos vão desvelando sua identidade como docente. Nesse contexto, as trajetórias e saberes a partir das trajetórias formativas somam-se para que se possa melhor definir o professor Bacharel ou Tecnólogo atuante na EPT em cursos da área da saúde na rede privada.

Nesse percurso de formação, inúmeros são os desafios e mudanças que podem gerar frustração, ou ao contrário, motivação para maiores conquistas. Assim, ao definirmos o público-

alvo deste estudo, os professores Bacharéis e Tecnólogos da área da saúde atuantes na EPT, entende-se ser a grande maioria dos profissionais com essa formação, tendo suas técnicas pedagógicas apreendidas de processos de observação da própria prática, ou de referências afetivas. E então, conhecer as histórias de vida de tais professores, pode permitir a compreensão das escolhas profissionais e os caminhos para qualificação profissional, que hoje remetem à uma identidade docente na EPT.

Outro ponto importante que vamos discorrer, passa a ser a formação de professores, algo que transcende a prática pedagógica, devendo incluir habilidades e saberes únicos ao trabalho docente. Nesse sentido, precisa-se voltar nas reflexões sobre as formas de preparo para a docência dentro dos espaços acadêmicos, nos quais Cunha (2010) identifica duas dimensões de formação: formação para a pesquisa e formação para a docência. Assim, há o mestrado e o doutorado que buscam o desenvolvimento de sujeitos pesquisadores, e para o desenvolvimento da *expertise* para a docência, normalmente, a opção está na educação continuada. Bolzan, Isaia e Maciel (2013, p. 52) afirmam que:

pensar a formação docente pode nos levar a dois caminhos: as trajetórias formativas entendidas como uma rede de relações na qual as reflexões, o compartilhamento e reconstruir experiências e conhecimentos são essenciais para este processo, bem como a promoção de atividades nos grupos de pesquisa e trabalhos intergrupais; e as trajetórias formativas compreendidas como possibilidade de desenvolvimento profissional a partir de programas de formação, envolvendo saberes e fazeres de estudantes e professores.

Desse modo, como gerador de movimentos em prol do aperfeiçoamento das práticas pedagógicas, está o aluno, como principal motivador ao professor, porém aos profissionais de nível Bacharel ou Tecnólogo, isso acontece apenas quando se está imerso em tal contexto, uma vez que, sua formação inicial não contempla tais aprendizagens pedagógicas. Assim, há a necessidade de novas aprendizagens, superando os desafios do exercício da profissão. E não mais passa-se a compreender que o saber técnico é insuficiente aos profissionais da área da saúde que migram para a docência, e passa a ser necessária uma formação pedagógica ou ainda, uma formação profissional que dê conta de ampliar as visões, incluindo conhecimento das habilidades humanas, com valores pessoais que prezem as relações entre os sujeitos.

Perante esse breve resgate, como ponto de partida de análise, se refletirá sobre as escolhas para profissões da área da saúde, da qual muito se ouve o discurso para o “cuidado ao outro”, mas que também pode estar atrelado a uma responsabilidade pessoal pela história de cada um, que pode refletir nas escolhas de cunho pessoal, social, psicológica, emocional e espiritual, que se fizerem necessárias para o objetivo final que é o da identidade profissional, eficiência e satisfação profissional.

## 5.1 TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL: A DESCOBERTA DAS FRAGILIDADES DOS PROCESSOS FORMATIVOS E A BUSCA POR QUALIFICAÇÃO

A escolha profissional pode não ser uma tarefa nada fácil para alguns, mas para outros há uma identificação desde a infância, presente nas brincadeiras, pela inspiração de um familiar, ou mesmo sem ter uma explicação lógica. Nesse sentido, fala-se em afinidade com a prática profissional, e então, os motivos para a escolha de uma formação acabam sendo singulares nas histórias de cada um. A esse respeito, Santos (1997) chama a atenção que a escolha da profissão, para além de uma escolha de futuro, também é, a delimitação de um projeto pessoal de vida futura, que considera toda a problemática do processo produtivo e também contempla todo o conjunto de variáveis internas ao indivíduo. A narrativa da colaboradora 4 é elucidativa para a reflexão sobre os reflexos da infância na escolha profissional:

(...) esses dias eu estava pensando, eu sempre quis ser professora. Eu lembro que lá quando eu tinha uns 10 anos...o que tu quer ser quando crescer? Professora! E aí depois passou, tive filhos, e a única coisa que eu não queria ser na vida, era ser professora. E aí eu fui para a parte de Estética, e ser professora não estava nos meus planos. Mas a questão de ensinar o outro, de passar o teu conhecimento, eu sempre fui assim. Então gostava de ensinar o meu colega que tinha dificuldade, eu me encantava muito com os professores. Eu tive professores de referência, e isso sempre foi muito meu (COLABORADORA 4).

Nesse contexto, Rossi (2001, p.32) contribui acrescentando que “a escolha profissional é considerada um processo que se inicia na infância e se estende por um período longo da vida”, o que reforça o argumento de que, como sujeitos na busca por evolução, os movimentos individuais e sociais nos levam a definir uma profissão ao longo da vida, após certo amadurecimento, envolto por um processo composto de uma série de decisões tomadas (FILOMENO, 2012). Ao relacionar com os cursos de formação da área da saúde, reflete-se que um dos motivos de escolha para a formação profissional, pode estar atrelado à uma ação educativa presente na área da saúde, cujos objetivos são práticas baseadas na humanização dos processos, trabalhando no resgate da autonomia dos demais, na perspectiva de um processo de liberdade individual e coletiva. Nesse viés, a educação em saúde está diretamente relacionada ao cuidado, remetendo ao duplo papel de profissionais que são ao mesmo tempo educadores (ACIOLI, 2008). Nas narrativas das colaboradoras 2 e 4, encontra-se esta identificação:

Quando tu tens o discernimento daquilo que tu queres fazer na tua vida, está feito. Quando a gente é pequena a gente diz: “um dia eu vou ser professora, um dia eu vou ser isso, um dia eu vou ser aquilo”... então, no momento em que tu começa a ter esse discernimento de que o caminho tu queres seguir é esse, pronto! Eu sempre fui para o lado da Enfermagem, o lado do cuidado (COLABORADORA 2).

Então... minha formação inicial foi em Estética na ULBRA de Santa Maria, e visto que eu sentia a necessidade de mais e mais... e eu gosto muito, sou curiosa! Gosto muito de estudar e tudo! E além de estudar, eu gosto muito de passar o meu

conhecimento adiante. E fui fazer a Biomedicina, minha segunda graduação. E aí na Biomedicina me encontrei (COLABORADORA 4)!

Corroborando com o exposto, Zimmermann (2007) reflete, que ter uma consciência positiva de si, dispor-se a múltiplas atividades, respeitar o tempo das escolhas, atentar-se para suas próprias capacidades introspectivas, imaginar-se em ação profissional, saber definir suas experiências, buscar a informação em função de sua identidade pessoal e profissional, ajustar suas aspirações, são alguns exemplos das exigências inerentes à escolha da profissão. Mas também, em outra perspectiva de escolha, há a narrativa do professor-colaborador 3, que refere a escolha profissional a partir de uma prática empírica, pois a regularização do Técnico em Radiologia veio após já ter iniciado a carreira, tendo prestado uma prova exigida pelo Conselho para então ter o reconhecimento da sua prática profissional.

(...) eu comecei em Cachoeira do Sul, no Hospital Beneficente de Cachoeira do Sul. Eu iniciei como porteiro do hospital, em um mês mais ou menos, eu fui para a internação, e da internação uns dois ou três meses, eu fui convidado para ser atendente de Radiologia no setor. Eu acredito que o médico responsável me convidou pelo meu tamanho (risadas) ... pois atendente carregava paciente! Só que dali para frente, eu me apaixonei pela Radiologia, e decidi que era aquilo que queria. E já estava dentro do hospital, e então só segui... deixei a Radiologia me levar! (COLABORADOR 3).

Assim, entende-se que entre os aspectos pessoais que podem interferir na decisão, destacam-se interesses e aptidões, a forma de ver o mundo, de ver a si mesmo, bem como os valores, as crenças e as informações que as pessoas têm sobre as profissões (ALMEIDA e PINHO, 2008; SANTOS, 2005). Mas também, pode-se refletir sobre a vocação para determinada profissão, que está associada a um ato de escolha, tendência ou inclinação, talento, simpatia e predileção. Nas falas do colaborador 1, encontra-se tal realidade a partir de um interesse pessoal:

“ (...) eu sempre quis a área da saúde como formação inicial. Eu sabia que eu não iria gostar das engenharias, porque é cálculo. Então eu acabei caindo na Radiologia, que no início ali é só cálculo, cálculo de dose, cálculo de exposição...mas para mim foi tranquilo. Eu já tinha uma outra vivência no ensino superior. Então até que não foi tão difícil. Mas a área da saúde foi algo que eu sempre quis, eu pensei em Odonto, pensei em Medicina, pensei...que nem eu te falei, eu comecei a tentar cursar Enfermagem, mas, acabei ficando pela Fisioterapia. Mais essa área mais desportiva, da reabilitação...” (COLABORADOR 1).

Mas também há a influência do contexto socioeconômico, que pode interferir na escolha profissional, em que se refletem anseios para um reconhecimento financeiro (ALMEIDA, GUIANTE, SOARES e SAAVEDRA, 2006; ALMEIDA e PINHO, 2008; MAFFEI, 2008; MAGALHÃES, ALVARENGA e TEIXEIRA, 2012; PEREIRA e GARCIA, 2009). A narrativa do colaborador 3, mais uma vez, é exemplificada neste ponto, que por anseios de atuar em outros campos de prática, bem como ampliar conhecimentos, discorre frente à necessária

característica curiosa do profissional da área de Radiologia, sendo importante para a qualificação profissional e na busca por melhores oportunidades de atuação:

(...) o Tecnólogo em Radiologia, ele é uma profissão que te habilita mais para seguir na docência. Apesar de não te dar tanta noção pedagógica, ser um curso mais prático, o Tecnólogo é um profissional para sair trabalhando. E a grande diferença do Tecnólogo para o Técnico é, que o Técnico sai com uma habilitação radiodiagnóstica ruim, e o tecnólogo sai com a habilitação plena... que é radiodiagnóstico, radioterapia, medicina nuclear, radiologia industrial. Então são vários outros nichos que se tem nessa área (COLABORADOR 3).

Considerando tais motivos de ordem pessoal ou profissional, eis que compreender os motivos para atuar na EPT como docentes, bem como, as perspectivas futuras de manter as práticas atuais, nos causou curiosidade para dialogar com os colaboradores frente suas trajetórias formativas que os levaram a serem representativos do seu grupo de docentes, profissionais da saúde de nível Bacharel ou Tecnólogo na EPT da rede de ensino privada. Nesse limiar, entende-se que a graduação tanto a nível de Bacharelado ou Tecnóloga na área da saúde, formam profissionais especialistas para o campo de atuação ao qual se destinam, tornando aptos os profissionais para atuar em diferentes frentes dentro do contexto da saúde, porém pouco contribuindo para a prática pedagógica, uma vez que, nos currículos não há formação para atuar na docência. Ao se olhar para as Diretrizes Curriculares dos cursos de Graduação da Saúde, dentre os objetivos segundo o Parecer CNE/CES 1.300, vislumbra-se que:

(...) aprender a aprender que engloba aprender a ser, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a conhecer, garantindo a capacitação de profissionais com autonomia e discernimento para assegurar a integralidade da atenção e a qualidade e humanização do atendimento prestado aos indivíduos, famílias e comunidades (BRASIL, 2001, p.04).

Por esse motivo, esta pesquisa reafirma a necessidade de rever os espaços de formação de profissionais Bacharéis e Tecnólogos, tornando tais profissionais mais qualificados para a prática docente, ou minimamente instigados em desbravar tal campo de prática. Para essa reflexão baseou-se nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), que têm orientado a necessidade de formação de profissionais de saúde humanistas, generalistas, críticos e reflexivos. Assim, precisa-se repensar o modelo atual de formação fragmentado e tecnicista, em prol de formar profissionais de saúde mais humanistas, com condições de trabalhar em equipe, de forma integrada e com foco na integralidade da atenção à saúde.

Assim, aos profissionais Bacharéis e Tecnólogos da área da saúde, suas formações iniciais priorizam práticas em prol de um desenvolvimento de técnicas e, para além disso, uma formação crítica, reflexiva e com a habilidade de trabalhar em equipe. Tais habilidades construídas na formação, fomentam um crescimento e aperfeiçoamento das pessoas,

compreendido como um “crescer como pessoas”, sob a influência direta ou indireta dos indivíduos no processo de construção de si mesmos (ZABALZA, 2004).

Nesse aspecto, na busca em compreender o exercício de construção profissional dos docentes público-alvo deste estudo, os colaboradores apontaram algumas buscas por aperfeiçoamento de suas práticas profissionais relacionado à pós-graduação, englobando as especializações, cursos de qualificação e mestrado. A trajetória do colaborador 1 revela uma busca, a partir do reconhecimento de falhas no processo de formação inicial como Fisioterapeuta:

Essas minhas formações vieram de uma necessidade mais pessoal mesmo...que conforme veio vindo à prática, eu fui buscando me aprofundar mais naquilo que eu tinha mais dificuldade. Por exemplo, eu me formei na faculdade e a parte de exames por imagem era muito superficial... (COLABORADOR 1).

Já, a colaboradora 4, revela um perfil mais desafiador que está atrelado a uma área profissional que está em constante atualização, pois a cada novo dia, um novo procedimento, uma nova fórmula surgem para os profissionais da área da Estética:

(...) vamos voltar a minha trajetória: primeiro Esteticista, depois Biomédica, hoje Biomédica Esteta, Patologista Clínica, e também Ortomolecular...muita coisa a melhorar ainda! A gente sempre corre para a perfeição, mas a gente nunca vai atingir a perfeição, isso com certeza não! Mas eu me dou muito, eu estudo muito. Então, todo dia tem atualização, todo dia a gente está recebendo artigos novos, e eu procuro sempre trazer tudo isso de artigos, até mesmo de vivências de outras pessoas, até mesmo da vivência de alunos de sala de aula, para a parte clínica. Então hoje, como Biomédica Esteta, Biomédica Patologista Clínica e Biomédica Ortomolecular, é sempre procurar a perfeição, eu nunca vou encontrar com certeza, mas eu sempre procuro mais e mais e mais (COLABORADORA 4).

Nesse aspecto, como se observa, os profissionais da saúde revelam em sua trajetória formativa, uma formação técnica com relações às suas áreas de formação inicial, não se apropriando de uma formação pedagógica inicial para o exercício da docência. A colaboradora 2 também destaca a realização de Pós-graduação para qualificação técnica sendo em urgência, emergência e trauma. O colaborador 3 também refere a busca por qualificação, em prol de aperfeiçoamento das práticas inerentes ao seu dia a dia de prática no contexto da Radiologia: “A qualificação de Tecnólogo eu busquei em Canoas. Depois que já atuava como técnico. Na verdade, muitos colegas, muitos eram Técnicos em Radiologia e tinham uma necessidade de graduação, uma formação superior. (...) logo que surgiu o curso em Canoas, eu procurei fazer, porque era o que eu queria, já tinha tentado outras graduações, e não era, fugia muito do meu dia a dia” (COLABORADOR 3).

O que se compreende é que há preocupação desses profissionais (Bacharéis e Tecnólogos), para o domínio de conteúdos deixando de lado os aspectos pedagógicos do seu trabalho, ou, apenas quando o exercício da profissão docente acontece, há a busca por

qualificação para a prática pedagógica (ÁLVARES, 2006). Nesse sentido, Campos (2014, s. p.) reverbera que:

Essa situação acaba gerando um perfil “acadêmico” de professor universitário baseado na especificidade do conhecimento que alicerça sua profissão. Entendemos que ser professor universitário supõe o domínio de seu campo específico de conhecimento, mas, em contrapartida, eles precisam apropriarem-se de conhecimentos que os ajudem a ensiná-los (CAMPOS, s. p., 2014).

Entretanto, a Pós-Graduação *Stricto Sensu*, que caracteriza as formações dos colaboradores do estudo, que privilegia estudos científicos, incentiva aos profissionais um perfil de pesquisadores, perpetuando, embora muitas vezes não intencionalmente, o imaginário de que para ser bom professor basta conhecer profundamente a teoria acerca do que vai ensinar, incluindo também os bons relacionamentos com a comunidade científica e seu notório reconhecimento como pesquisador. Porém, quando se está na prática frente aluno, as formações complementares não docentes qualificam as exemplificações de casos clínicos, resoluções de cálculos, dentre outras questões fora do fazer pedagógico.

Ainda, como afirma Masetto (1998, p. 11), quando critica esse senso comum promovido pela pesquisa, de um saber empírico para a docência, que “quem soubesse, saberia automaticamente ensinar”, sem que haja uma preparação pedagógica para assumir um papel que possui grande parcela de natureza pedagógica. Tal questão reflete negativamente quando a condução das aulas se perdem, e o aluno passa a abandonar a formação.

Aos profissionais que vislumbram o campo da docência como uma identificação inicial, a esses há a busca por aperfeiçoamento nos aspectos da educação, abrangendo o processo de ensino e aprendizagem, metodologias e didática, avaliação, entre outros. E assim foi o processo formativo da colaboradora 4: “Querendo me especializar na área de Estética, na qual eu já atuava desde 2009, fui para a Biomedicina buscar a área da pesquisa de que eu gosto bastante, e dentro da parte de pesquisa, me encontrei na docência. E aí eu fui fazer a qualificação, fazer a especialização, fiz Pós em docência, e foi onde eu me encontrei também. Eu sempre falo...a parte clínica, e hoje eu atuo na parte clínica, é linda mesmo, eu sou apaixonada! Mas a parte teórica, a parte de sala de aula, elas se encontram” (COLABORADORA 4).

Tal trajetória também se assemelha à história da colaboradora 2 que discorre, “ durante a graduação, começou a despertar a minha vontade não na assistência e sim na docência. A partir da minha formação, eu comecei a enxergar com outros olhos a parte da docência, que é onde eu realmente me identifico”. E o colaborador 3 também reforça a necessidade de aperfeiçoamento para qualificação do fazer profissional:

Nessa trajetória toda, eu tenho Pós em gestão pública, tenho Pós em ressonância magnética, tenho uma Pós em Radioterapia, e hoje eu estou fazendo duas Pós, uma

em Educação Profissional, e uma de Educação no Ensino Superior. E agora estou indo para o lado do mestrado, estou com o projeto pronto, acredito que vai seguir essa linha! Venho me capacitando em várias instituições. Na verdade, essas duas que eu estou fazendo, estou terminando, elas foram para continuar na docência. Antes eu fiz o PEG, e agora estou fazendo essas duas para continuar (COLABORADOR 3).

Porém, a formação continuada tem sido colocada como forma de resolver lacunas na formação inicial, vendendo a promessa de promover avanços profissionais. De acordo com Gatti (2008), a formação continuada, nos últimos anos, desenvolveu-se muito nos mais variados setores profissionais e nos setores universitários, especialmente em países desenvolvidos, atrelados à necessidade de formação continuada como um requisito para o trabalho, a ideia da atualização constante, em função das mudanças nos conhecimentos e nas tecnologias e das mudanças no mundo do trabalho. Ou seja, a educação continuada foi colocada como aprofundamento e avanço nas formações dos profissionais, tornando-se necessária na atualidade.

Outra questão importante que se observa remete às experiências e às habilidades técnicas na área da saúde, que são consideradas de extrema importância para o processo de ensino, revelando ser uma estratégia pedagógica potente para dar segurança ao docente no transmitir o conhecimento, trazendo maior significado e realidade à sala de aula. Mas na prática, o que se observa é que o saber técnico não mais é suficiente para poder ensinar, e sim, é preciso ter a *expertise* para o domínio da área pedagógica. Para exemplificar, o colaborador 3 discorre que “ (...) a organização pedagógica é muito importante! Chega uma hora que você termina a vivência, e tem que conseguir manter aquele aluno, tem que saber avaliar aquele aluno, tem que ter percepção da diferença dos alunos para poder equalizar uma turma. Então pedagogicamente falando, é indispensável”!

As qualificações para a docência acabam ocorrendo por meio de pós-graduação, leitura, eventos de formação organizados pela IES onde trabalham tanto na área específica de formação como na área da educação. Mas também há a pesquisa e a produção científica, troca com pares, alunos, grupos de estudo, entre outros, que podem ser definidos como formação por meio de educação formal, informal e não formal. A narrativa da colaboradora 2 exemplifica tal questão:

Nós enquanto docentes, que temos a prática da assistência, estudar a docência é muito importante. Tu precisas te doar muito, porque como você não tem a prática do dia a dia, tu tens que buscar mais saberes para passar aos alunos. Mas o que me aproxima, é o acompanhamento dos alunos de estágio que hoje eu faço. Porque às vezes, eu passo a noite inteira em campo de estágio com alunos, reforçando técnicas, e todas as coisas. E então eu fico cada vez mais perto da assistência não diretamente, mas que eu consiga trazer as vivências para a sala de aula (COLABORADORA 2).

Nesse limiar, na busca pela *expertise* da prática pedagógica, realizar pesquisa também pode estar vinculada ao desejo de iniciar a carreira docente, e que fará toda a diferença para a formação de professores que trabalham pelo viés da aprendizagem prática-reflexiva. Diniz e Schall (2003, p. 2) relatam que:

“a oportunidade de iniciar cedo a vivência do processo de construção da ciência e poder experimentar este caminho na companhia de um mestre experiente e com sensibilidade para estimular o jovem é um dos fatores relevantes para desencadear um interesse verdadeiro pelo fazer científico e o engajamento na carreira.”

Nesse contexto, também há a escolha pela pesquisa e identificação pelas áreas básicas, que ampliam as possibilidades de novas oportunidades na docência. Em relação a isso, Bazzo (2008, p. 03) assevera que a “pesquisa é a porta de entrada para a carreira universitária”. Assim, o processo de formação de um pesquisador geralmente tem início precoce, durante a graduação, garantindo um diferencial e o amadurecimento acadêmico muito significativo. A colaboradora 4 traz a pesquisa como uma das ferramentas motivadoras para na busca de uma “perfeição” profissional, levando a investir na docência também: (...) “essa área da pesquisa é muito minha, eu gosto muito disso, eu dou muito, me dou 200% para poder chegar aos 70%, então a gente sempre está em busca de mais”.

Ser feliz no trabalho é o esperado. E realizar algo que dê satisfação, executar com perfeição, apesar de adversidades que eventualmente possam ocorrer, como lembra Kline, “satisfação, estabilidade e realização no trabalho dependem da congruência entre a personalidade do indivíduo e o meio composto predominantemente de outras pessoas com que ele trabalha” (1977, p.229). Assim a iniciação na pesquisa tem como objetivo abrir caminhos e permitir os passos em direção à pesquisa na pós-graduação. Bernardi (2003) reverbera que:

Acrescente-se ainda que esta experiência abre uma janela imensa para novas perspectivas e contatos profissionais para o graduando que podem culminar em sua colocação precoce no mercado de trabalho. Porém, é muito mais frequente que o estudante de graduação ligado à iniciação científica desperte para a pesquisa e prossiga no caminho universitário, desenvolvendo seus mestrado e doutorado, tornando-se muitas vezes, orientador de novos alunos e formando toda uma geração de cientistas, como se tem em diversas áreas do conhecimento no Brasil (BERNARDI, 2003, p.101).

Bolzan (2008) descreve que os cursos de pós-graduação voltam seus conteúdos para o aprendizado de conhecimentos específicos, assim como observado nas entrevistas, havendo pouca discussão sobre os aspectos pedagógicos. Apesar disso, reitera-se que a oportunidade dessa formação possibilita uma troca de saberes interdisciplinares e qualificação profissional, importante também para a composição da trajetória formativa dos docentes e seu desenvolvimento crítico e reflexivo.

Nesse viés, Almeida (2012) destaca que a formação é constituída no processo de crescimento profissional, pessoal e cultural, distanciando-se de uma construção somente técnica e aproximando-se de um desenvolvimento crítico e reflexivo, de maneira que sejam utilizados os seus conhecimentos, experiências e representações sociais. A partir do exposto, busca-se o entendimento de que a atuação dos profissionais da saúde não está somente na assistência, mas também, na pesquisa, na gerência e na educação. De acordo com Costa (2017),

um dos lados desse quadrilátero, está a educação, que envolve atividades com o paciente, família e sociedade, equipe assistencial, além da própria formação de novos profissionais, seja nos níveis técnico, de graduação ou de pós-graduação (COSTA, 2017, p. 2).

Assim, a partir do desejo de estar atuando na docência, o profissional da área da saúde precisa buscar ter formação específica para sentir-se preparado para os desafios da sala de aula, pois para exercer a função de professor, o simples domínio de conteúdos não mais é suficiente, e sim, há a necessidade de atrelar a utilização e mobilização dos saberes técnicos e em como fazer com que esse conteúdo possa ser ensinado e aprendido. Mas a tarefa não é nada fácil, pois envolve dedicação, análise de contexto, empatia com as realidades dos estudantes, habilidades de comunicação, dentre outras características. Nesse sentido, encontra-se nas falas do colaborador 1 que, “Que nem eu falei antes, uma turma tem uma personalidade, outra turma tem outra personalidade, vai de acordo com a necessidade até do dia, do momento. Às vezes, a turma toda participa, às vezes a turma inteira está no celular, às vezes já teve um...deixa ver se eu me engano foi na greve dos caminhoneiros, alguma coisa assim que teve, no ano retrasado, que eu só tive dois alunos. No dia, na semana, eu não me lembro...passou um dia foram dois, depois foi só um”.

Mas a preocupação com a formação para a docência aos profissionais de saúde não é de hoje discutida nos estudos. Nas leituras até aqui, destaca-se que um importante avanço a partir da Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI (1998), na qual a Unesco defende como missão das Instituições de Ensino Superior (IES), a formação de pessoas altamente qualificadas e cidadãos responsáveis, assim como sustenta a valorização da aprendizagem permanente. E aqui no Brasil, alguns movimentos buscam fomentar a formação permanente de professores.

Portanto, a temática da formação pedagógica do profissional de saúde que atua como docente pode ser considerada atual, ampla e complexa, confirmando a relevância da realização deste estudo. Assim, entende-se que a formação de nível superior permite ao indivíduo atuar em determinada profissão na qual ele se especializou, mas não necessariamente o capacita para ensinar essa profissão. Mesmo havendo em alguns cursos e instituições de ensino superior a

preocupação de que o aluno aprenda aspectos da educação, a graduação não tem como objetivo capacitar o indivíduo a atuar como professor, e sim o capacitar para atuar na área específica em que este se gradua, como Enfermagem, Fisioterapia, Estética, Massoterapia, Radiologia, dentre outros. A colaboradora 4 reforça tal trajetória em seu relato: “ Onde atuo é um mercado que está sempre trazendo inovação. Então é muito difícil você falar, eu falar 100%, porque não vai ser 100%, a gente está sempre buscando mais. Mas com toda a certeza, eu sempre busco mais para que o meu paciente hoje tenha o melhor, que se sinta confiante, acreditando no tratamento” (COLABORADORA 4).

Mas atrelado a tudo que se discutiu até aqui, ao buscar a realização profissional, o profissional da área da saúde busca seu aperfeiçoamento e qualidade de vida, incluindo o meio social no qual vive, como assinala Kline: “Satisfação, estabilidade e realização profissional, dependem da congruência entre a personalidade do indivíduo e o meio em que ele trabalha” (1977, p.269). Nas narrativas do colaborador 3, estão presentes alguns apontamentos sobre o exposto:

Mas com relação à realização profissional, me sinto extremamente realizado com o que eu faço, e com tudo que eu fiz. Na vida profissional, eu tenho plena consciência que sempre dei o meu melhor. Me sinto reconhecido! Porque hoje eu trabalho com vários médicos dentro do HUSM... lá é uma escola! Alunos que foram residentes, inclusive o meu chefe imediato da radiologia foi residente na época, depois foi meu sócio numa clínica. Outro médico que eu trabalho, ele é referência na Radiologia, ele foi acadêmico na época que eu o conheci. Nós tínhamos grupos de estudos, e assim me sinto muito à vontade, e não me sinto mal de mostrar, falar minha opinião dentro do setor. E sou ouvido! Foi uma história construída! Não são 30 dias, são 30 anos.

Com o olhar para a satisfação, Steiner acrescenta: "Os anseios do homem estão determinados pela medida da satisfação que se pode alcançar. Uma vez superadas todas as dificuldades, a esperança desta satisfação é a causa da atividade humana. O trabalho de cada indivíduo em particular tem sua origem em tal esperança" (1988, p.128). Assim, passa-se a compreender que o mundo é repleto de verdades próprias, mas somente as verdades interiorizadas do indivíduo é que o torna pleno de si em suas realizações no trabalho, levando-o à felicidade e à satisfação profissional. É através da profissão que o indivíduo se autorrealiza, aplica suas capacidades, potencialidades e expressa sua personalidade, como afirma Giacaglia: “Quando ele realiza uma atividade compatível com suas habilidades e demais características num ambiente favorável, o trabalho exercido se constitui um fator de ajustamento e de satisfação pessoal” (1997, p.111).

A formação inicial, segundo FLORES (2003) apud BORGES (2011, p.53), “constitui o primeiro passo de um longo e permanente processo formativo, ao longo de toda a carreira, que prepara apenas para a entrada na profissão”. Nesse aspecto, concorda-se uma vez que, ao longo

da vida profissional, o docente, como em qualquer outra profissão, vai se profissionalizando conforme vai se especializando para isso, associando sua especialização às experiências e vivências nos contextos escolares com os quais se identifica. Para IMBERNÓN (2009):

A formação inicial deve fornecer as bases para poder construir um conhecimento pedagógico especializado. [...] deve dotar de uma bagagem sólida nos âmbitos científico, cultural, contextual, psicopedagógico e pessoal que deve capacitar o futuro professor ou professora e assumir a tarefa educativa em toda sua complexidade, atuando reflexivamente com a flexibilidade e o rigor necessários, isso é, apoiando suas ações em uma fundamentação válida para evitar cair no paradoxo de ensinar a não ensinar. Dessa forma, a formação inicial deve preparar quem se identifica com a profissão para as condições mínimas ao ingresso e desenvolvimento consciente, que lhe torne capaz de refletir e flexibilizar, quando necessário, as adaptações às exigências da profissão.

## 5.2 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DOCENTE: UM INÍCIO QUE LEVOU À PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EPT

Para iniciar as discussões sobre o percurso de formação e experiências profissionais docentes na EPT dos colaboradores deste estudo, considera-se relevante resgatar brevemente alguns marcos na história da EPT. Nesse contexto, ao analisar a docência na educação de nível técnico, se buscará mostrar aspectos específicos dessa modalidade de ensino, em que elementos variados demarcam diferenças significativas em relação, por exemplo, ao perfil do profissional de quem atua como docente de cursos técnicos (PENA, 2016).

Assim, considera-se contemporâneo que na EPT, a qualificação dos processos da educação vem exigindo do corpo docente, formação para além da graduação, o que não existiu quando se pensou na implantação da EPT pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB, Lei n.º 9.394/96, atualizada na Lei n.º 11.741/2008. Assim, nesse contexto histórico, houve inicialmente a necessidade de flexibilizar as exigências de formação pedagógica dos professores para dar conta do atendimento aos alunos que buscavam uma qualificação profissional, atendendo rapidamente às exigências do mundo do trabalho.

Avançando no tempo, se dará destaque ao Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego- PRONATEC (Lei nº 12.513, de 26 de outubro de 2011), no qual o Governo Federal passou a permitir que quem desejasse investir na carreira, mas sem condições de arcar com os custos de um curso em centros de ensino, poderiam fazê-lo custeados por bolsas de estudo. Até meados de 2015, a expansão da EPT na rede privada abriu muitas seleções para atuação docente, de onde a colaboradora 2 teve sua oportunidade: (...) “a Instituição A tinha o

contrato com o PRONATEC, e então tinham muitas turmas, e eles abriram seleção para a docência” (COLABORADORA 2).

Mas em 2016, com uma nova gestão federal, houve mudanças e impactos que afetaram o número de vagas previstas para o ano, reduzindo bruscamente o número de matrículas na rede privada. A partir de então, a estratégia do governo, passou a ser de controlar e regular a frequência dos alunos bolsistas, em parceria com a instituição, promovendo um controle que determinou o repasse dos valores de financiamento do governo para as instituições cadastradas, passando a ser exigido pelo menos 85% de alunos concluintes do curso. Nesse contexto, várias instituições da rede privada tiveram de reajustar seus processos e investir em melhores condições de infraestrutura e da equipe técnica (principalmente docentes), para fidelizar os alunos e manter o apoio do governo.

Mais recentemente, com a implantação da Rede Nacional de Certificação Profissional e Formação Inicial e Continuada – Rede CERTIFIC (reorganizada pela Portaria Interministerial nº 05, de 25 de abril de 2014), busca-se uma “política pública efetiva de reconhecimento e certificação de saberes profissionais, aliada à elevação de escolaridade, para contemplar a grande parcela de brasileiros que não possuem sequer a educação básica obrigatória completa e aqueles que ainda não são alfabetizados ou são analfabetos funcionais, estando ora desempregados, ora colocados no mundo do trabalho informal em condições precárias” (MEC, 2014, s. n.). E então, como meta do governo, passou-se a exigir a qualificação pedagógica a todos os professores atuantes nas instituições credenciadas na rede EPT, tendo como meta o ano de 2020, aos profissionais em exercício docente sem formação inicial em licenciatura a finalizar a certificação pedagógica.

Perante a histórica precarização de formação pedagógica aos professores da EPT, com alerta para a rede de ensino privada, historicamente, as contratações remetem a indicações entre colegas, professores e gestores desses espaços, continuando a propagar a não necessidade de conhecimentos pedagógicos iniciais, é preciso compreender o tempo que se precisará considerar para que todas as instituições da rede privada possam estar pedagogicamente constituídas. Já em relação ao ensino, Imbernón (2011) ressalta que, a instituição educativa teve uma evolução no decorrer do século XX, entretanto não rompeu com as diretrizes de sua origem, continuando centralista, transmissora, selecionadora e individualista. E nesse limiar, o colaborador 1 e 2 exemplificam suas histórias que remetem ao padrão observado na história da EPT:

“(...) quando eu me formei, eu fiz a defesa de relatório e tudo mais, e no mesmo dia que eu concluí, o coordenador me convidou para ser professor. E no mesmo dia, na banca, ele falou da minha formação, que eu era Fisioterapeuta, e etc... e ele me

convidou para saber se eu não queria ser professor, docente do curso onde eu estava me formando naquele dia. E eu falei que aceitava...mas eu nunca tinha tido a prática de fato” (COLABORADOR 1).

“Eu acredito que enquanto discente, aluna da instituição, eu tive muitas portas. A gente acaba tendo uma relação mais estreita com as pessoas, tanto é que depois que eu me formei a coordenadora do curso na época que me mandou um convite. Olha vai sair seleção, quem sabe tu mandas teu currículo. (...) “ eu fiquei em terceiro lugar na frente de pessoas que já tinham mestrado, pessoas que já tinham bagagem maior do que a minha, porque até então eu não tinha atuado na docência” (COLABORADORA 2).

Assim, há historicamente a primeira diferença de exigência de formação nos processos de seleção/contratação entre ensino público e privado, pois na Rede Federal de EPT geralmente exige-se, nos concursos públicos, a formação em curso de graduação na área específica do conhecimento em que o professor vai atuar, valorizando a formação em nível de pós-graduação *stricto sensu*. Em outra realidade, nas escolas privadas, para a contratação de professores, é priorizada a experiência profissional, com destaque para as vivências práticas, relacionado ao exercício profissional. Nesse contexto, todos os colaboradores adentraram nas escolas como docentes a partir de convites e ou indicações de pessoas conhecidas. O recorte na narrativa do colaborador 3 reforça esse percurso: “(...) E foi um dos motivos por que eu entrei pela primeira vez na docência, por convite de uma instituição, pois fui indicado”. Somente a colaboradora 2 passou por processo seletivo, e mesmo sem formação pedagógica, teve sua vaga conquistada.

Tais diferenças de ingresso na prática docente na EPT se fazem notar também no que se refere ao regime e às condições de trabalho dos professores (PENA, 2016). Quanto ao regime de trabalho, foi recorrente nas narrativas, que ser professor ainda demanda uma dedicação extrassala de aula, que envolve planejamento, busca por inovações, na tentativa para se manter atualizados nas técnicas e atualidades da profissão. Na narrativa da colaboradora 4, é possível vislumbrar esse perfil de docente mediador:

Então, como tu vai lidar em sala de aula, quais são os recursos que tu vais trazer para o aprendizado melhor daquele aluno. Porque chegar e passar slide, tudo isso é muito formal, que é o que temos hoje, é o nosso modelo. Nosso modelo educacional hoje, ainda é muito formal, então ainda falta algo. Todo mundo tem que sentar um atrás do outro. Mas de onde vem isso? Por que tem que ser assim? Então, trazer inovações para o teu aluno, é diferente porque tu consegue prender mais a atenção, não apenas pelo assunto ser bom”.

Para Imbernón (2011), as instituições precisam deixar de ser espaços de exclusivismo para se aprender o básico ou uma reprodução de saberes, há a necessidade de complexar os processos, a vida, as relações, os contextos, o trabalho, dentre outras questões inerentes às sociedades. Mas tais abordagens inovadoras, também vão surgindo aos poucos nas trajetórias dos colaboradores, na medida em que a identificação com a prática docente foi acontecendo. Nesse sentido, Brancher e Alves (2021) discorrem que a noção atual de politécnica ao ensino

na EPT, valoriza inicialmente o trabalho, e isso gera mudanças nas formações tradicionais, e aos professores há uma necessidade de transformar suas práticas desenvolvendo a emancipação do estudante na EPT.

Porém, Moura (2008) refere que na esfera privada, historicamente, se tem um perfil de professor diferenciado, o instrutor, se há numerosas experiências profissionais em área específica, mas sem formação docente. E então, a lógica do processo de ensino-aprendizagem passa pela execução de uma técnica, que ao trazer bons resultados, infere-se saber ensinar, sem que ocorra alguma problematização acerca do sentido dos conhecimentos trabalhados em sala de aula. O início da carreira docente do colaborador 1 traz essa relação com a falta de conhecimentos pedagógicos: “Na primeira aula, eu não tinha experiência. Coloquei uma aula uma sequência de aula de duzentos e poucos slides, e aí no nervosismo no primeiro dia de aula, eu passei acho que uns 70 ou 80 slides, em uma aula. Eu não tinha prática, e aí estava com medo”.

Nessa lógica, há uma formação baseada na transmissão do conhecimento técnico específico em detrimento do bem fazer uma tarefa, sem uma preocupação com a formação de um sujeito que possa, além do domínio da técnica, compreender as relações de poder existentes na sociedade como um todo e no mundo do trabalho e, por meio desse conhecimento, saber se posicionar diante dessa realidade. Nesse sentido, o colaborador 1 apresenta uma conduta recorrente aos profissionais da área da saúde sem formação pedagógica inicial:

“Mas tudo é aprendido...como eu disse! Nas primeiras aulas eu buscava, por exemplo, falar da patologia e não buscava tanto puxar para a radiologia. E aí aos poucos eu fui vendo qual era a demanda necessária, se era para trazer a doença mais voltada para radiologia. Então, por exemplo, não tinha o porquê de aprofundar tanto”!

E nas falas da colaboradora 2, há a referência de que a prática docente permite desenvolver a segurança para transmitir as teorias, atrelado ao conhecimento adquirido do público-alvo da escola: “Eu entro hoje dentro de uma sala de aula, eu tenho segurança, se o Datashow não funcionar, a minha aula flui do mesmo jeito, eu não preciso daquele suporte, por exemplo de esquecer que eu vou falar alguma coisa que é muito importante para aquela aula. Não! Hoje as coisas fluem, o Datashow está ali para o aluno se guiar, mas eu não preciso. Então hoje, eu tenho muito mais segurança naquilo que eu faço”.

Mas o que se observa nas narrativas de todos os colaboradores do estudo é o fato das vivências iniciais em sala de aula revelarem a necessidade de formação continuada, com foco em saberes pedagógicos em prol de melhorias nas conduções das aulas, pois o perfil do estudante na EPT, é singular: “ Por exemplo, na escola técnica, que eram alunos de nível técnico, eu tinha que ter uma certa abordagem porque a maioria trabalhava de dia para se

sustentar e tudo mais...” (COLABORADOR 1). E a colaboradora 2 também mostra esse olhar diferenciado para as singularidades do público da EPT:

Essa última turma que a partir de março ou abril irá para o campo de estágio, eu tinha um aluno de 60 anos, no meio de alunos de 18, 30 e 40 anos. E fluiu tão bem, eu acredito que foi a maneira como o professor conduziu esse processo. De introduzir, de motivar, e nunca tivemos problemas”.

Nessa perspectiva, MACHADO (2011) aborda a questão afirmando que “ainda se recrutam professores para a EPT fiando-se apenas em formação específica e na experiência prática, crendo que a constituição da docência se dará pelo autodidatismo”. O professor de EPT deverá estar preparado também para as especificidades do público que é atendido pelos Institutos. Alguns dos estudantes são trabalhadores, com dificuldades de conciliar os estudos com o trabalho. Cansaço, inflexibilidade de horários no trabalho e anos de afastamento da escola são apenas alguns dos fatores que acabam refletindo no aprendizado desse público.

E a colaboradora 4 também reforça tal questão, relatando que para atender o público da EPT, as inovações precisam estar em sala de aula, e não somente recursos pedagógicos, mas saberes científicos, que promovam a curiosidade dos estudantes e melhorar a compreensão dos casos clínicos: “Eu sempre penso assim...unir o útil, que é a teoria, que é o científico, que é a pesquisa junto com a parte clínica, é a melhor combinação que tem”!

Então as turmas são muito específicas, e aí tu vai melhorando, tu vai se adaptando. E hoje eu sei que a gente precisa se adaptar e se moldar para as turmas também, e isso é muito bom, é muito gostoso. Daí você volta para a pesquisa. Vamos esse fulano, o beltrano, vamos ver turma X, turma Y, e essa experiência é muito boa. Hoje, com toda a certeza eu melhorei 100%, mas tenho muito mais a melhorar, com certeza tremi muito, fiquei com medo, com receio, tive pavor, tive tudo lá na primeira turma.

O colaborador 3 destaca um processo de conscientização dos desafios da sala de aula, que para além do aprendizado da técnica, há a necessidade de o docente estar preparado para contextualizar os conteúdos, e isso depende de certa *expertise* pedagógica: “Mas é muito bonito também, um profissional que chega e transmite toda a sua experiência, mas eu também tenho a consciência dessa dificuldade”!

Para Imbernón (2011), buscar o aperfeiçoamento da prática para além dos aspectos científicos, pedagógicos e didáticos, permite uma transformação única para rever espaços de participação, reflexão e formação para que as pessoas aprendam e se adaptem para poder conviver com a mudança e a incerteza. Essa mesma percepção frente ao processo de ensino-aprendizagem na EPT é destacada nas narrativas do colaborador 3, pois além de ser professor, ao assumir a posição de coordenador de curso, há um diálogo constante com os demais colegas professores em prol do aperfeiçoamento pedagógico:

Então isso até hoje eu não concordo, e tento equalizar, tento pegar o corpo docente e incentivar que entenda da parte pedagógica, que procure uma Pós, mestrado, ou alguma coisa para se habilitar. Porque eu percebo que a vivência é 60-70% de uma sala de aula. Mas a organização pedagógica é muito importante! Chega uma hora que você termina a vivência, e tem que conseguir manter aquele aluno, tem que saber avaliar aquele aluno, tem que ter percepção da diferença dos alunos para poder equalizar uma turma. Então pedagogicamente falando, é indispensável!

Mas tal flexibilização formativa aos docentes na EPT, ou seja, iniciar a carreira docente sem formação pedagógica, é justificada na observância à legislação sob o fato de não existirem profissionais das áreas técnicas licenciados em número suficiente para preencherem as vagas ofertadas nos concursos e seleções quando então houve a expansão da EPT à nível Nacional, e que hoje, ainda permeiam esse perfil de escolha. Para Pena (2016), a precarização de professores sem formação docente constitui-se em um fator importante para a busca de maior compreensão da docência nessa modalidade de ensino. Já Machado (2008) discorre que a docência na EPT tem como especificidade primeira a tecnologia, que se configura como uma ciência transdisciplinar das atividades humanas de produção, do uso dos objetos técnicos e dos fatos tecnológicos. A autora enfatiza que:

Os professores da educação profissional enfrentam novos desafios relacionados às mudanças organizacionais que afetam as relações profissionais, aos efeitos das inovações tecnológicas sobre as atividades de trabalho e culturas profissionais, ao novo papel que os sistemas simbólicos desempenham na estruturação do mundo do trabalho, ao aumento das exigências de qualidade na produção e nos serviços, à exigência de maior atenção à justiça social, às questões éticas e de sustentabilidade ambiental. São novas demandas à construção e reestruturação dos saberes e conhecimentos fundamentais à análise, reflexão e intervenções críticas e criativas na atividade de trabalho (MACHADO, 2008, p. 15).

Nesse limiar, Carvalho e Souza (2014, p.884) trazem alguns questionamentos que corroboram com o que se busca refletir com este estudo: “há especificidades na formação do docente da EPT? Como e onde os professores da EPT adquirem os saberes da docência? Quais são os saberes mobilizados pelos docentes em sua prática profissional? Que modelo (s) de formação responderia (m) adequadamente a essas questões”?

Assim, percebe-se que a partir do desenvolvimento de capacidade pedagógica dos docentes, é possível acompanhar algumas mudanças iniciais que refletem na qualidade do serviço prestado pela escola onde esse professor atua. E a colaboradora 4 revela ter tido boas experiências a partir de práticas ativas, tornando o estudante mais participativo, em uma aula mais interativa para que o aprendizado fosse garantido:

Estavam todos em roda, não um atrás do outro. Porque daí me tirava um pouquinho da zona de conforto, mas também me tirava do centro das atenções. Tu está lá na frente parada tu fica no centro das atenções, e aí tu fica mais nervosa. Aí no primeiro dia tu fica meio se achando que tu tem muito tempo. E na verdade tu tem a experiência, anos de experiência na parte de Estética. Então isso foi muito bom! Nunca vou esquecer da primeira aula que foi Bioquímica Metabólica. E aí, Bioquímica para uma turma que está iniciando curso de Estética, nossa...queriam me matar! Então eu trouxe

vários casos clínicos para eles. Porque se eu iniciasse com a parte de Bioquímica, que é um monstrinho para eles inicialmente, eles iam me espancar naquele dia! e foi dessa forma que eu conduzi e fui indo melhorando (COLABORADORA 4).

Tais questionamentos como da colaboradora 4 perpassam o ideal de sujeitos prático-reflexivos na atualidade, visando à formação de sujeitos capacitados para o mundo do trabalho, mas também, com o comprometimento de manter esforços na busca por qualificação de seus fazeres como profissionais. A partir do fomento à formação pedagógica específica aos professores com formação inicial em nível de Bacharelado ou Tecnólogo, geraram mudanças nas salas de aula, desenvolvendo profissionais comprometidos com a sociedade (COSTA, 2013). Afirmar o trabalho como princípio educativo, para Ciavatta (2008), significa reconhecer a relação íntima entre o trabalho e a educação, na qual se considera tanto o caráter formativo do trabalho quanto a educação como ação humanizadora, possibilitando o desenvolvimento das potencialidades do ser humano de forma integral.

A partir de então, as instituições da EPT vêm ampliando esforços nas qualificações dos docentes, bem como, viabilizando tais formações em prol de melhorias no reconhecimento de seus cursos via incentivos e parcerias com grandes investidores do setor da educação. Todos os colaboradores, exceto o colaborador 1, têm formação pedagógica fomentada pelas instituições onde atuam, e a colaboradora 4 revela o quanto aprender sobre o trabalho pedagógico foi importante: “Foi muito boa a experiência, porque quando você entra numa sala de aula, tu tens um mundo. Tu tens todos aqueles alunos...e na nossa área, tanto técnica como tecnológica, é bem diversificado os alunos”. Assim, iniciar a formação continuada em docência, revela a importância do fazer pedagógico em prol de melhor conhecer o contexto da EPT.

Seguindo nessa lógica, refletiu-se sobre a falta de formação pedagógica aos professores Bacharéis e Tecnólogos como formação inicial, e que tal aperfeiçoamento pedagógico vem acontecendo ao longo da prática profissional como professor. A falta de conhecimentos da prática docente é ressaltada quando esses profissionais passam a atuar como docentes na EPT. O que se observa é a manutenção de alguns discursos sobre a formação necessária aos professores que atuam nesta modalidade de educação, que vem sendo dada como algo discutível, sendo que, para ensinar não basta saber fazer, é preciso ter o conhecimento das práticas de ensino-aprendizagem (PASQUALLI, VIEIRA & VIEIRA, 2015). Em suas vivências como docente, o colaborador 1 refere ainda não ter buscado a qualificação docente, mas a prática em sala de aula, revela a necessidade de aperfeiçoamento:

Mas para a docência especificamente não! A minha orientadora, já pediu para fazer mestrado, tipo “você tem que fazer doutorado, fazer pós-doutorado, tem que seguir”, mas ainda não sei se é bem isso que eu quero. É que nem como eu falei... tive, no

sentido de... a experiência de dar aula, isso para mim foi muito bom, porque que nem eu digo, a gente aprende mais ensinando, do que lendo, do que praticando (COLABORADOR 1).

Nas trajetórias docentes de todos os colaboradores, é recorrente o discurso que a formação continuada em docência amplia as possibilidades de mediação dos conhecimentos, que na vivência da colaboradora 4, hoje faz toda a diferença para que os estudantes possam aprender de maneira mais assertiva:

Então, como tu vai lidar em sala de aula, quais são os recursos que tu vai trazer para o aprendizado melhor daquele aluno. Porque chegar e passar slide, tudo isso é muito formal, que é o que temos hoje, é o nosso modelo. Nosso modelo educacional hoje, ainda é muito formal, então ainda falta algo. Todo mundo tem que sentar um atrás do outro. Mas de onde vem isso? Por que tem que ser assim? Então, trazer inovações para o teu aluno, é diferente porque tu consegue prender mais a atenção, não apenas pelo assunto ser bom (COLABORADORA 4).

Oliveira (2006), discorre que o professor do ensino técnico, então passa a ser amplamente questionado, por não ser considerado um profissional da educação, mas sim, um profissional de uma área específica que também leciona. A autora aponta também como obstáculo ao reconhecimento da docência como profissão que:

[...] as áreas técnicas não contam com um corpo de estudos razoavelmente denso que, tendo por objetivos a pesquisa da prática pedagógica dos seus professores e da prática profissional, no mercado de trabalho, auxilie o entendimento epistemológico do ensino nessas áreas e a pedagogização do saber a elas correspondente. (2010, p. 470).

Para Pimenta (1999), o processo de formação docente ocorre a partir de três perspectivas: o desenvolvimento pessoal (produzir a vida do professor); o desenvolvimento profissional (produzir a profissão docente) e o desenvolvimento organizacional (referente a produzir a escola e/ou instituição). A partir desses aspectos, a formação docente está atrelada às experiências do contexto institucional, ou seja, correspondendo a um processo de autoformação, pois: “professores reelaboram os saberes iniciais em confronto com suas experiências práticas, cotidianamente vivenciadas nos contextos escolares” (PIMENTA, 1999, p. 29).

Já Pimenta e Anastasiou (2002) ressaltam que nesse processo de formação de professores, o que torna importante junto aos saberes da área de conhecimento (equivalente às questões da formação inicial); dos saberes pedagógicos (correspondendo às questões de o saber ensinar que é algo complexo); e dos saberes da experiência do professor, a qual relaciona o modo de ser professor. Além disso, ressalta-se que todos esses saberes do processo de formação do professor se inter-relacionam visando à atividade de reflexão e de recriação para as situações de ensinar.

Com isso, talvez os processos iniciais da docência se tornam tão complexos nos primeiros passos da carreira, em que ainda muito pouco conhecimento se tem, apenas na certeza de trabalhos sendo executados pelas referências de outros professores. E esse foi o caminho de todos os colaboradores do estudo, uma vez que, as práticas docentes são embasadas em professores de referências em suas histórias.

Eu tenho dois professores que são expoentes para mim. Na verdade, são três, que são professores natos! E que tem uma larga experiência na área, e gostam muito da docência, e trabalham! Tem pós em docência, o outro colega está terminando um mestrado em docência também, ele fez Física. O outro fez Enfermagem, também tem pós em docência. E um outro que eu admiro bastante, ele está comigo no grupo de pesquisa, provavelmente ele vai entrar no mestrado junto comigo. Nós já temos projetos pré-aprovados, já trabalhando bastante neles. Então, esses três eu considero como professores (COLABORADOR 3).

Eu tive uma inspiração, uma professora. Ela amava tanto o que fazia, o nome dela é Marta Duarte, eu acho que você deve conhecer ela! A Marta Duarte sempre deu aula com tanto amor, com tanta certeza daquilo que ela estava fazendo, que eu me identifiquei muito. A partir daí eu fui tendo este olhar, este embasamento, esta admiração por esta professora, que me fez então querer caminhar para a docência (COLABORADORA 2).

As minhas professoras de graduação, as minhas referências...não davam só a ementa. Elas davam a cereja do bolo, fez tu querer mais. Por isso eu fui para outra graduação, e até hoje eu sou assim. Procuo mais, pesquiso mais, curso disso, curso daquilo (COLABORADORA 4).

Então como eu já tive 3 orientadores diferentes, na graduação, na pós-graduação, na outra graduação agora, então eu não me espelho em nenhum, mas ao mesmo tempo eu misturo os 3. Tanto para o bem como para o mal. É aquela história, que às vezes a gente aprende muito em como ser aquela pessoa, e às vezes em como não ser aquela pessoa (COLABORADOR 1).

E a partir desse modelo, o aprender a ser passa a não valorar o saber científico de ser docente, apenas uma replicação de algo que foi considerado positivo. Gabardo e Harold (2021), reforçam tal questão, discorrendo sobre os primeiros anos – a fase inicial da carreira docente – nessa etapa, as variadas mudanças, responsáveis pela passagem do “ser aluno” para o “ser professor”, são promotores de dúvidas e tensões, em que há a experiência de novos papéis e também desafios, sejam pessoais, institucionais ou de relacionamento e sobre a docência.

E então, essas primeiras etapas possam a ser consideradas as mais difíceis dentro da carreira docente, pois tais experiências geralmente influenciam se o professor continua ou não na profissão, como menciona Tardif (2002, p. 11), “(...) é um período realmente importante na história profissional do professor, determinando inclusive seu futuro e sua relação com o trabalho”. Além disso, a prática docente precisa ser analisada não apenas em seu início de carreira, visto que é a partir dela que se dá a constituição de uma identidade profissional e, quando há uma reflexão de como se tornaram professores, ocorre um processo de reflexão sobre o início da carreira.

Nesse processo de se encontrar na docência, a identidade docente passa a ser construída, a partir da trajetória pessoal e profissional. Segundo Tonús (2017), ainda na área da saúde, a identidade docente é desenvolvida ao longo da trajetória profissional, advinda de uma prática constante, e ao professor é exigido um domínio inicial dos conteúdos específicos, sem valorar os aspectos pedagógicos para o iniciar a carreira como professor. Admitindo-se a necessidade de formação voltada aos professores que atuam na EPT, questiona-se então se essa formação deverá ser um processo permanente e Schnetzler (1996) destaca três razões que frequentemente têm sido apontadas para justificar a necessidade de formação continuada aos professores:

1. A necessidade de contínuo aprimoramento profissional e de reflexões críticas sobre a própria prática pedagógica, pois a efetiva melhoria do processo ensino-aprendizagem só acontece pela ação do professor;
2. A necessidade de se superar o distanciamento entre contribuições da pesquisa educacional e a sua utilização para a melhoria da sala de aula, implicando que o professor seja também pesquisador de sua própria prática; e
3. Em geral, os professores têm uma visão simplista da atividade docente, ao conceberem que para ensinar basta conhecer o conteúdo e utilizar algumas técnicas pedagógicas.

Desse modo, “os professores sentem-se desafiados a reorganizar suas práticas pedagógicas para atender efetivamente às novas demandas de aprendizagem nos cursos de formação profissional” (VALEZI, 2009 p. 200), pois, além de na formação inicial não terem contato com a formação pedagógica, não houve um momento didático voltado para essa modalidade de ensino (SANTOS e MARCHESAN, 2017).

Ainda dentro da subjetividade existente na docência, as relações advindas pelas vivências positivas ou não, são reforçadas pelo momento em que de fato se confirma uma identificação profissional com a carreira, ou ao contrário, uma aversão, o que envolve muitas reflexões, adaptações e autorreflexões que são características que levam os profissionais a buscar formações relacionadas, como pós-graduação *stricto e lato sensu* (MALINOSKI, 2019). Para essa falta de identificação, é representativa a narrativa do colaborador 1, pois também se reflete que sua atuação profissional está restrita à atuação como fisioterapeuta: “É que nem como eu falei... tive, no sentido de... a experiência de dar aula, isso para mim foi muito bom, porque que nem eu digo, a gente aprende mais ensinando, do que lendo, do que praticando”.

Aos demais colaboradores, todos referem estar se encontrando na EPT, buscando qualificação, colaborando com os espaços institucionais de maneira mais ativa, e disso se apreende ao fato de atuarem na mesma área que estão formando seus estudantes.

É uma coisa que eu coloco sempre... que estou formando colegas! Porque atuo na área. Eles vão sair dali e vão trabalhar comigo, e eu sou chato no serviço, sou chato com os colegas. Se eu acho que está errado eu falo, se eu estou errado eu quero que me falem. Então eu sou chato no serviço, e não quero ficar com aquela coisa depois...que formei

e agora estou aqui reclamando. E eu me sinto responsável pelos colegas que vão atuar junto comigo (COLABORADOR 3).

Eu sempre passo para os meus alunos exatamente isso, que tu veja o teu paciente como um todo, como que é! Então é todo um geral, não é simplesmente ir lá e fazer, seja uma massagem, mas como está aquele paciente? Então sempre nesse contexto, não só na clínica que eu penso, mas também dentro de sala de aula, é o que eu acabo passando (COLABORADORA 4).

Mas para Lima (2011), para a identificação docente, o importante é viver tais situações reais e problemáticas, pois a partir dessa aproximação e reflexão é que os profissionais se identificam e sentem-se influenciados a iniciar a carreira docente. E assim, foi a trajetória de todos os colaboradores do estudo, que consideram gratificante atuar na EPT, no caso do colaborador 1, embora ainda seja o único que encontra-se mais afastado da carreira docente, não descarta novas oportunidades: “ Mas eu gosto muito da escola técnica! Diante das experiências que eu tive, para mim foram todas boas. Claro, teve alguns atritos, algumas coisas assim, que nem eu falei, de aluno que não quer levar a sério. Mas nada que me tirasse a vontade de estar em sala de aula”!

Mas também está presente na docência, os aspectos motivacionais, que levam o profissional a seguir investindo em qualificação, bem como tornar-se mais empático com as singularidades que o contexto da EPT impõe. E então, os alunos surgem como um dos principais expoentes nesse cenário, sendo gratificante aos professores contribuir para o desenvolvimento deles e acompanhar o seu processo de formação. Desse modo, Jesus (2002, apud RABELO, 2010, p. 172) diz que “são sobretudo factores intrínsecos à actividade docente que mais influenciam a escolha desta profissão, nomeadamente o gostar de ensinar e de contribuir para o desenvolvimento do aluno”. Já Joaquim, Boas e Carrieri (2013, p. 515) afirmam que “a motivação pode ser considerada como um requisito, uma condição prévia da aprendizagem. Sem motivação não há aprendizagem”. Ou, também, “a motivação não é apenas algo natural, intrínseco ao indivíduo, mas depende também de factores externos”.

“(…) o que me motivou e me motiva é melhorar a qualidade dos colegas. Porque eu via muito aluno saindo fraco! Eu tenho a noção e a consciência da responsabilidade que nós temos junto do paciente, e infelizmente os cursos estavam passando que a profissão era uma profissão tranquila, fácil, ganhava muito dinheiro e trabalhava pouco. Aí entrou muita gente pensando isso! E tinha carência no mercado, e aí você via que não estava certo aquilo ali” (COLABORADOR 3)!

“Eu não tenho palavras para explicar o quanto isso me motiva e o quanto isso me deixa feliz. É o reconhecimento dos seus alunos, o reconhecimento das instituições que querem contratar os seus alunos, isso me motiva muito (COLABORADORA 2)”.

“Então, se eu sou docente, eu sou docente de coração! Eu nunca vou deixar o meu aluno que está com alguma dúvida de procedimento sem a resposta. Porque todos os professores que eu questiono, quando eu tenho alguma dúvida, nós somos estudantes

também, ou uma troca de ideias, sempre me respondem porque são docentes de coração” (COLABORADORA 4).

É importante considerar alguns aspectos importantes na constituição do professor técnico, dos quais todos os colaboradores do estudo revelam buscar as melhorias de suas práticas, porém ainda na busca por entender as singularidades da EPT, que ainda estão muito atreladas à representação de técnicas. A fala do colaborador 3 é representativa para essa questão: “Hoje vejo que melhorei muito, muito...e principalmente esse ano com a minha inserção no grupo de pesquisa, a orientação da Leila que é a professora. Eu percebo o método dela de ensino. Ela faz o método reverso, ela não ensina, ela pede para você falar alguma coisa ou explicar o que tu sabes, e ela parte daquele princípio ali, ela corrige, ela direciona o aluno. Eu gosto muito disso, você aproveita o que sabe! E eu acredito que como professor, eu estou crescendo. Tanto que depois que eu entrei para essa outra escola por último, eu não dava aula. Eu evitava, eu entrei pouquíssimas vezes em sala de aula. Porque eu não queria o vínculo com o aluno”.

Corroborando com o exposto, Machado (2018) discorre que:

É pressuposto básico que o docente da educação profissional seja, essencialmente, um sujeito da reflexão e da pesquisa, aberto ao trabalho coletivo e à ação crítica e cooperativa, comprometido com sua atualização permanente na área de formação específica e pedagógica, que tem plena compreensão do mundo do trabalho e das redes de relações que envolvem. As modalidades, níveis e instâncias educacionais, conhecimento da sua profissão, de suas técnicas, bases tecnológicas e valores do trabalho, bem como dos limites e possibilidades do trabalho docente que realiza e precisa realizar (MACHADO, 2018, p. 17).

Além disso, a preparação para a docência acontece com os pares. Tardif (2010, p. 49-50) destaca que “o docente raramente atua sozinho. Ele se encontra em interação com outras pessoas, a começar pelos alunos”. Ou seja, a preparação docente se dá a partir de uma rede de interações entre outros profissionais e alunos e essa preparação acontece unicamente no fazer junto e no fazer cotidiano. Na perspectiva de Pimenta (1999), os saberes para a prática do ensino são reelaborados e construídos por meio das vivências imersa na realidade de cada contexto, daí se dá a principal formação para o professor. A colaboradora 4 reforça a necessidade de dispor-se ao diálogo com os colegas para que seja mantido o padrão de trabalho: “E é o que os nossos professores hoje, eu sempre peço que todos tenham essa mesma fluência, nesse contexto de enxergar um organismo como um todo”.

Mas Freire (2005) afirma que o educador não nasce pronto, mas, de outro modo, vai se construindo gradativamente, num processo formativo constante. Nesse sentido, é que o profissional considera que está preparado para o exercício da docência, num constante

aprendizado com as variadas formas de aprender (com as turmas, a cada nova disciplina). Nessa dinâmica e, considerando que o profissional “gosta muito do que faz e se encontra realizado”, é que sente mais certeza e segurança em sua prática docente. Nesse limiar, novamente todos os colaboradores reconhecem seus avanços na docência: “Enfim... coisas que tu pode agregar! Nós somos estudantes toda uma vida, e a gente sabe que se sentar um atrás do outro, que é normal, que a nossa sociedade, nossa cultura coloca, isso te cansa. Você fica 4 ou 5 horas sentado ali, sem nada de inovação. Ainda mais quando o assunto não chama tanto a atenção do aluno, ou o aluno tem uma maior dificuldade. Então trazer esses recursos tecnológicos, se faz essencial sim” (COLANORADORA 4)!

Nessa direção, Fontana e Fávero (2013, p. 05) corroboram com essa aceção dizendo que:

A prática reflexiva requer um constante policiamento das atitudes do professor, tanto dentro da sala de aula como fora dela, sendo necessário que o professor esteja sempre se questionando, fazendo-se perguntas como: De que modo estou trabalhando? Para quem trabalho? Qual a finalidade do ensino da minha disciplina? Por que trabalho desta forma? Alcanço os resultados almejados no meu trabalho? Que conhecimentos e capacidades os alunos desenvolvem por meio do que ensino e da forma como ensino? De que forma posso tornar mais eficaz minha prática? (FONTANA; FÁVERO; 2013, p. 05)

Assim, os professores estarão sempre em busca do aperfeiçoamento da sua prática docente. Além disso, Cunha (2013) destaca que o professor constrói seu conhecimento no seu próprio cotidiano. Nessa construção, o professor desenvolve o seu conhecimento a partir da sua própria prática docente e atuação no contexto de sala de aula. Por isso, relacionam os fatores que foram importantes na sua formação e que serão relevantes para a construção do conhecimento dos seus alunos, o que está intrinsecamente relacionado aos saberes experienciais que são construídos na própria prática docente e partir dessa reflexão.

Considera-se importante conciliar os ensinamentos teóricos e práticos inerentes às reais necessidades dos alunos, pois a partir dessa aproximação o aluno apresenta mais interesse em aprender e melhora o seu desempenho durante seu processo de ensino-aprendizagem. Nesse aspecto, o colaborador 1 revela que o fato de ter realizado o mesmo curso que atua como docente, seria um aspecto positivo para a prática pedagógica: “Então eu sabia das deficiências, eu sabia os pontos fracos, na minha formação o que eu poderia corrigir para a formação deles”. (...) “Então quando eu me tornei professor do técnico, eu pude revisar tudo isso. Porque eu tinha que ler, eu tinha que filtrar o que eu poderia abordar a nível técnico, que não pode ser tão aprofundado como nível superior”. Com isso, relacionando-se com as questões de alternância de metodologia, propostas pelo docente para realizar sua prática docente, Carlin (2011, p. 69) afirma que:

Para ensinar o professor deve adequar as suas metodologias para atender as demandas e necessidades dos alunos, tanto em sala de aula como em campo de estágio, instigá-los a buscar novos conhecimentos e ensiná-los a relacioná-los com a prática no contexto da realidade (CARLIN, 2011, p. 69).

A formação acadêmica por si só não dá a dimensão dessa realidade ao docente, pois a formação recebida na graduação não prepara o futuro professor para conviver com essa realidade, e como consequência, o professor acaba adotando práticas pedagógicas, sejam tecnicistas ou tradicionais, que desestimulam o estudante a prosseguir na escola. Evasões, desmotivação e reprovação dos alunos são apenas alguns dos reflexos dessa situação. Assemelhando-se à rede privada, a dinâmica com a qual os Institutos trabalham requer um olhar específico para um público bastante heterogêneo segundo aponta MOURA (2008):

As instituições públicas de EPT, principalmente, as da Rede Federal, hoje em dia atuam ao mesmo tempo na Formação Inicial e Continuada de Trabalhadores, a qual pode receber como estudantes desde neoleitores até profissionais graduados ou pós-graduados; nos Cursos Técnicos que podem ser oferecidos nas formas integrada, concomitante e subsequente, para adolescentes e para o público da EJA; nos Cursos Superiores de Tecnologia: e, ainda, na pós-graduação. Essa diversificação implica em exigências complexas de gestão institucional e de formação do professorado que, muitas vezes, atuam em duas ou mais dentre essas ofertas educacionais.

Assim, os docentes da EPT, em sua maioria, carregam esta dupla lacuna, a de uma formação muito especializada e, portanto, específica demais, agregada ao fato de que a EPT exige um esforço relativamente grande de compreensão de todos os mecanismos e contextos que estão implicados em formar para a cidadania ativa. De acordo com Rodrigues (2020), o trabalho docente já carrega consigo uma prática política e social que busca manter a autonomia dos sujeitos e, nesse sentido, é preciso que as instituições se mantenham preocupadas em prestar a formação continuada aos docentes de suas escolas. Tais inícios de uma gestão mais colaborativa reflete no sentimento de pertencimento ao *locus* de trabalho que, para a prática docente, infere na dedicação ao preparo das aulas e melhorias para a mediação dos conhecimentos. Segundo a colaboradora 4: “Eu sempre falo que todas as instituições são maravilhosas, tem pontos positivos e pontos a melhorar, não gosto de falar pontos negativos. E hoje, dentro da instituição, eu me sinto totalmente pertencente, pois eu quero o melhor para aquele aluno, e se eu não tiver esse sentimento, eu não vou dar o meu melhor para o aluno. E assim, é uma consequência”.

O movimento teórico de levar o futuro docente a fazer a experiência socrática do “só sei que nada sei”, é um importante caminho para que o professor possa colocar-se na condição de aprendiz, com a disposição de aprender a aprender (ASSMANN, 1998) para poder ensinar. Além disso, implica não somente “[...] qualificar para o mercado, mas para a vida” (AGUIAR;

PACHECO, 2017, p.14). Freire (2011) refere como um ato essencialmente político. A prática educativa é sistematizada pela interação desses fatores, não tendo somente a escola como espaço adequado para seu desenvolvimento, mas também o ambiente de trabalho, ainda que não ocorra com a mesma estrutura.

Portanto, nenhuma graduação e/ou Pós-Graduação forma definitivamente alguém. A ideia de que o conhecimento é sempre desconhecer e querer conhecer (SANTOS, 2008) garante minimamente ao docente uma atitude de autodeterminação e revisão permanente do saber e das condições que permitem o conhecimento, seus limites, possibilidades e implicações (RODRIGUES, 2020 apud SANTOS, 2008). O docente que se propõe a trabalhar com EPT precisa ter clareza da sua formação incipiente (no sentido freireano do inacabamento), ter interesse e desejo de superar a (de)formação científica, pedagógica e tecnológica que recebeu e buscar meios para superar a fragmentação da realidade e dos saberes. Raras são as licenciaturas que formam para atuar em EPT, esse é um ofício que exige do sujeito uma disposição a aprender e praticar cotidianamente seus princípios/fundamentos.

## 6. RECOMEÇO

*(Re)começo*

*Agora nós caminhamos*

*Para aqui finalizar,*

*Sinalizando, todavia,*

*A intenção que deixará*

*De novos jogos e peças*

*Continuarmos a criar.*

*Agora recomeçar,*

*Retomar e remontar.*

*Perceber a relação,*

*Juntando para falar*

*Do que pode ter ficado*

*Sem aqui se encaixar.*

*É o DESENLACE de um SOLO,*

*De uma REGIÃO, de um CAMINHO.*

*O EXTERNO é internalizado,*

*DEPOIS não tá mais sozinho.*

*Isso na UNIVERSIDADE,*

*Caminhada sem espinho.*

*MUDANÇAS em nós fizeram,*

*E pudemos estudar*

*Desde PADRE a POLÍTICA*

*Pra EDUCAÇÃO aqui focar.*

*Essa é a PRÁTICA de criar.*

*NOVAmente (RE)COMEÇAR...*

Na dificuldade de colocar um ponto final nesta escrita, por ora me darei ao luxo de expor meu processo como pesquisadora, não buscando ser exemplo, mas ser uma motivação para que estejamos sempre em busca de uma evolução pessoal e profissional. Discorro então, frente à intencionalidade com que este estudo foi pensado, planejado e realizado, reforçando o poder que a Ciência traz aos pesquisadores ou meros entusiastas na educação, nos dando certa liberdade para apresentar, destacar, problematizar e inovar frente às possibilidades múltiplas de assuntos, sujeitos e contextos.

Na atualidade em que estamos sendo privados de certas liberdades, o uso da Ciência nos permite ampliar as vozes dos sujeitos e contextos desvalorizados ou pouco prestigiados. Freire nos faz refletir, “ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago (...) pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a realidade” (2011, p.30-31). Ou seja, o objetivo da pesquisa é a produção, reprodução e difusão de conhecimento e, assim, o ensino torna-se o meio mais favorável à comunicação dos achados da pesquisa.

Assim, retomo aqui o meu início advindo de um questionamento promovido em sala de aula atrelado com experiências pessoais. E eis que reflito o quanto ter convivido com professores crítico-reflexivos me fizeram pensar na temática desta pesquisa, expor as narrativas potentes de profissionais singulares neste escrito, para que também os leitores pudessem me conhecer e se identificar com o meu processo formativo, bem como investir em formação para a prática docente na EPT da rede privada.

Reflito o quanto sou beneficiada por estar em uma instituição que fomenta a pesquisa e a formação continuada na área da Educação, mas também destaco que tal realidade não se faz presente em todas as instituições, uma vez que ainda há visões de gestores que buscam por melhorias em infraestrutura e deixam de lado o fomento à capacitação pedagógica. Hoje percebo as falhas dos processos de formação em nível de Bacharelado e Tecnólogo, mas compreendo que as graduações são etapas, nas quais não se é possível aprender tudo, nem tão pouco dar ênfase a uma formação integral, pois se assim fosse, os saberes da educação, deveriam por obrigação, existir em todos os currículos de curso do Ensino Superior.

Nesse processo de imersão ao qual me dediquei por dois anos da minha vida, desenvolvi habilidades e competências importantes para levantar uma problemática, que por ora, é a escassez de pesquisas para com a trajetória formativa de professores Bacharéis e Tecnólogos que atuam em cursos da área da saúde na EPT da rede privada. E assim, partindo de um breve recorte baseada em duas instituições distintas do município onde resido, me dispus a discorrer sobre as realidades dos colaboradores que gentilmente cederam suas histórias e representaram as duas instituições de maior representatividade em Santa Maria e região.

Mas sei, que o fato de ter buscado essa formação por iniciativa pessoal e motivação de pessoas tão especiais que se fizeram e se fazem presente em minha vida, também me permitiu ir buscar esse sonho que hoje realizo, e me torno uma profissional mais qualificada para a sociedade. Pesquisar me permitiu construir e reconstruir conhecimentos que possibilitaram a abertura de trincheiras no ramo da Ciência, pois a EPT ainda precisa ser muito mais valorizada, e para isso, precisamos conhecer os atores que fazem parte desse contexto, tendo como um dos principais expoentes, o professor.

Mas também tive o método científico escolhido como um desafio a mais, pois entender a HO não é um processo de fácil aprendizado, e muito menos se aprende tudo o que dela se pode em uma primeira aproximação. Nesse limiar, precisamos nos desprender do rigor de certos procedimentos já existentes, e aprender a ouvir os sujeitos de maneira livre, sem nos importar tanto com a pesquisa, mas sim com a vida que se coloca à nossa frente em um momento de entrega único. E realmente não é tarefa fácil, pois somos frutos de instituições ainda com práticas de pesquisas tradicionais, mais duras. Assim, no meio de certo caos que acredito que todo pesquisador passa, as investigações, as reflexões, as análises e sínteses enriqueceram e geraram amadurecimento nesse processo de dissertar um tema.

Ressalto que compreender as trajetórias formativas do público-alvo desta pesquisa não se mostrou ser uma tarefa fácil, pois são muitos detalhes, muitas subjetividades envolvidas, que retratam vidas cheias de peculiaridades. A partir desse contato oportunizado com este estudo, é notório que ser docente advém de uma escolha baseada em referências pessoais do convívio com outros professores, pois a formação pedagógica de todos os colaboradores surgiu posteriormente ao início da prática docente, o que se assemelha às minhas experiências pessoais. Mas o desejo de melhores condições financeiras também se somam no ingresso na carreira docente na EPT da rede privada, embora para alguns, acaba sendo uma complementação financeira, pois a rede privada em Santa Maria ainda não tem o privilégio de contar com grandes grupos financeiros para a EPT.

Na medida em que os colaboradores vão experimentando o fazer docente, percebi em suas narrativas, ser um diferencial dos profissionais sem formação pedagógica inicial investir em formação continuada para qualificação das técnicas inerentes ao saber singular de cada um, e tal estratégia acaba sendo de extrema relevância para motivar e exemplificar questões práticas em sala de aula. Assim, o saber inicial não é minimizado, mas também se busca aperfeiçoá-lo, pois se entende que, na lógica da EPT, os exemplos das vivências práticas elucidam com maestria a teoria trabalhada em sala de aula.

O que observei nos relatos foi que, a partir das exigências presentes nas novas políticas para a EPT, com destaque ao REDE CERTIFIC, aos professores atuantes nas duas escolas, foram aos poucos reconhecendo as fragilidades das suas formações, incentivados pelas gestões dos espaços, em prol de uma qualificação do fazer pedagógico para o bom planejamento, condução e mediação dos conteúdos e saberes inerentes da EPT. Assim, não mais baseados em erros e acertos durante as aulas, os professores passam a dispor de tempo para organização do trabalho pedagógico.

Mas ao mesmo tempo em que se compreende a necessária formação pedagógica para a EPT, também se questiona o fato de que na rede privada, ainda se faz presente a indicação de colegas ou gestores, para assumir a função docente nas instituições pertencentes ao estudo, pois todos os colaboradores chegaram aos seus cargos advindos de tais convites. Para essa questão, a reflexão que se chega é que os critérios de seleção precisam ser revistos, levando em consideração que, para desenvolver a prática docente na EPT, são necessários professores qualificados para exercer a função, e novamente há a necessária relevância de currículos com formação específica para a EPT.

Quanto aos dados analisados, os conhecimentos docentes foram definidos como “empíricos” (exercer um fazer sem formação específica), de onde o aprender a ser professor, se dá na prática em sala de aula. Nesse contexto, fica o desejo de aprofundar conhecimentos em como inserir a docência nos currículos dos cursos em nível de Bacharelado ou Tecnólogo, bem como, quais estratégias os professores das universidades podem utilizar para motivar os estudantes em buscar a qualificação para a docência. Acredito que os espaços de formação precisam se preocupar com a formação pedagógica dos profissionais de saúde, pois são exemplos de profissões com atuações restritas às replicações de técnicas em sua maioria.

Mas o foco desta pesquisa não foi responsabilizar apenas um setor da educação, e sim, pensar que é urgente movimentar os espaços de formação em prol de melhorias dos processos pedagógicos, pois se vislumbramos a EPT como um viés de atuação profissional, há uma necessidade urgente de olharmos para as instituições de ensino superior para que tenhamos investimentos em programas de pós-graduação e especializações voltadas para a EPT. Assim, ainda permanece aberta a seguinte questão: Que modelo (s) de formação responderia (m) adequadamente a essas questões?

Outro ponto relevante que vale a pena destacar, refere-se ao fato de que nenhum dos colaboradores se sentiu à vontade para discorrer frente a uma orientação aos pretensos que desejam seguir a carreira docente na EPT, mas fizeram alusão ao fato de ainda estarem buscando qualificação na área. Assim, é das opções realizadas ao longo das trajetórias

profissionais de cada um que se afere que o conhecimento pedagógico partiu de uma exigência dos espaços de atuação na EPT e não de uma busca pessoal, hoje revela que tais conhecimentos poderiam ter facilitado alguns processos no início da prática docente na EPT.

Outra questão não contemplada a contento na pesquisa se refere às diferenças percebidas ou vivenciadas, que remetem às diferenças de ensino da rede pública para a rede privada. Na rede de colaboradores, as narrativas trouxeram relatos de outros docentes, ou relatos de alunos que vivenciaram as duas realidades, ou de visitas técnicas em instituições públicas. E como conclusão, fica a qualidade da infraestrutura e projetos pedagógicos como os principais diferenciais para a escolha da instituição.

Constatei que o amadurecimento adquirido pelo tempo dedicado à docência somados à prática profissional influenciam diariamente no tratar o aluno e na condução das aulas, pois se apreende mais sobre a complexidade da EPT e as singularidades dos estudantes, que optam pela formação concomitante ao labor. E assim, entre as fragilidades destacadas nas narrativas, foi recorrente o fato de aprender a ser docente em turmas mistas, com idades variadas, histórias de vida únicas, são desafios para a prática docente na EPT, incumbindo ao professor mais criatividade, habilidades de comunicação e empatia com as realidades dos estudantes.

Concluí que as experiências profissionais aos docentes, profissionais da área da saúde precisam ser valoradas para a atuação na EPT, mas também há a necessidade de valorar o tempo dedicado à docência e domínio das práticas pedagógicas. Nesse caminho, vislumbram-se ganhos tanto em nível de qualificação técnica, como de trocas entre os pares para potencializar a rede de ensino privada da EPT.

A experiência vivenciada durante a trajetória nesta pesquisa, os encontros com cada um dos colaboradores, mesmo no formato virtual, resgatam minhas próprias experiências, ressignificadas a partir de agora. Alguns percalços pessoais foram ultrapassados, os quais geraram aprendizados únicos, me fizeram parar, refletir e entender que tudo acontece por algum motivo, e um deles sempre é proporcionar mais aprendizado.

O desejo que fica é que as duas escolas partícipes deste estudo reflitam sobre o potencial do fomento em formação pedagógica para a EPT previamente à contratação, e que isso seja mais dialogado pelo corpo docente das escolas, e compreendido pelos gestores. Mas não desejo dar um ponto final com o que me dispus a discorrer com este estudo, pois sei da relevância do tema abordado, bem como que consegui minimamente sensibilizar aos colaboradores, que sem eles, nada disso estaria disponível aqui.

Para finalizar esta escrita, mas não findar este processo de pesquisa, faço esse recorte da fala de Castamen e Rodrigues (2021), para que possamos refletir sobre a necessidade de inovar na EPT:

(...) “a inovação e a criatividade não devem ser vistas como peso, como dom ou mesmo como realidade idealizada que todos precisamos alcançar. A criatividade implica a condição humana, todos podem ser criativos. A própria vida humana exige o tempo todo criatividade e, nesse sentido, marca-se antropologicamente que criatividade é uma necessidade. Remete à potencialidade de ser adaptáveis, flexíveis e de produzir novas ideias e comunicá-las. O que se produz até hoje enquanto humanidade revela de muitos modos a criatividade, a capacidade de resiliência e a de contornar grandes desafios para se estar vivo” (CASTAMAN e RODRIGUES, 2021, p. 405).

E assim, como uma eterna aprendiz, fazendo uso da palavra “Recomeço”, findo esta primeira etapa em que me define como pesquisadora, que inevitavelmente erra, pois não se sabe de tudo, mas que recomeça sempre após um tropeço ou novos questionamentos. A vida nos exige isso, e nos mostra sinais, seja colocando pessoas em nosso caminho, ou simplesmente nos fazendo refletir e por nós mesmos, buscar sermos pessoas e profissionais melhores para a sociedade.

## 7 REFERÊNCIAS

ACIOLI, S. **A prática educativa como expressão do cuidado em Saúde Pública**. Rev. Bras. Enferm., Brasília, v.61, n.1, fev. 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/reben/v61n1/19.pdf>> . Acesso em: 01 jul. 2021.

ALMEIDA, M. E. G. G. de; PINHO, L. V. de. **Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional**. Psicol. clin, p. 173-184, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pc/v20n2/a13v20n2.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2020.

ALMEIDA, M. E. G. G.; MAGALHÃES, A. S. **Escolha profissional na contemporaneidade: projeto individual e projeto familiar**. Revista Brasileira de Orientação Profissional, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2. p. 205- 214, jul./dez. 2011.

ÁLVARES, V. O. de M. **O docente-engenheiro frente aos desafios da formação pedagógica no ensino superior**. 2006. 200p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2006.

ALVES, A. P. da C.; BRANCHER, V. R. **Um olhar sobre a docência do professor não Licenciado na educação profissional e tecnológica: Uma pesquisa bibliográfica**. Contexto & Educação. Editora Unijuí . ISSN 2179-1309, Ano 35, nº 112. Set./Dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/10322>.

ALVES A. P. da C.; BRANCHER, V. R. **Reflexões acerca do processo de constituição da(s) identidade(s) docente(s) de professores que não realizaram formação pedagógica**. Revista Humanidades e Inovação v.8, n.41. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/9127> Acesso em: 22 ago. 2021.

AMORIM, G. F.; RODRIGUES, J. A. História oral de vida de professores como fonte para a história da educação. **In: X Encontro Regional Nordeste de História Oral. Salvador/Bahia, 2015**. Disponível em: [http://www.historiaoral.org.br/resources/anais/11/1438537410\\_ARQUIVO\\_HistoriaOraldeVidadeProfessorescomoFonteparaaHistoriadaEducacao.pdf](http://www.historiaoral.org.br/resources/anais/11/1438537410_ARQUIVO_HistoriaOraldeVidadeProfessorescomoFonteparaaHistoriadaEducacao.pdf). Acesso em: 10 de Maio de 2019.

ASSMANN, Hugo. Reencantar a Educação. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

BATTISTEL, A. L. H. T. **História Oral de professores de Terapia Ocupacional: três vidas, três histórias, quatro cantos do Brasil**. 2016. 309 p. Tese (doutorado)- Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, RS, 2016.

BAZZO, V. L. Profissionalidade docente na educação superior: mestres ou cientistas. **Seminário de pesquisa em educação da região sul**, v. 5, p. 1-17, 2008. Disponível em: <<http://www.ergonomia.ufpr.br/Methodologia/Profissionalidade%20Docente%20na%20Ed%20Sup%20Mestres%20ou%20Cientistas.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2021.

BERNARDES, C. A. de A. **Concepções de formação de professores (manuscrito): perspectiva emancipatória na produção acadêmica do Centro-Oeste**. Dissertação (Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás). Goiânia, 2013. Professora orientadora: Solange Martins Oliveira Magalhães.

BERNARDI, M. M. A importância da iniciação científica e perspectivas de atuação profissional. **São Paulo: Biológico**, v. 65, n. 1/2, p. 101, 2003. Disponível em: <<https://syans.com.br/wp-content/uploads/2014/03/02-Syans-B%C3%A1sico.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2021.

BRANCHER, V. R.; MORAES, N. de C. N.; SQUIZANI, E. G.; CANTERL, L. D. **Perspectivas acerca da formação de professores nos cursos de licenciatura de um Instituto Federal do Rio Grande do Sul**. Vol. 1 (2020). Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/9127>.

BRASIL. MEC. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). Sinopse Estatística da Educação Superior Básica. [Online]. Brasília: Inep, 2020. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>. Acesso em: 20 mar. 2020.

BRASIL. INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). Notas Estatísticas- Censo da Educação Básica. Sinopses Estatísticas. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/sinopses-estatisticas/educacao-basica>

BRASIL. LEI Nº 12.513, DE 26 DE OUTUBRO DE 2011. Institui o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 27 de outubro de 2011. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/lei/l12513.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12513.htm)

BRASIL. MEC. Sistema Nacional de Informações da Educação Profissional e Tecnológica (Sistec). Disponível em: <http://sistec.mec.gov.br/consultapublicaunidadeensino/>

BOLZAN, Doris Pires Vargas; ISAIA, Silvia Maria Aguiar; MACIEL, Adriana Moreira da Rocha. **Formação de professores: a construção da docência e da atividade pedagógica na Educação Superior**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 13, n. 38, p. 49-68, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/viewFile/7817/7550>. Acesso em: 10 de Maio de 2019.

BRASIL. **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)**. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/>

CAETANO, D. L. do N. S. **Trabalho docente de mulheres em Goiânia-GO**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás). Catalão, GO, 2014. Professora orientadora: Carmem Lúcia Costa.

CALEGARI, C. R. **O perfil profissional docente dos egressos da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia/MG**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2017. Professora orientadora: Regina Maria Rovigati Simões.

CAMPOS, V. T. B. A Formação Pedagógica de Professores na Pós-Graduação Stricto Sensu da Ciência da Saúde de Instituições Federais de Ensino Superior. **XII Encontro de Pesquisa**

em **Educação CO**, p. 01-1000, 2014. Disponível em: <<http://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado-educacao/wpcontent/uploads/sites/61/2018/05/Vanessa-T.-Bueno-Campos.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2021.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510/2016, de 07 de abril de 2016. Institui as normas regulamentadoras para de pesquisas realizadas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 2016.

CASTAMAN, A. S.; RODRIGUES, R. A. **Práticas pedagógicas: experiências inovadoras na Educação Profissional e Tecnológica**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 21, n. 68, p. 393-408, jan./mar. 2021

DE SOUZA, Aparecida Neri. **Trajetórias de professores da Educação Profissional**. Pro-Posições, v. 16, n. 3 (48) - set./dez. 2005. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643685>. Acesso em: 16 de Maio de 2019.

DIAS, J. C., DA SILVA, J. A. F. **Caderno de dados [recurso eletrônico]: memória Institucional: Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – Pronatec: iniciativa bolsa-formação: 2011-2017** /. – 1. ed. - Vitória: Instituto Federal do Espírito Santo, 2019. 327 p. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/564712>

DINIZ, M. C. P.; SCHALL, V. O conceito de ciência e cientistas—Análise do discurso e escolha profissional de alunos de um programa de vocação científica no âmbito de uma instituição de pesquisa na área de saúde. **Anais, IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, Bauru, São Paulo, 2003. Disponível em: 95 <<http://abrapecnet.org.br/enpec/iv-enpec/orais/ORAL104.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2021.

FÁVERO, Altair Alberto; TONIETO, Carina; ROMAN, Marisa Fátima. **A formação de professores reflexivos: a docência como objeto de investigação**. Educação | Santa Maria | v. 38 | n. 2 | p. 277-288 | maio/ago. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/5483>. Acesso em: 10 de Maio de 2019.

FERREIRA FILHO, J.L. **Formação do profissional de Radiologia em nível técnico na região metropolitana do Rio de Janeiro: Um estudo exploratório**. 2010, 100f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional em Saúde) - Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 13. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 46 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GABARDO, C. V; HOBOLD, M. de S. Início da docência: investigando professores do ensino fundamental. **Formação Docente—Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 3, n. 5, p. 85-97, 2011. Disponível em: <<https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/48/38>>. Acesso em: 09 jul. 2020.

GAUTHIER, Clermont et al. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente**. 2ª ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

GENTILINI, J. A.; SCARLATTO, E. C. **Inovações no ensino e na formação continuada de professores: retrocessos, avanços e novas tendências**. In: A formação de professores e seus desafios frente às mudanças sociais, políticas e tecnológicas. Parente, Valle e Mattos (orgs.). p.15-39. Disponível em:  
<https://statics-americanas.b2w.io/sherlock/books/firstChapter/121016295.pdf>

INEP. **Thesaurus Brasileiro da Educação (Brased)**. Disponível em:  
[http://pergamum.inep.gov.br/pergamum/biblioteca/pesquisa\\_thesouro.php?resolution2=1024\\_1](http://pergamum.inep.gov.br/pergamum/biblioteca/pesquisa_thesouro.php?resolution2=1024_1)

IMBERNÓN, F. **Formação permanente do professorado: novas tendências**. São Paulo: Cortez, 2009.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional, formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2011.

JESUS, S. N. de. **Motivação e formação de Professores**. Coimbra: Quarteto Editora, 2002.

LIMA, A. A. B. **Educação Profissional para quê? Construindo a formação dos trabalhadores para além do falso consenso**. Trabalho e Educação. Porto Alegre, ano XV, n. 7, p. 14-18, 2011.

LOPES, M. G. **Análise do cargo de Técnico em Assuntos educacionais em uma universidade federal de Minas Gerais**. 2019. 115 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração Pública em Rede Nacional-PROFIAP) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro-UFTM, Uberaba-RS, 2019.

LOPES, S.O.F. **Formação e trabalho em saúde: uma análise a partir da percepção de Técnicos em Radiologia**. 2013, 80f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional em Saúde) - Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2013.

MANFREDI, S. M. **Educação Profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

MACHADO, L. **O desafio da Formação de Professores para EPT e EJA**. Educ. Soc. Campinas, v. 32, n. 116, p. 689-704, jul.-set. 2011. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

MASETTO, M. T. (Org.) **Docência na universidade**. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2008.

MEIHY, J.C. S. B.; **Manual de História Oral**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MEIHY, J.C. S. B.; HOLANDA, F. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MEIHY, J. C. S. B.; RIBEIRO S. L. S. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias.** São Paulo: Contexto, 2011

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva.** 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013.

MORAIS, M. B. **Peças de uma história: formação de professores de matemática na região de Mossoró (RN).** 2012. 301f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro.

MOURA, D. H. **A formação de docentes para a educação profissional e tecnológica.** Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, Brasília, v. 1, n. 1, p. 23-38, jun. 2008.

NASCIMENTO, Wilson Elmer; BAROLLI Elisabeth. **Desenvolvimento profissional docente: a trajetória de uma professora supervisora no PIBID.** Educação em Revista| Belo Horizonte|n.34|e169378|2018. Disponível em: <http://educacaoemrevistaufmg.com.br/?artigo=desenvolvimento-profissional-docente-a-trajetoria-de-uma-professora-supervisora-no-pibid>. Acesso em: 15 de Maio de 2019.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. **As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação.** In Diálogo Educacional. Curitiba, v.6, n. 19, p. 37-50, set./dez., 2006.

OLIVEIRA, F. N. G. de; PIOVESAN, J. B.; OLIVEIRA, W. de M.; SILVA S. L. da. **As incorporações, aquisições e fusões da educação superior no Brasil: à luz de relatos dos gestores educacionais de instituições de ensino superior.** Revista Humanidades e Inovação v.5, n. 8 – 2018. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/932>. Acesso em: 16 de Maio de 2019.

OLIVEIRA, A. C.; CÓSSIO, M. de F. **O atual cenário da educação profissional no brasil.** In: XI Congresso Nacional de Educação, Educere 2013. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba. Disponível em: [http://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/8126\\_4720.pdf](http://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/8126_4720.pdf). Acesso em: 12 de Maio de 2019.

OLIVEIRA, S. C. V. de. **Avaliação do desempenho docente: o curso de Educação Física.** Dissertação (Mestrado em Educação Física, Universidade Federal do Triângulo Mineiro). Uberaba, MG, 2014).

OLIVEIRA, S. R. et al.. **Qualificação dos Técnicos em Radiologia: história e questões atuais.** In: MOROSINI, M.V.G.C. et al.. (Orgs.). Trabalhadores Técnicos da Saúde: aspectos da qualificação profissional no SUS. Rio de Janeiro: EPSJV, 2013.

OLIVEIRA, S. A. Z. de P.; DE ALMEIDA, M. de L. P. **Educação para o mercado x educação para o mundo do trabalho: impasses e contradições.** REP - Revista Espaço Pedagógico, v. 16, n. 2, Passo Fundo, p. 155-167, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/2222/1437>

PASQUALLI, R.; VIEIRA, J. A.; VIEIRA, M. M. M. **Formação de professores para a educação profissional e tecnológica a distância da rede federal de educação brasileira:**

**análise das produções acadêmicas.** Revista brasileira da educação profissional tecnológica. RBEPT, N. 9, Vol. 2.

PENA, G. A. de C. **Prática docente na educação Profissional e tecnológica: os Conhecimentos que subsidiam os Professores decursos técnicos.** Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação Docente. Form. Doc., Belo Horizonte, v. 09, n. 15, p. 79-94, ago./dez. 2016. Disponível em <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores: identidade e saberes da docência.** In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez Editora, 1999. (p. 15 a 34)

PIMENTA, Selma G. **Professor Reflexivo: construindo uma crítica** In: PIMENTA, Selma G. (orgs) Professor reflexivo no Brasil – gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002. p.17-52.

PIMENTA, S.G. **Formação de professores: Identidade e saberes da docência.** In: PIMENTA, S.G. (Org.). Saberes pedagógicos e atividade docente. 8ed. São Paulo: Cortez, 2012. p.15-38.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M.S.L. **Estágio e docência: diferentes concepções.** Revista Poiesis.v.3, n. 3, p.5-24, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/10542>

PIMENTA, Selma Garrido. ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTA MARIA (município). **Documento-base Plano Municipal de Educação.** Fórum Municipal de Educação, 2015. Disponível em: <https://www.santamaria.rs.gov.br/smed/?secao=documentos&tipo=140&lista=1>. Acesso em: 20 de março de 2020.

SANTOS, R. de O. **Análise do perfil dos docentes e das práticas pedagógicas nos Cursos Técnicos em Radiologia.** Dissertação (Mestrado em Educação Profissional em Saúde). Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Rio de Janeiro, RJ, 2016.

SANTOS, G. da S. dos; MARCHESAN, M. T. N. Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no Brasil e seus docentes: trajetos e desafios. **Linguagens- Revista de Letras, Artes e Comunicação**, v. 11, n. 1, p. 357-374, 2017.

SAVIANI, Dermeval. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos.** Revista Brasileira de Educação v. 12 n. 34 jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>. Acesso em: 13 de Maio de 2019.

SEVERINO, A. J. **Desafios da Formação Humana no Mundo Contemporâneo.** Revista de Educação PUC-Campinas, Campinas, n.29, p.153-164, jul./dez., 2010. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/view/50>

SILVA, V. O. da. **Aposentadoria: o trabalho e o sentido de sua continuidade para o professor do ensino superior**. Dissertação (Mestrado em Educação, Escola de Comunicação, Educação e Humanidades da Universidade Metodista de São Paulo). São Bernardo do Campo, SP, 2017.

SOARES, L. B. T. In: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. **Terapia Ocupacional; fundamentação e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

TONÚS, D. **Cultura Profissional e as vivências formativas dos professores da área da saúde**. 2017. 216 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

ZABALZA, M. A. **O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

## 8 ANEXOS

## ANEXO A



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Venho por este solicitar a autorização para a realização da coleta de dados da pesquisa intitulada "História oral de vida de professores da área da saúde de escolas particulares de nível técnico de Santa Maria/RS", sob a minha responsabilidade Suzel Lima da Silva, mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica da UFSM e com a orientação da docente Dr<sup>a</sup>. Amara Lúcia Holanda Tavares Battistel e coorientação do professor Dr. Francisco Nilton Gomes.

O trabalho tem como objetivo investigar como ocorre a formação de professores de escolas técnicas privadas atuantes em cursos técnicos da área da saúde.

Serão incluídos neste estudo os professores de ambos os sexos, que atuam na escola (Sistema de Ensino Gaúcho- SEG) e que se mostrarem dispostos a contribuir com a pesquisa, participando de forma voluntária. Servirá como critério de exclusão os professores em situação de afastamento da instituição.

A pesquisa deverá ter início em junho, após a aprovação do CEP (Comitê de Ética e Pesquisa) da UFSM tendo seu término em junho de 2021.

Santa Maria, 2 de maio de 2020

Assinatura do responsável institucional

Carimbo do responsável institucional

Priscila R. Ritzel  
Diretora

Priscila R. Ritzel  
Diretora

Colégio Gandhi

Parecer Nº 122/2003

Mantenedora:

Associação Educacional Galileu Galilei

Matrícula 998 - Santa Maria

ANEXO B



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**  
**AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**

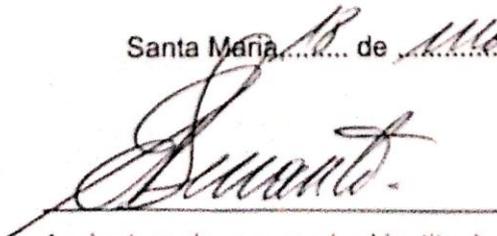
Venho por este solicitar a autorização para a realização da coleta de dados da pesquisa intitulada "História oral de vida de professores da área da saúde de escolas particulares de nível técnico de Santa Maria/RS", sob a minha responsabilidade Suzel Lima da Silva, mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica da UFSM e com a orientação da docente **Dr<sup>a</sup>. Amara Lúcia Holanda Tavares Battistel** e coorientação do professor **Dr. Francisco Nilton Gomes**.

O trabalho tem como objetivo investigar como ocorre a formação de professores de escolas técnicas privadas atuantes em cursos técnicos da área da saúde.

Serão incluídos neste estudo os professores de ambos os sexos, que atuam na escola (Faculdade Integrada de Santa Maria-FISMA) e que se mostrarem dispostos a contribuir com a pesquisa, participando de forma voluntária. Servirá como critério de exclusão os professores em situação de afastamento da instituição.

A pesquisa deverá ter início em junho, após a aprovação do CEP (Comitê de Ética e Pesquisa) da UFSM tendo seu término em junho de 2021.

Santa Maria..... de ..... de 20.....



Assinatura do responsável institucional

Prof. Edgar César Durante  
Diretor Escola Técnica  
FISMA

Prof. Edgar César Durante  
Diretor Escola Técnica

Carimbo do responsável institucional

FISMA

## ANEXO C

**TERMO DE CONFIDENCIALIDADE**

**Título do projeto:** História oral de vida de professores de cursos da área da saúde de escolas particulares de nível técnico de Santa Maria/RS

**Pesquisador responsável:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Amara Lúcia Holanda Tavares Battistel

**Mestranda Pesquisadora:** Suzel Lima da Silva

**Instituição/Departamento:** Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Maria

**Telefone para contato:** (55) 9 8113-1751

**Local de coleta de dados:** Instituição A e Instituição B

Os pesquisadores do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade dos participantes. Os dados referentes ao estudo serão coletados por meio de entrevista com professores da escola que participarão de forma voluntária no período de Junho de 2020 a Agosto de 2021. Afirmando que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para a efetivação da presente pesquisa. As informações coletadas referentes aos participantes somente poderão ser divulgadas para a dissertação, em eventos e periódicos científicos, preservando o anonimato dos participantes e serão mantidas na Universidade Federal de Santa Maria, Av Roraima, nº 1000, prédio 26 D, sala 4012, CEP.: 97105970, Santa Maria/RS, sob responsabilidade da pesquisadora Prof. Dr<sup>a</sup>. Amara Lúcia Holanda Tavares Battistel. Após o período de cinco anos os dados serão destruídos.

Este projeto de pesquisa será revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_, com o número do CAAE?

Santa Maria, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 20\_\_



---

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Amara Lúcia Holanda Tavares Battistel  
Orientador do projeto

## ANEXO D

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Título do estudo:** História oral de vida de professores de cursos da área da saúde de escolas particulares de nível técnico de Santa Maria/RS

**Pesquisador responsável:** Prof.Drª. Amara Lúcia Holanda Tavares Battistel

**Instituição/Departamento:** Departamento de Terapia Ocupacional/UFSM

**Telefone e endereço postal completo:** Av Roraima, nº 1000, prédio 26 D, sala 4012, CEP.: 97105970, Santa Maria/RS.

**Local da coleta de dados:** Faculdade Integrada de Santa Maria (FISMA) e Sistema de Ensino Gaúcho (SEG)

O presente estudo será realizado pela mestranda Suzel Lima da Silva orientada pelo Prof. Dr. Francisco Nilton Gomes de Oliveira e coorientada pela Profª. Drª. Amara Lúcia Holanda Tavares Battistel. Esta pesquisa tem por objetivo investigar como ocorre a formação de professores de escolas técnicas privadas atuantes em cursos técnicos da área da saúde. Para isso, buscará conhecer as histórias de vida de professores de escolas técnicas, discurrir a trajetória de formação de professores que atuam em cursos técnicos na área da saúde em escolas privadas, e por fim verificar o que os professores identificam como realização profissional docente.

Acreditamos que a pesquisa seja importante porque a proposta pode motivar os docentes durante o processo de autorreflexão, a vislumbrarem a necessidade da investidura em cursos de aperfeiçoamento. Para, além disso, se chama a atenção para as equipes gestoras dessa instituição, no sentido de melhor conhecer seus docentes para fomentar a formação continuada com foco em melhorias das práticas docentes.

Para sua realização será feito o seguinte: preenchimento de uma ficha sociodemográfica contendo perguntas pessoais e profissionais e participação em entrevista gravada em áudio. Os encontros acontecerão em data/local/horário devidamente agendados com duração média de 40 minutos.

Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM: Avenida Roraima, n. 1000 - Prédio da Reitoria, 7º andar, sala 763 - CEP 97105-900 - Santa Maria - RS. Telefone: (55) 3220-9362 - E-mail: cep.ufsm@gmail.com.

Sua participação constará de relatar com veracidade todos os questionamentos da entrevista, podendo ser a mesma revista em qualquer momento do encontro. Fica garantido após o período de transcrição dos dados, a revisão de todas as informações para posterior análise pela pesquisadora. Destaca-se que haverá um momento a ser acordado sobre a devolutiva da pesquisa, podendo ser a mesma de forma presencial ou via e-mail, de acordo com a sua preferência e disponibilidade.

Quando aos riscos, considera-se mínimos, sendo estes relativos ao cansaço ou lembranças que provoquem algum tipo de desconforto no momento de responder aos questionamentos. Os benefícios que esperamos como estudo são revelar aos docentes a necessidade da investidura constante em cursos de aperfeiçoamento para qualificar suas práticas pedagógicas. Além disso, se busca promover uma sensibilidade que permita aos gestores da escola fornecerem espaços formativos de qualidade. É importante salientar que, caso você perceba algum tipo de risco à sua saúde mental durante a entrevista por relembrar situações questionadas, suas demandas devem ser relatadas à pesquisadora responsável para direcionamento à atendimento especializado prestado pelo Ambulatório de Terapia Ocupacional do HUSM.

Você tem garantido a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de constrangimento ou represália. No entanto, esclarecemos que sua participação é voluntária e a mesma não lhe acarretará despesas de nenhum tipo, assim como nenhuma recompensa financeira. Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes que você se decida a participar do projeto e/ou seu responsável após a leitura deste termo. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o Conselho de Ética em Pesquisa. Concordando em participar da pesquisa, receberá uma cópia deste documento.

Serão incluídos neste estudo professores atuantes nos cursos técnicos da área da saúde e que se mostrarem dispostos a contribuir com a pesquisa de forma voluntária. Servirá como critério de exclusão os professores em situação de afastamento pela instituição. As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas, apenas, em eventos ou publicações científicas, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM: Avenida Roraima, n. 1000 - Prédio da Reitoria, 7º andar, sala 763 - CEP 97105-900 - Santa Maria - RS. Telefone: (55) 3220-9362 - E-mail: cep.ufsm@gmail.com.

pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Fica, também, garantida indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li, ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo que tem como tema a formação de docentes atuantes em escolas privadas na Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

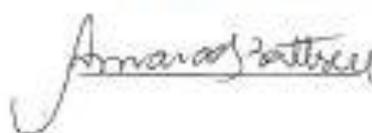
### Autorização

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que estou de acordo em participar deste projeto de pesquisa, livre de qualquer tipo de constrangimento, de forma clara e detalhada, dos propósitos do estudo, procedimentos, riscos, desconfortos e benefícios aos quais serei submetido.

Fica também estabelecido que tenha a liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que haja prejuízo de qualquer ordem.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu \_\_\_\_\_ estou de acordo com a participação nesta pesquisa, assinando este consentimento.

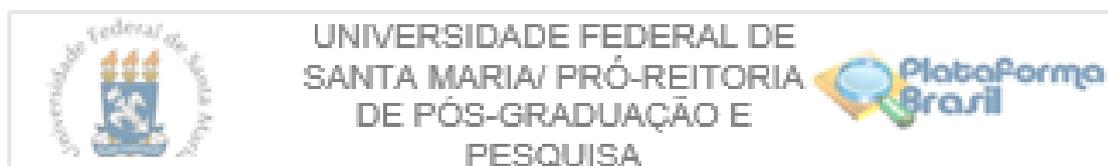
\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante



\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora Responsável

Santa Maria, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 20\_\_\_\_\_.

## ANEXO E



**PARECER COM SUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** HISTÓRIA ORAL DE VIDA DE PROFESSORES DE CURSOS DA ÁREA DA SAÚDE DE ESCOLAS PARTICULARES DE NÍVEL TÉCNICO DE SANTA MARIA/RS

**Pesquisador:** Amara Lúcia Holanda Tavares Batista

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 32571320.9.0000.5346

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Santa Maria/ Pró-Reitoria de Pós-Graduação e

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 4.079.340

**Apresentação do Projeto:**

O projeto se intitula "História oral de vida de professores de cursos da área da saúde de escolas particulares de nível técnico de Santa Maria/RS" e se vincula ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica.

No resumo do projeto o seguinte texto: "Para esta pesquisa se levou em conta o atual cenário da educação no Brasil, em que convergem estudos frente melhorias no ensino voltadas para inovações nas práticas docentes. Algumas instituições começam a valorizar os saberes individuais do professor, tais mudanças por parte dos gestores da rede privada, apresentam reflexões e discussões somadas às práticas pedagógicas inovadoras. Para além de atender as demandas mercadológicas, mas também, transformar esses profissionais em sujeitos inovadores nas suas práticas, os reflexos também recaem na permanência do aluno junto à escola. Nesse sentido no contexto da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), se fazem reflexões acerca das relações diretas que vivências e experiências adquiridas ao longo da vida profissional, podem definir a atual situação do sujeito que é professor atuante em instituições com esse perfil. Assim, essa pesquisa tem como objetivo investigar como ocorre a formação de professores de escolas técnicas privadas atuantes em cursos técnicos da área da saúde. Quanto aos aspectos metodológicos, será realizada

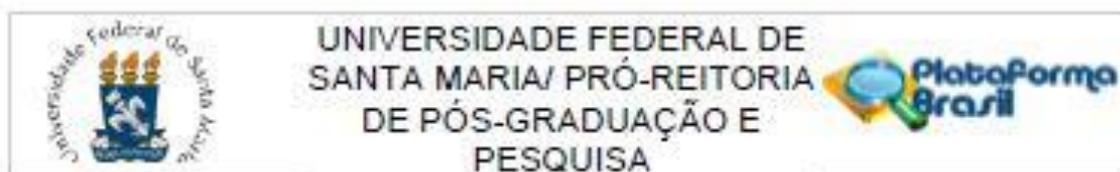
Endereço: Av. Roraima, 1000 - prédio da Reitoria - 7º andar - sala 763

Bairro: Camobi CEP: 97.105-900

UF: RS Município: SANTA MARIA

Telefone: (51)3020-8960

E-mail: ceq.ufsm@gmail.com



Continuação do Parecer: 4.079.340

uma pesquisa de abordagem qualitativa, fazendo uso do método História Oral de Vida (HOV) e para análise dos dados se propõem a Análise Textual Discursiva. Farão parte da pesquisa professores de cursos da saúde atuantes em escolas técnicas da rede privada do município de Santa Maria/RS, que por meio de entrevista pré-agendada irão discorrer sobre sua trajetória de vida profissional. Assim, a partir do processo de autorreflexão, estima-se promover ao professor um momento potente para contribuir para seu desenvolvimento profissional docente, o que pode fomentar a Investidura em cursos de aperfeiçoamento, leituras e demais atividades."

O projeto apresenta revisão bibliográfica inicial, cronograma, orçamento e instrumentos de coleta de dados.

**Objetivo da Pesquisa:**

Investigar como ocorre a formação de professores de escolas técnicas privadas atuantes em cursos técnicos da área da saúde.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Considerando-se as características do projeto, a descrição de riscos e benefícios apresentada pode ser considerada suficiente.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos de apresentação obrigatória podem ser considerados suficientes.

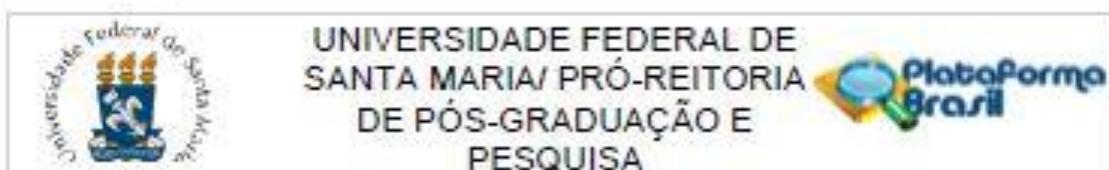
**Recomendações:**

Veja no site do CEP - <https://www.ufsm.br/pro-reitorias/prpgp/cep/> - modelos e orientações para apresentação dos documentos. ACOMPANHE AS ORIENTAÇÕES DISPONÍVEIS, EVITE PENDÊNCIAS E AGILIZE A TRAMITAÇÃO DO SEU PROJETO.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

.

Endereço: Av. Roraima, 1000 - prédio da Reitoria - 7º andar - sala 783  
 Bairro: Camobi CEP: 97.105-970  
 UF: RS Município: SANTA MARIA  
 Telefone: (55)3220-9362 E-mail: cep.ufsm@gmail.com



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA MARIA/ PRÓ-REITORIA  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E  
PESQUISA**

Continuação do Parecer: 4.079.340

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O proponente do projeto é responsável por indenização aos participantes no caso de manifestação de eventuais danos comprovadamente decorrentes da realização da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1556304.pdf	27/05/2020 16:04:44		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEPLATAFORMA.pdf	27/05/2020 16:04:11	Suzel Lima da Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOPLATAFORMA.pdf	27/05/2020 16:01:36	Suzel Lima da Silva	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTOPLATAFORMA.pdf	26/05/2020 17:29:56	Suzel Lima da Silva	Aceito
Outros	SEGASSINADA.pdf	25/05/2020 18:08:16	Suzel Lima da Silva	Aceito
Outros	FISMAASSINADA.pdf	19/05/2020 14:27:49	Suzel Lima da Silva	Aceito
Outros	GAP.pdf	15/05/2020 14:51:04	Suzel Lima da Silva	Aceito
Outros	FICHA.pdf	15/05/2020 14:46:43	Suzel Lima da Silva	Aceito
Outros	CONFIDENCIALIDADE.pdf	15/05/2020 14:45:02	Suzel Lima da Silva	Aceito
Outros	ENTREVISTA.pdf	15/05/2020 14:44:20	Suzel Lima da Silva	Aceito

**Situação do Parecer:**

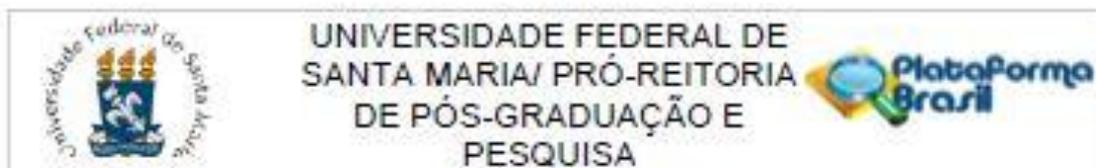
Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

Endereço: Av. Roraima, 1000 - prédio da Reitoria - 7º andar - sala 783  
 Bairro: Camobi CEP: 97.105-970  
 UF: RS Município: SANTA MARIA  
 Telefone: (55)3220-9362

E-mail: cep.ufsm@gmail.com



Continuação do Parecer: 4.079.340

SANTA MARIA, 09 de Junho de 2020

---

Assinado por:  
CLAUDEMIR DE QUADROS  
(Coordenador(a))

## **9 APÊNDICES**

## APÊNDICE A

Nome: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Estado civil: \_\_\_\_\_

Formação: \_\_\_\_\_

Cursos de aperfeiçoamento e especialização:

\_\_\_\_\_

Titulação máxima: \_\_\_\_\_

Tempo de atuação profissional: \_\_\_\_\_

Tempo de atuação como docente: \_\_\_\_\_

Tempo de atuação na atual escola: \_\_\_\_\_

Quantas disciplinas ministra atualmente: \_\_\_\_\_

Carga horária na atual escola: \_\_\_\_\_

**APÊNDICE B****ROTEIRO DAS ENTREVISTAS****Trajetória Profissional**

1. Escolha da profissão
2. Trajetória formativa
3. Experiências de práticas profissionais
4. Realização profissional

**Trajetória na docência**

5. Motivação para a docência
6. Aprendizagem de ser professor
7. Percepções da profissão docente no início da carreira e na atualidade
8. Prós e contras de ser
9. Motivação para atuação na EPT
10. Diferenças entre a docência em instituição pública e privada
11. Orientação a jovem ingressante na carreira docente na EPT

## APÊNDICE C

**Carta de Autorização e cessão**

Cessão de direitos sobre depoimento oral para a Universidade Federal de Santa Maria/  
Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica

EU,....., inscrito(a) no CPF sob nº ....., portador da cédula de identidade nº....., pelo presente termo, autorizo a mestranda Suzel Lima da Silva, juntamente com seu orientador Francisco Nilton Gomes de Oliveira, a publicar as narrativas já revisadas por mim, para o trabalho intitulado **“História oral de vida de professores da área da saúde de cursos particulares de nível técnico de Santa Maria/RS”**. Declaro que as narrativas cedidas são de minha autoria e que assumo, portanto, total responsabilidade pelo seu conteúdo. Autorizo, ainda, a publicação em quaisquer meios e suportes existentes, inclusive no site da instituição de origem do trabalho, na Internet em sites de periódicos, bem como a reprodução em outras publicações de cunho científico. Por ser verdade, firmo o presente e dou fé.

....., .....

Local

Data

## APÊNDICE D

**MATRIZ CATEGORIAL DA INVESTIGAÇÃO**

Nome:

OBJETIVOS	INVESTIGAÇÃO NARRATIVA			
<b>GERAL:</b> Investigar como ocorre a formação de professores de escolas técnicas privadas atuantes em cursos técnicos da área da saúde.				
ESPECÍFICO	EIXOS NORTEADORES	INDICADORES	EXCERTOS	REFERÊNCIAS TEÓRICAS
Conhecer as histórias de vida de professores de escolas técnicas.	Trajetória profissional	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Escolha da profissão</li> <li>✓ Trajetória formativa</li> <li>✓ Experiências de práticas profissional</li> <li>✓ Realização profissional</li> </ul>		
Discorrer a trajetória de formação de professores que atuam em cursos técnicos na área da saúde em escolas privadas.	Trajetória na docência	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Motivação para a docência</li> <li>✓ Aprendizagem de ser professor</li> <li>✓ Percepções da profissão docente no início da carreira e na atualidade</li> <li>✓ Prós e contras de ser docente</li> <li>✓ Motivação para atuação na EPT</li> </ul>		

		<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Diferenças entre a docência em instituição pública e privada</li> <li>✓ Orientação a jovem ingressante na carreira docente na EPT</li> </ul>		
Verificar o que os professores identificam como realização profissional docente.	Sentimento da profissão	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Sentimento de pertencimento na instituição</li> <li>✓ Relação com os colegas</li> <li>✓ Relação com os alunos</li> <li>✓ Valorização do seu fazer (papel docente)</li> </ul>		